

Adriana Tobias Silva

Arte e Devoção

uma experiência de
ensino-aprendizagem
em Artes Visuais por meio das
Festas do Divino Espírito
Santo em São Luís/MA

São Luís, 2018





UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES/PROF-ARTES MESTRADO
PROFISSIONAL EM REDE

ADRIANA TOBIAS SILVA

ARTE E DEVOÇÃO: uma experiência de ensino-aprendizagem em artes visuais por meio das Festas do Divino Espírito Santo em São Luís – MA

São Luís - MA

2018

ADRIANA TOBIAS SILVA

ARTE E DEVOÇÃO: uma experiência de ensino-aprendizagem em artes visuais por meio das Festas do Divino Espírito Santo em São Luís/MA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes, PROFARTES/UFMA, da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, para obtenção do título de Mestra em Arte, subárea: Teatro. Área de concentração: Artes Visuais. Linha da Pesquisa: Abordagem Teórico-Methodológicas das Práticas Docentes

Orientador: Prof. Dr. Marcus Ramúsy de Almeida Brasil

São Luís - MA

2018

Silva, Adriana Tobias.

Arte e devoção : uma experiência de ensino-aprendizagem em Artes Visuais por meio das Festas do Divino Espírito Santo em São Luís - MA / Adriana Tobias Silva. - 2018.

137 f.

Orientador(a): Marcus Ramúsy de Almeida Brasil.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Rede - Prof-artes em Rede Nacional/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2018.

1. Artes visuais. 2. Ensino de Arte. 3. Espaços sagrados. 4. Experiência estética. 5. Festa do Divino Espírito Santo. I. Brasil, Marcus Ramúsy de Almeida. II. Título.

ADRIANA TOBIAS SILVA

ARTE E DEVOÇÃO: uma experiência de ensino-aprendizagem em artes visuais por meio das Festas do Divino Espírito Santo em São Luís/MA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes, PROFARTES/UFMA, da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, para obtenção do título de Mestra em Arte, subárea: Teatro. Área de concentração: Artes Visuais. Linha da Pesquisa: Abordagem Teórico-Methodológicas das Práticas Docentes

Orientador: Prof. Dr. Marcus Ramúsy de Almeida Brasil

São Luís - MA

2018

ADRIANA TOBIAS SILVA

ARTE E DEVOÇÃO: uma experiência de ensino-aprendizagem em artes visuais por meio das Festas do Divino Espírito Santo em São Luís – MA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes, PROFARTES/UFMA, da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, para obtenção do título de Mestre em Arte, subárea: Teatro. Área de concentração: Artes Visuais. Linha da Pesquisa: Abordagem Teórico-Metodológicas das Práticas Docentes
Orientador: Prof. Dr. Marcus Ramúsyo de Almeida Brasil

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcus Ramúsyo de Almeida Brasil (UFMA)

Orientador

Prof. Dra. Viviane Moura da Rocha (UFMA)

1º Examinador – Membro Interno ao Prof-Artes

Prof. Dra. Cidinalva Silva Câmara Neris

2º Examinador – Membro Externo ao Prof-Artes

Prof. Jane Cleide de Sousa Maciel (Suplente)

À minha avó Dionésia (*in memoriam*), que possibilitou meu primeiro contato, ainda que de forma indireta, com a Festa do Divino Espírito Santo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por estar presente em todos os dias da minha vida.

Ao meu pai Waldemar pelo amor e apoio de todas as horas.

À minha mãe Maria Bárbara Santos Tobias, meu esteio, razão das minhas lutas e conquistas, sempre segurando minha mão, minha eterna conselheira.

Ao meu querido avô, João Paulo Gomes Tobias (*in memoriam*), por ter segurado minha mão nos momentos que mais precisei.

Às minhas irmãs Léa, Sheyla, Eliane, por fazerem parte do meu “alicerce” – uma dívida eterna de amor e carinho que não cansarei de retribuir. O que seria de mim sem vocês?

Aos meus sobrinhos Isabele, João Vitor e a mais nova “estrelinha” Mayane Vitória, que decidiu vir ao mundo bem antes da hora, para dar mais alegria à família Tobias.

Ao meu companheiro Murilo Santos, pelas inúmeras Festas de Santo que percorremos pelo Maranhão afora. Esse moço que fez parte da minha vida desde o momento da graduação ao mestrado. Por estimular meu olhar à plasticidade das Festas do Divino Espírito Santo. Pelo incentivo de todos os dias.

À Helena, Iraci, Morena e Marinelze, mulheres à frente das Festas do Divino Espírito Santo e Sant’Ana. Obrigada por resistirem com esse festejo.

Aos coordenadores da Festa do Divino Casa de Mina Santa Maria que nos recebeu com muita gentileza.

Ao meu orientador Ramúsyo Brasil, pela compreensão e direcionamento durante a pesquisa me apresentando novas leituras. Muito obrigada!

À professora Viviane Rocha, por incentivar o estudo e uso da arte Contemporânea nas práticas artísticas na Educação Básica.

Ao professor Almir Valente, que muito contribuiu em breve período de co-orientador e membro da minha banca de qualificação.

Aos Professores Programa de Pós-Graduação em Artes, PROFARTES/UFMA, pela experiência transmitida ao longo desses dois anos, bem como ao secretário Alex Pereira e estagiários que tanto contribuíram para um melhor andamento do nosso mestrado.

Agradeço à CAPES pela bolsa concedida, para realização desta pesquisa. Agradeço à minha coordenadora Márcia Netto, pela amizade e sensibilidade ao entender os momentos em que tive que me ausentar da escola.

Aos amigos da turma de mestrado PROF-ARTES 2015, pelas trocas de experiências ao longo desses dois anos, em especial às colegas de Artes Visuais Renata e Fabiane.

À Andréa Frazão, nossa representante de turma da voz mais doce, irmã e amiga pra todas as horas.

À Monica Rodrigues pelos empurrões e puxões de orelha bem dados. Pelo bom humor capaz de contagiar qualquer um. Pela amizade para toda vida.

Aos meus alunos das escolas UEB Luís Viana e UEB Dr. Neto Guterres por embarcaram com muita vontade nesse projeto, bem como aos professores que cederam seus horários para a realização das ações pedagógicas.

À Leiliane e Suelma, amigas de infância fiéis e dedicadas que estão sempre na primeira fila da torcida pelas minhas conquistas.

Às “meninas”, Lidiane, Welline e Suzana, por cederem seus preciosos ouvidos durante horas, pela força, e por acreditarem em mim.

À Maria Diniz, Denis Carlos, Adriana Manfredini e Laura Rosane pelas palavras certas nas horas que mais precisei.

Aos meus ex-alunos e amigos da escola CEMI Marcelino Champagnat, representados pelo Lucas Ribeiro, meu querido ex-aluno, agora amigo, que me acompanhou em alguns dos momentos desta pesquisa.

A todos que sempre desejaram o melhor para a realização deste trabalho.

*“A leitura social, cultural e estética do
meio ambiente vai dar sentido ao mundo
da leitura verbal”
(Ana Mae Barbosa)*

RESUMO

A presente pesquisa reflete sobre uma abordagem teórico-metodológica por meio da Festa do Divino Espírito Santo em São Luís – MA, eminentemente de terreiros de mina. Busca-se a partir de investigação e sustentação teórica acadêmica, desenvolver formas de estimular o olhar dos alunos do Ensino Fundamental em duas escolas da rede municipal de São Luís, UEB Luís Viana e UEB Dr. Neto Guterres, ao universo da cultura popular. Leva-se em consideração a necessidade de trabalhar conteúdos de arte voltados para as diversidades étnico-raciais pautados nas *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional* (LDB nº9.394/96), Parâmetros Culturais Nacionais de Arte, Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais, Base Nacional Comum Curricular. Aborda-se as possibilidades de repertório visual para o ensino de artes visuais nos espaços sagrados da Festa do Divino. Relata-se as ações pedagógicas por meio de Projeto de Arte com docentes, voltado para análises dos espaços e elementos visuais das Casas de Festas do Divino em pesquisa de campo, fotográfica e videográfica, com o intuito de incentivar a valorização do trabalho de apreciação estética, produção artística e o combate à intolerância religiosa.

Palavras-chave: Artes Visuais. Ensino de Arte. Festa do Divino Espírito Santo. Espaços sagrados. Experiência estética.

RESUMEN

Cette étude reflète sur une approche théorique et méthodologique à travers de la Fête du Saint-Esprit à Sao Luis - MA, éminemment du *terreiros de mina*. Il cherche du support théorique académique, développer des moyens de stimuler le regard des élèves des Écoles Primaires dans deux écoles de la ville de São Luis, UEB Luis Viana et UEB Dr Neto Guterres, l'univers de la culture populaire. Il prend en compte la nécessité de travailler le contenu artistique concentré sur la diversité ethnique et raciale guidée dans la loi des Lignes Directrices et les Bases de l'éducation Nationale (LDB 9.394 / 96), Les Paramètres Culturels Nationaux d'Art, Directrices Nationales sur les Programmes d'Études pour les Relations Ethno-raciales, Base Commune Nationale des Programmes d'Études. Il se rapproche du répertoire visuel des possibilités d'enseignement des Arts Visuels dans les *espaces sacrés* de Fête du Divin. Il est rapporté les actions pédagogiques à travers l'art du projet des enseignants, en mettant l'accent sur l'analyse des espaces et des éléments visuels des Maisons de Fête du Divin dans la recherche sur le terrain, photographique et vidéographique, afin d'encourager la valorisation du travail d'appréciation esthétique la production artistique et la lutte contre l'intolérance religieuse.

Mots-clés: Arts Visuels. Enseignement de l'Art. Fête du Divin Esprit Saint. Espaces sacrés. Expérience esthétique.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 e 2 - Igreja do Carmo – semelhança com o <i>frontispício</i> de um dos <i>altares</i> da Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara (2008)	21
Figura 3 - <i>Altar</i> do Santíssimo Sacramento, Igreja da Sé, São Luís - MA; <i>Altar</i> do Imperador, Alcântara – MA; Esquema do altar especificando os elementos arquitetônicos presentes no altar da Festa do Divino em Alcântara.....	21
Figura 4a - Cortejo do Império no domingo do meio, que antecede o de Pentecostes	23
Figura 4b - Cortejo da imperatriz no domingo de Pentecostes. Imperatriz e aia acompanhadas do mestre-sala	25
Figura 5 - <i>Altar</i> , Santa Croa e o Santo ornamentados para os rituais da Festa do Divino em Alcântara - MA.....	26
Figura 6 - Mastro votivo da Festa do Divino realizada na casa de Mina Santa Maria localizada no bairro do Monte Castelo	29
Figura 7 - <i>Altar</i> da Festa do Divino Espírito Santo e Sant’Ana do bairro da Alemanha – São Luís	44
Figura 8 - Cortejo da busca do “roubo” das vestes do império no bairro da Alemanha	46
Figura 9 - Sala do <i>Altar</i> , bairro da Alemanha	47
Figura 10 - Sala ou corredor dos bolos e <i>lembrancinhas</i>	50
Figura 11 - Salva das caixeiros ao redor do mastro em festejo do Divino e Sant’Ana, bairro da Alemanha	51
Figura 12 - Derrubamento do mastro na F.D.E.S. bairro do Monte Castelo – São Luís frente da Casa da Festa do Divino do bairro da Alemanha onde coloca-se o mastro	52
Figura 13 – Alunos levados por professores à Casas de Festa no período da Festa do Divino Espírito Santo – Alcântara – MA	54
Figura 14 - Alunos e professoras em visita às <i>Casas de Festa</i> durante passeio no Centro Histórico de Alcântara no período de Festa do Divino Espírito Santo – Alcântara – MA.....	55
Figura 15 - Sala do altar revestida com tecido drapeados e acabamento em flores artificiais em Festa do Divino e Sant’Ana – Bairro da Alemanha.....	58

Figura 16 - Apolo coroado com murta (que, curiosamente, é um dos elementos mais utilizados na decoração do <i>mastro votivo</i> – Cálice em cerâmica (taça rasa de duas alças) 480 - 470 a. C – Museu arqueológico Delphi.....	61
Figura 17 - Santa Croa de Alcântara, peça fundamental durante os cortejos do Imperador ou imperatriz. No decorrer do ano tal peça é guardada no Museu Casa Histórica de Alcântara. Alcântara – MA.....	62
Figura 18 - Santa Croa da Festa do Divino Espírito Santo e Sant’Ana. Bairro da Alemanha, São Luís – MA.....	62
Figura 19 – Detalhe do <i>mastro e mastaréu</i> com uma pintura de Sant’Ana. Festa do Divino Espírito Santo e Sant’Ana, bairro da Alemanha – São Luís – MA.....	64
Figura 20 - <i>Pentecostes e A Assunção da Virgem</i> – El Greco, 1596-1600	66
Figura 21 - Altar encimado por pomba de asas abertas - Festa do Divino e Sant’Ana, bairro da Alemanha, São Luís – MA.....	67
Figura 22 – Antônio de Coló, mestre-sala e artesão, finalizando montagem de um dos altares da Festa de Alcântara.....	71
Figura 23 - Estandarte do Divino de Péricles Rocha.....	71
Figura 24 - <i>Caixeiros do Divino, 25/40</i> – Xilogravura de Airton Marinho	72
Figura 25 - Artista Leônidas Portela em atuação no projeto “Divino” – 2013	73
Figura 26 - Alunos da Escola UI Poeta Gonçalves Dias realizando prática artística. 74	
Figura 27 – Registro realizado por aluna durante a Festa do Divino Espírito do bairro do Apeadouro, São Luís – MA	77
Figura 28 – Registro da culminância do projeto Divino Espírito Santo: Arte e Devoção como Identidade Cultural	77
Figura 29 - Localização da Escola UEB Luís Viana e da Casa da Festa do Divino Realizada no Bairro da Alemanha.....	79
Figura 30 - Localização da Escola UEB Luís Viana e da Casa da Festa do Divino Realizada no Bairro da Alemanha.....	79
Figura 31 - Tabela carga/horária/anual dos componentes curriculares.....	82
Figura 32 - Cortejo do Divino na Festa de Sant’Ana passando em frente à escola UEB Luís Viana	84
Figura 33 – Copa da Casa ainda como espaço para realização dos preparativos da Festa	83

Figura 34 – Seu Rosivaldo incorporado por Maria Cabocla segurando o Santo e a vela	88
Figura 35, 36, 37 e 38 – Visita dos alunos da escola UEB Luís Viana aos espaços sagrados da Festa do Divino Espírito Santo da Casa de Mina Santa Maria	102
Figura 39, 40, 41 e 42 – iconografia da Festa do Divino. Fotografias realizadas pelos alunos. Festa do Divino, Monte Castelo, São Luís – MA	104
Figura 43, 44, 45 e 46 – Visita dos alunos da escola UEB Luís Viana aos espaços sagrados da Festa do Divino Espírito Santo da Casa de Mina Santa Maria	105
Figura 47 e 48 - Apreciação das imagens fotográficas e audiovisuais – UEB Luís Viana	106
Figura 49 – Exibição do vídeo Divino Artista aos alunos da escola Ueb Dr. Neto Guterres	107
Figura 50, 51, 52 e 53 – Frames de vídeos realizados durante Festa do Divino no bairro do Angelim, São Luís – MA. Fonte: arquivo pessoal- 2016.....	108
Figura 54 - instalação de Yoko Ono: <i>Árvore os Pedidos para o mundo</i> , 2011	110
Figura 55 e 56– Apresentação de seminário aos alunos do 8º ano da escola UEB Luís Viana	111
Figura 57, 58, 59 e 60 – Sequência de imagens – alunos participando da oficina de Arte com os alunos do 7º e 8º ano	111
Figura 61 - Grade escolhida pelos alunos para montagem da instalação artística .	112
Figura 62, 63, 64 e 65 – Montagem e finalização da instalação artística. Fonte: Foto da autora	113
Figura 66 – Trabalho de Banksy - uma pomba com o colete à prova de bala - Belém Cisjordânia) – Fotografia de David Silverman	114
Figura 67 e 68 – Elaboração de projeto para pintura mural o mural	115
Figura 69 e 70 – Produção dos estêncis baseado nos símbolos da Festa do divino	115
Figura 71 à 77 - Montagem e finalização do mural pela paz e respeito à religião do outro divino	117

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	13
1 A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO E AS POSSIBILIDADES PARA O ENSINO DAS ARTES VISUAIS	20
1.1 A Festa do Divino Espírito Santo	22
1.2 Diversidade Étnico-racial e cultural: para além da obrigatoriedade	30
2 ESPAÇOS SAGRADOS E SEUS ELEMENTOS: experiência estética	40
2.1 Os espaços de devoção ao sagrado	42
2.1.1. Sala do Altar	48
2.1.2 Sala ou corredor dos bolos e lembranças	49
2.1.3 Área do <i>mastro</i>	50
2.2 Repertório visual da Festa do Divino Espírito Santo:	52
2.3 Simbologia da Festa – o que vemos, como sentimos	59
2.3.1 A coroa	60
2.3.2 O <i>mastro</i>	63
2.3.3. <i>Pomba</i>	65
2.4 Partindo para uma experiência estética	67
3 ARTE E DEVOÇÃO - experiência estética a partir do universo das festas do Divino Espírito Santo.....	74
3.1 Construção da experiência: espaços eleitos para realização do projeto	78
3.2 As particularidades da Festa do Divino Espírito Santo nos bairros da Alemanha e Monte Castelo	84
3.2.1. Festa do Divino no bairro da Alemanha	84
3.2.2. Festa do Divino no bairro do Monte Castelo	87
3.3 Já participei! Driblando a intolerância	89
3.4 Mediação teórico-metodológicas: escolha das expressões e técnicas artísticas	94
3.5 Processos de criação artística: A pomba do Divino e as mensagens contra a intolerância religiosa	99
3.5.1 Festa do Divino – Visita aos espaços sagrados – Alunos da escola UEB Luís Viana	101
3.5.2 Processo de pesquisa com os alunos da escola UEB Dr. Neto Guterres	106

3.5.3 Poéticas visuais – fazer artístico – UEB Luís Viana e UEB Dr. Neto Guterres	108
CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
REFERÊNCIAS	123
APÊNDICES	129
ANEXOS	135

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Utilizar como laboratório de estudo as manifestações da religiosidade popular, mais precisamente, a Festa do Divino Espírito Santo, em São Luís/MA, é uma iniciativa que resulta na valorização da cultura popular, acatando as demandas hoje também atendidas por ações de salvaguarda¹ por parte de órgãos oficiais, como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), ligados à preservação do patrimônio cultural material e imaterial brasileiro. Essas manifestações expressam seus significados por meio de um sincretismo de linguagens: a dança, a música e as expressões plásticas.

Os alunos da escola pública municipal do Ensino Fundamental Unidade de Educação Básica Luís Viana localizada no bairro da Alemanha e da Unidade de Educação Básica Dr. Neto Guterres, localizada no bairro do Angelim, foram os discentes com os quais trabalhei para a presente pesquisa. Alunos do 9º ano do ensino fundamental, séries finais, são jovens com idade de 14 a 16 anos, oriundos de diversos bairros da Ilha de São Luís, onde há ocorrências de manifestações populares ligadas às casas de culto. A partir daí surgiu a motivação em seguir a linha de pesquisa *Abordagens teórico-metodológicas das práticas docentes*, com a intenção de se buscar uma proposta relacionada ao tema para essa dissertação. Deste modo, parti do pressuposto de que esses educandos já possuem uma proximidade com esse universo da cultura popular cercada por uma riqueza visual, mas que frequentemente é vista de forma preconceituosa por desconhecerem o valor cultural, tanto material quanto imaterial.

Dessa maneira, darei ênfase à Festa do Divino Espírito Santo² visando este campo de pesquisa, o qual se busca alcançar a aprendizagem no ensino da Arte partindo da prática social do aluno, no campo da cultura material e imaterial. No processo de criação, onde será possível lançar mão das novas tecnologias com o uso

¹ “O princípio do trabalho de salvaguarda do patrimônio cultural imaterial é compartilhar responsabilidades e informações. É desenvolver um estreito contrato com os grupos sociais, que produzem, reproduzem e transmitem esse patrimônio, os projetos de mapeamento, identificação, registro e fomento à valorização e à quantidade de bens culturais” (IPHAN, 2006, p. 9).

² . Como forma de abreviar as referências em relação a Festa do Divino Espírito Santo, em alguns momentos se usará os termos: *Festa do Divino*, *Festejo ao Divino*, *a Festa*.

de câmeras fotográficas e/ou dispositivos móveis para produzir imagens de aspectos da cultura popular maranhense, propus a utilização das expressões da religiosidade na Arte Contemporânea direcionada ao ensino da Arte.

Tal proposta de pesquisa teve seu início no processo de investigação e elaboração da monografia³ ao concluir o curso de Educação Artística em 2009. Naquele momento, tive contato de forma direta com a Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara - MA e pude perceber que nos adornos produzidos para as diferentes etapas do ritual encontrei não apenas elementos de artes visuais, mas também os adereços, que expressam o ambiente cultural e histórico em forma de reproduções em escalas decorativas de edificações religiosas e civis. Um exemplo disto são os altares para os ambientes internos das *casas de festa*, confeccionados por artesãos especializados. Invariavelmente, esses são elaborados como representações de elementos herdados da arquitetura clássica e elementos do barroco, encontrados nas edificações históricas da cidade. Os adereços da Festa do Divino exibem cores, formas, proporção, texturas, bidimensionalidade e tridimensionalidade, constituindo-se em um vasto campo bastante propício para as experiências e apreciação artística.

A monografia buscou identificar esses elementos com vistas a uma futura experiência de ensino da arte, por meio da aplicabilidade da proposta, visto que os elementos observados em Alcântara também ocorrem em São Luís, nas dezenas de Festas do Divino localizadas por toda a Ilha. Entretanto, reconheço que a intenção proposta de aplicabilidade da experiência sugerida pela monografia, a qual se faz na prática docente cotidiana, carecia de maior aprofundamento teórico e metodológico, que busquei na presente pesquisa de mestrado.

Tive a oportunidade de exercitar essa prática, voltada para a multiculturalidade (RICHTER, 2008) e alteridade, tanto em escolas privadas como em escolas da rede pública, e ao longo dessa trajetória como arte/educadora percebi que o público alvo com o qual trabalho é oriundo das camadas populares, camadas estas, que estão no universo das expressões populares, frutos de interesse do Estado brasileiro por meio

³ Monografia de conclusão do curso de Educação Artística pela Universidade Federal do Maranhão, cujo o título era "A arte da devoção: os altares da Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara – MA". Na citada monografia, realizei, em especial, análises dos aspectos plásticos e estruturais dos altares feitos para a Festa do Divino de Alcântara.

dos inventários, como por exemplo, o Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) a cargo do IPHAN.

Antes de articular com a Lei de nº 10.639/03, que contempla o ensino da História e cultura afro-brasileira, a motivação não parte do princípio de uma obrigatoriedade legal, mas sim pelo vínculo com esse universo da cultura popular por meio dos alunos e também por minhas raízes familiares, com proximidade a esses festejos religiosos que mesclam o fazer e a devoção. O fato de ser neta de dona uma caixeira que tocava para o Divino Espírito Santo no bairro da Liberdade, hoje considerado um dos bairros mais violentos de São Luís e que concentra uma grande variedade de práticas relacionadas à cultura popular, faz com que, hoje, entenda o quanto é necessário aproximar-me dessa prática social, que frequentemente, aqui em São Luís, também é a prática social do aluno.

Tais experiências nesses festejos leva a perceber que a arte pode percorrer o universo da cultura popular, por possuir uma marca da tradição, mas a postura dos participantes dos festejos, dos que produzem esses festejos é invariavelmente a postura de alguém que lida com os elementos artísticos da contemporaneidade e que hoje veem nessa valorização uma forma de projeção.

Praticamente todas as expressões, brincadeiras, os grupos outrora considerados folclóricos vêm se transformando em Ponto de Cultura⁴, produzindo oficinas e essas oficinas convivem perfeitamente com a Arte Urbana. Não raros artistas contemporâneos são frequentadores e participantes desses movimentos da cultura popular, como Festa do Divino, grupos de Bumba-meu-boi, Tambor de Crioula, utilizando-se de instrumentos musicais presentes em tais manifestações como tambores, matracas, caixas, dentre outros, para suas composições artísticas.

A *problemática* desta pesquisa refere-se a um processo de an(*estesia*) de adolescentes frente a uma manifestação cultural de grande relevância como a Festa do Divino Espírito Santo em São Luís. Para utilizar o termo *estesia*, busquei

⁴ “É a entidade cultural ou coletivo cultural certificado pelo Ministério da Cultura. É fundamental que o Estado promova uma agenda de diálogos e de participação. Neste sentido os Pontos de Cultura são uma base social capilarizada e com poder de penetração nas comunidades e territórios, em especial nos segmentos sociais mais vulneráveis. Trata-se de uma política cultural que, ao ganhar escala e articulação com programas sociais do governo e de outros ministérios, pode partir da Cultura para fazer a disputa simbólica e econômica na base da sociedade.” (<http://www.cultura.gov.br/pontos-de-cultura>. Acesso em 24/07/2017).

explicações no livro de Ana Claudia de Oliveira, *Do inteligível ao sensível – em torno da obra de Algirdas Julien Greimas*, que permitiu entender que se pode referir às vivências de apreciação das Festas do Divino Espírito Santo, como uma experiência estética. Dessa forma, pretendo aprofundar algumas questões no decorrer desta pesquisa, tais como: a realização de *uma experiência de ensino aprendizagem em Artes Visuais a partir das Festas do Divino Espírito Santo; encontrar formas de estimular o olhar do aluno para valorização da sua própria cultura e a cultura do outro; utilizar os fazeres culturais, que compõem os espaços sagrados da Festa do Divino Espírito Santo como possibilidade para o Ensino da Arte; A ornamentação dos espaços ritualísticos nos domicílios, transformados em casas de festa, tornando-os “barroco”, referenciados nas igrejas locais, passam a sacralizar esses ambientes.*

Por meio dessa problematização a presente dissertação pergunta: *Como os alunos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem da arte proposta irá responder à sua interação estética com a Festa do Divino Espírito Santo?* Diante dessa problematização surge o *Objetivo Geral* desta pesquisa: *Investigar a estética da Festa do Divino Espírito Santo como potencialidade para o desenvolvimento de metodologias do ensino da Arte.* Os *objetivos específicos* para esta pesquisa foram: *1 - Realizar o ensino das Artes Visuais por meio da visualidade da Festa do Divino Espírito Santo como conteúdo relacionado à diversidade étnico-racial e cultural; 2 - Estimular o olhar do aluno do ensino fundamental, séries finais, no sentido de perceber e valorizar os elementos estéticos considerados sagrados na Festa do Divino em São Luís; 3 - Fomentar, entre os alunos, discussões sobre intolerância religiosa a partir da imersão teórica e prática dos alunos nas Festas do Divino Espírito Santo localizada no entorno da escola municipal UEB Luís Viana e UEB Dr. Neto Guterres; 4 - Relatar experiências de ensino-aprendizagem em Artes Visuais por meio das Festas do Divino Espírito Santo em São Luís - MA com o uso de técnicas da Arte Urbana.*

Em face do problema colocado, busquei partir das seguintes hipóteses:

1. Os elementos que compõem a visualidade plástica nas expressões da cultura popular, especificamente na Festa do Divino Espírito Santo em São Luís – MA, contém noções estéticas compartilhadas e valorizadas por um determinado grupo social que pode desencadear saberes no campo do ensino da Arte;

2. A imersão de alunos na prática dos rituais da Festa, seja por meio de materiais audiovisuais ou presencial, agregam maneiras de compreensão sobre o ensino da Arte numa educação para além da sala de aula, promovendo a sensibilização do seu olhar;

3. Os espaços rituais com seus elementos artesanalmente produzidos para uma função ritualística no entorno do *mastro*, a sala do altar, as salas onde ficam localizados doces, bolos e lembranças da Festa, são considerados locais sagrados que se constituem em espaços museais para apreciação da arte;

4. Trabalhar com conteúdos relacionados à religiosidade popular, a partir da imersão teórica e prática, estimula o combate aos preconceitos e a chamada intolerância religiosa no ambiente escolar.

Fazendo uma breve pesquisa em revistas indexadas pela Capes, encontrei diversos artigos que abordam a Festa do Divino Espírito Santo em inúmeras cidades brasileiras. Deparei-me com alguns trabalhos, sendo que o que mais se aproxima é o artigo *Entre o Divino e os homens: a arte nas Festas do Divino Espírito Santo* de José Reginaldo Santos Gonçalves e Marcia Contins na revista *Horizontes Antropológicos* (2008). Assim como a maioria dos artigos e teses que se encontram sobre o objeto de pesquisa, o artigo citado vai tratar da Festa do Divino, da arte, dos espaços e objetos sagrados, porém, o mesmo não perpassa pelas problemáticas existentes no ensino da Arte, tampouco é voltado para uma experiência em artes visuais com um público da educação básica, o que se aborda na presente pesquisa.

Para a realização da pesquisa, foi necessário destacar a importância dessas manifestações populares, pois, por meio delas, se é identificado, se é interligado, fazendo-se necessárias propostas para o ensino das artes visuais que contemplem a diversidade da nossa cultura.

A metodologia desenvolvida nesta pesquisa foi de caráter qualitativo por se basear em “interpretações das realidades sociais” dos alunos (ALLUM; BAUER; GASKEL, 2015, p. 23) e etnográfico seguido do meu relato de experiência.

O *primeiro capítulo* trata da descrição das Festas do Divino Espírito Santo em Alcântara e São Luís. Embora a pesquisa se refira às experiências em duas Festas do Divino em São Luís, enfatizo que, por se ter em Alcântara esse primeiro contato direto com a Festa do Divino, hora ou outra mencionarei com vistas em realizar

algumas comparações que se fazem necessárias no decorrer da escrita. Por entender que as Festas do Divino em São Luís possuem uma ligação com as religiões de Matriz africana, destaco os seguintes documentos, em trechos que remetem à necessidade de trabalhar as diversidades étnico-raciais: *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional* (LDB nº 9.394/96), Parâmetros Culturais Nacionais de Arte, Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e a Base Nacional Comum Curricular. Identifico em Ana Mae Barbosa, Ana Amélia Bueno Buoro e Ivone Richter apoio no que tange as questões da sensibilização do olhar do aluno ao seu universo cultural.

O *segundo capítulo*, direciona-se a uma estética popular ligada ao sagrado presente nas *casas de Festa* do Divino, assim, realizo análises caracterizando os elementos presentes nesses espaços expressivos considerados sagrados e fortalecer a necessidade de preservar tal Patrimônio Cultural imaterial. Levando em consideração as contribuições de Mircea Eliade quando se refere à santificação dos espaços e a relação entre sagrado e profano; Michol de Carvalho e a classificação das Festas do Divino como *ritual barroco*; as pesquisas de Sérgio Ferretti em que este, descreve a Festa do Divino na Casa das Minas; Stuart Hall que destaca a importância da identidade Cultural; Michel de Certeau com os conceitos de *espaço e lugar* e a estética do cotidiano; Ana Claudia de Oliveira e o conceito de experiência estética. Além de se dissecar sobre a simbologia da Festa, trouxe para este trabalho, algumas análises sobre o olhar de artistas maranhenses que utilizaram a Festa do Divino Espírito Santo como inspiração para alguns de seus trabalhos.

No *terceiro capítulo*, que se inicia como relato de experiências, também tomei a liberdade de relatar experiências anteriores pautadas na abordagem triangular de Ana Mae Barbosa, experiências estas que impulsionaram a realização desta pesquisa, juntamente com os alunos do ensino fundamental. Para realização deste trabalho, senti a necessidade de situar o leitor em relação à localidade e ambiente escolar destacando os espaços eleitos para a construção dessa experiência. Para tanto, nesse capítulo optei por dar ênfase à localização das escolas e o quanto estão próximas aos Festejos do Divino. Foquei em questões que falam sobre o combate à intolerância religiosa buscando o reconhecimento da importância dessa valorização da sua própria cultura e a cultura do outro. Tal temática é reforçada nos relatos das

práticas artísticas que complementam nossa experiência estética por meio de um resultado a partir de poéticas visuais com o auxílio das técnicas presentes na Arte Urbana, como Instalações artísticas, pintura mural e estêncil.

Embora haja no título da dissertação uma ênfase à Festa do Divino Espírito Santo, faz-se necessário deixar claro, que tal pesquisa, apresenta seu *corpus* no tocante dessa experiência com nossos alunos nesses espaços recorrentes às manifestações culturais onde o ensino-aprendizagem em Arte pode e deve acontecer em consonância a qualquer outra expressão popular existente no universo cultural dos alunos. Dessa forma, entendo que, tais espaços, trazem inúmeras possibilidades para abordar o ensino de Arte pelo viés da cultura popular, onde pode ocorrer um aprendizado para além das paredes da escola.

1 A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO E AS POSSIBILIDADES PARA O ENSINO DAS ARTES VISUAIS

Abordar o ensino da Arte pelo viés do universo cultural do aluno é, dentre inúmeros métodos, uma forma de ter o processo de ensino-aprendizagem alcançado, pois este se dá, de certa forma, em uma ligação direta com a prática social do aluno. Dentro desse processo, o discente não deve ser tolhido de apreciar as artes consagradas mundialmente, muito menos deixar de valorizar sua própria cultura, a arte local e ampliar o conceito de arte por meio da multiculturalidade. E por que não realizar analogias entre a arte erudita e a arte popular? Dessa forma, observei a importância de instigar o olhar do aluno para o seu entorno, ao que lhe pode ser considerado familiar, e perceber que o processo de ensino-aprendizagem pode ocorrer a partir do envolvimento da comunidade escolar com as manifestações artísticas e culturais locais.

Em rituais de terreiro e casas de *promesseiros* (aqueles que realizam manifestações populares como forma de retribuição a um santo ou entidade sagrada, devido a graça alcançada) em São Luís do Maranhão dentre outros municípios do estado, é frequente a inclusão de ladainhas em etapas específicas do ritual. Uma das mais utilizadas é de autoria de Antonio Rayol, um importante compositor maranhense do século XIX de formação erudita. A ladainha é cantada por *rezadores* das comunidades, em “latim caboclo”, na maioria das festas que tive a oportunidade de presenciar, como Festa do Divino, Festa de Santa Tereza em Itamatatua, Festa a São Benedito em Cajual, Festa de Santa Bárbara no bairro do Goiabal/São Luís, dentre outras realizadas no Maranhão. Portanto, aqui se verifica uma apropriação popular da arte considerada erudita.

Os interiores das *casas de festa* são adornados com peças de caráter escultórico e outros elementos, por vezes montados seguindo lógicas de simetrias, por exemplo, utilização de cores como elementos simbólicos. Em muitos casos, esses elementos são inspirados em adornos internos e externos das igrejas, especialmente quando próximas do estilo barroco, como se pode ver na Figura 1 e 2.

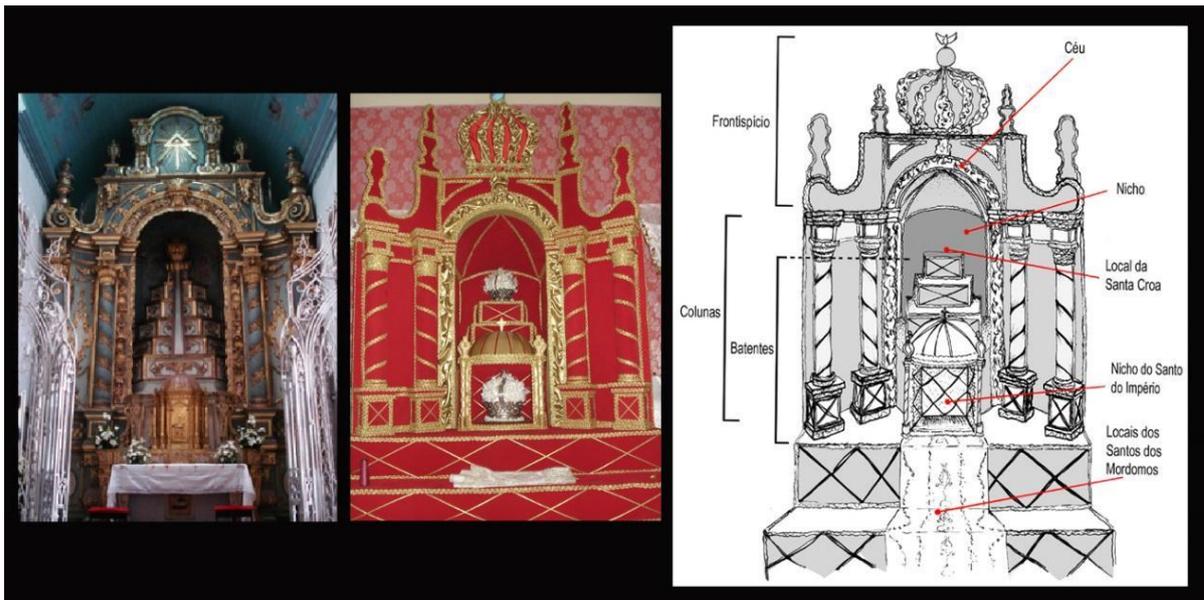
Figura 1 e 2 - Igreja do Carmo – semelhança com o *frontispício* de um dos *altares* da Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara



Foto: Foto da autora (arquivo pessoal - 2008)

Chego a esta constatação quando da pesquisa no Trabalho de Conclusão do Curso de Educação Artística intitulado de “Arte da devoção – os *altares* da Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara Maranhão”, levando a uma reflexão sobre proximidade entre arte erudita e popular (Figura 3).

Figura 3 - *Altar* do Santíssimo Sacramento, Igreja da Sé, São Luís - MA; *Altar* do Imperador, Alcântara – MA; Esquema do altar especificando os elementos arquitetônicos presentes no altar da Festa do Divino em Alcântara.



Fonte: Esquema com fotografias e desenhos da autora (arquivo pessoal). (2009)

Portanto, quando direciono o foco para a Festa do Divino, busco destacar uma, dentre tantas manifestações populares que exibem cores, formas, proporção, texturas, bidimensionalidades e tridimensionalidades, constituindo-se em vasto campo propiciatório de experiências de apreciação artística.

1.1 A Festa do Divino Espírito Santo

A Festa do Divino Espírito Santo é uma manifestação popular realizada em quase todo o Brasil em devoção ao Divino Espírito Santo, cuja representação se dá pela imagem de uma pomba. Esta festa, bastante popular no Brasil, originou-se em Portugal com a edificação da Igreja do Espírito Santo em Alenquer, firmada pela Rainha Dona Isabel, no século XIII (LIMA, 1988, p. 21). Tal festejo apresenta algumas particularidades no Maranhão. Em se tratando de São Luís, pode-se perceber que a maioria das festas são realizadas nos chamados Terreiros de Mina⁵.

No Maranhão, a festa acontece, em geral, no mês de maio, podendo ocorrer em datas fixas nos demais meses do ano, em diferentes casas de culto afro-maranhense, assim denominadas de terreiros de tambor de mina.

A Festa chega ao Maranhão no século XVII, período em que o país está no processo de colonização. Assim, afirma Carvalho (2008, p. 5): “Presume-se que o festejo chegou junto com os casais de colonos vindos das ilhas açorianas, que por aqui aportaram entre 1615 e 1625, levando este culto festivo para Alcântara”. Uma festa de origem portuguesa que ganhou características peculiares aqui no Maranhão.

Segundo o professor e antropólogo Sérgio Ferretti:

A festa do Divino reflete aspirações de abundância e de glórias do passado que estão presentes nas classes populares. É uma festa comunitária que ritualiza a colaboração e a fartura conseguida através da organização e da criatividade popular. É uma festa solene e muito ritualizada que se destaca mais pelo cumprimento do dever e da obrigação, do que pelos elementos de brincadeira, que, entretanto, estão presentes em certos momentos (FERRETTI, 2007, p. 3).

Essas “aspirações de abundância” mencionada por Ferretti, são perceptíveis na maioria das Festas celebradas em nosso estado, seja a casa mais simples à mais

⁵ O Tambor de Mina é uma religião “afro-brasileira” comum no Maranhão e em grande parte da região amazônica que se caracteriza pelo culto a entidades espirituais conhecidas como voduns, orixás, encantados e caboclos. Através dos toques de tambor, cabaças (chocalhos) e agogôs (ferros) e a entoação de cânticos e louvores, estas entidades são evocadas e incorporadas pelos seus filhos-de-santo (FERRETTI, 2000).

sofisticada, é comum se perceber esse esmero na composição e ambientações desses espaços. Em São Luís, diferentemente de Alcântara onde se encontra cerca de 8 a 13 casas ambientadas para o Divino, percebe-se, nas moradias localizadas em áreas urbanas e rurais uma busca pela luxuosidade nas ornamentações, perdendo assim, o caráter de simples moradia.

Para se compreender o contexto da Festa do Divino no Maranhão, falarei do cenário da Festa de Alcântara - Maranhão, por ser a única festa maranhense que movimenta uma cidade inteira, transformando-a num palco para o Império do Divino passar (Figura 4), influenciando, assim, a rotina da cidade. Há um grande número de visitantes nesta cidade no período da Festa: moradores de povoados vizinhos, de São Luís e turistas de variados lugares, partem para Alcântara nos dias de festa em barcos, lanchas e catamarãs.

Figura 4a - Cortejo do Império no domingo do meio, que antecede ao de Pentecostes.



Fonte: (arquivo pessoal). Fotografia retirada pela ex-aluna Kesiane Viegas (2016).

Em Alcântara, a festa é, também, popularmente conhecida como “Festa de Maio” e acontece de acordo com o calendário católico, culminando com o Domingo de Pentecostes, cinquenta dias após a Páscoa. Uma Festa carregada de particularidades. A cada ano, no último dia da Festa, é feita a leitura do *piloro*, documento com nome de todos os festeiros que organizarão a Festa do ano seguinte. Uma vez aceitos os resultados, ficam definidos para o ano vindouro os representantes

do império da festa, os *festeiros*, que escolhem e vestem ricamente uma criança ou adolescente para representá-los no denominado *trono*. Para iniciar o período dos rituais da festa propriamente dita, realiza-se a abertura da *Tribuna*.⁶

Participam também, desse grupo de *festeiros*, pessoas da comunidade que tenham feito promessa ao Divino. O número de *festeiros* pode chegar a doze, dependendo dos recursos financeiros e materiais fornecidos pelas autoridades locais (LIMA, 1988). Esse grupo de *festeiros* é composto por pessoas que passam a ser denominadas *mordomas e mordomos baixos, mordoma ou mordomo régio*. Em um ano é escolhida uma pessoa para representar o *imperador* e, no ano seguinte, uma *imperatriz*. A alternância dos gêneros nesta escolha é uma peculiaridade da Festa do Divino Espírito Santo, em Alcântara, onde em geral, os anos ímpares é para imperador e pares para imperatriz.

Na sede de Alcântara, a igreja do Carmo é palco dos diversos rituais da festa. Nesta igreja são realizadas as seguintes missas: *A Missa do fogo* (que acontece no Sábado de Aleluia), *Missa da Quinta-feira de Ascensão*, *a missa do Domingo do Meio* e *a Missa do Domingo de Pentecostes*. Durante essas missas, os Membros da Corte são organizados em tronos ricamente ornamentados à direita e à esquerda da nave (principal corredor das igrejas), próximos do altar. De um lado, e com muita elegância, ficam o *mordomo régio* e os *mordomos-baixos* e do outro, o *imperador*, acompanhado dos *vassalos*. Quando *imperatriz*, acompanhada de suas *aias* (*aia do leque, aia da coroa*) e do seu *vassalo*.

Em diversos momentos dos rituais, as solenidades são acompanhadas por meninos e meninas que representam os *bandeireiros* e as *bandeirinhas*⁷ respectivamente, e por mulheres que tocam caixas, as chamadas *caixeiras*, que cantam e tocam músicas (as *toadas*) específicas para cada situação. Todos os passos, dos vários rituais que integram a festa, executados pelos *festeiros*, são conduzidos por um membro da comunidade, conhecedor da tradição da festa,

⁶ “Tribuna do império é geralmente armada como uma ampliação do altar católico dos terreiros. Inclui trono com cadeiras especiais onde sentam as crianças que representam o império. Costuma ser revestido de tecidos finos, de cores variadas, decorados com guirlandas” (FERRETTI, 2005).

⁷ Meninos e meninas que portam bandeiras durante os rituais da Festa do Divino Espírito Santo. Os bandeireiros costumam carregar uma grande bandeira com a imagem de um pombo bordada e as meninas carregam bandeiras menores seguindo sempre atentas para determinados momentos durante a Festa.

chamado de *mestre-sala* (Figuras 4a e 4b). Os doze dias de festa são marcados pela troca de visita entre os *festeiros*. Cada um deles promove uma festa no dia da visita à casa do denominado *Império*.

Figura 4b – Cortejo da imperatriz no domingo de Pentecostes. Imperatriz e aia acompanhadas do mestre-sala



Fonte: Fotografia da autora (arquivo pessoal - 2008).

Para a concretização do ritual, as *casas de festa*, inclusive a do *Império*, os ambientes são montados e adornados, em geral, nos espaços que ocorrem os momentos solenes: *altar* ladeado de cadeiras com revestimentos e enfeites suntuosos, chamados de *trono*. As mesas do *império*, as mesas das *caixeiras* e as mesas dos convidados e demais visitantes configuram também o espaço ritualístico. A confecção das peças, as cores e texturas dos materiais que revestem os *altares* podem ser sugeridas pelos artistas e artesãos como também podem ser determinadas pelos *festeiros* e, neste caso, quase sempre estão intimamente ligadas às particularidades das promessas ou outras injunções atribuídas ao sagrado.

Cabe aos *festeiros* mobilizar os recursos adquiridos e doados para a festa daquele ano, para a produção das peças e as ambientações dos espaços rituais, da forma mais sofisticada possível. Para tanto, contratam artesãos ou artistas especializados para as tarefas mais complexas. Membros da família do *festeiro*, vizinhos e amigos também participam voluntariamente na decoração de ambientes,

na produção das chamadas *lembranças* e demais peças, transformando, alguns materiais como isopor, madeira, arames, em arte, segundo conceitos estéticos próprios.

A festa do Divino Espírito Santo em Alcântara é marcada por uma intensa atividade de produção de elementos plásticos indispensáveis para o transcurso do ritual. Segundo o Antropólogo e também morador da Cidade de Alcântara, Carlos Aparecido Fernandes, dentre os elementos que foram destacados, três deles carregam muita importância para a Festa: O *Santo*, A *Santa Croa* e o *Altar* (Figura 5). O *Santo* por ser o representante do Homenageado da Festa (Espírito Santo), A *Santa Croa* por tratar-se de um objeto de prata da era imperial, com uma pomba – ícone que pode ser visualizado em vários momentos da festa e o *Altar*, por ser rico em ornamentos, simbologias e ainda por possuir um nicho onde ficará, durante toda a festa, ocupado por um *santo*, como disse mestre-sala e artesão da Festa do Divino de Alcântara, Antônio Tavares, mas conhecido como Antônio de Coló: “o Altar não pode ficar sem Santo”. Os batentes, além do nicho, também são utilizados como lugar de “repouso” dos *santos* que são preparados para cada momento da festa – branco para a quinta-feira de Ascensão, Azul para o Domingo do meio e o vermelho para o Domingo de Pentecostes.

Figura 5 - Altar, Santa Croa e o Santo ornamentados para os rituais da Festa do Divino em Alcântara - MA



Fonte: fotografias da autora (arquivo pessoal – 2008 a 2017)

Nas **Festas do Divino Espírito Santo realizadas em São Luís** é perceptível outro cenário, diferentemente de Alcântara, a celebração ao Divino acontece, ao longo do ano, em dezenas de casas de culto afro-maranhense denominadas de *terreiro de mina*. Podem ocorrer também, em casas onde os seus realizadores têm ligação direta às religiões de matriz africana, o que é perceptível, quando se observam os detalhes das ambientações. À medida que se permite um envolvimento com os rituais das festas, os sentidos recebem estímulos que levam a uma experiência única. Quando em Alcântara têm-se aparentemente uma festa do catolicismo popular, em São Luís, pelo menos nas casas que pude visitar há essa intensificação para com os terreiros, ainda que estas, também sejam ligadas ao catolicismo.

A Festa do Divino em São Luís acontece geralmente em uma casa, que funciona como um ponto principal, em que seus rituais são interligados a alguns pontos específicos – uma igreja, local de busca do mastro, casas onde alguns objetos da corte serão escondidos, em um ritual chamado *roubo*, para que estes sejam resgatados – assim, a Casa é o ponto de partida e ponto de chegada e nesses percursos, a população e os espaços cotidianos passam a ser cenário para a Festa do Divino Espírito Santo.

Durante aproximadamente uma década, presenciei diversos festejos em vários bairros de São Luís: Goiabal, Alemanha, Monte Castelo, Cohatrac, Apeadouro, Madre de Deus, Angelim Velho, Anjo da Guarda. Cada um tem suas peculiaridades, embora seja perceptível a persistência em manter os rituais da mesma forma que ela é feita a anos e, as *caixeiras*, em São Luís, regem os rituais juntamente com os chamados *mestre sala*. Em todas essas festas visitadas percebi a marcante presença de crianças representando *imperador, imperatriz, rei, rainha, mordomos, bandeireiros, bandeirinhas*, ou seja, um espaço frequentado por crianças que possuem a mesma faixa etária dos alunos da rede pública municipal, porém, não é comum ouvir relatos destes sobre a participação em Festas ao Divino ou qualquer outra manifestação cultural, salvo em ocasiões que se mencionaram tais manifestações.

Diante desse panorama da Festa do Divino, rico em manifestações artísticas proporcionada por uma determinada comunidade, percebi a possibilidade de direcionar o ensino das artes visuais para esses ambientes festivos.

Ao adentrar nesses espaços automaticamente são despertadas inúmeras sensações, percepções únicas, assim como quando se entra numa instalação artística, buscando extrair dali um universo de símbolos carregados de significados, uma experiência estética levando a sentir o espaço com todo o corpo. Nos casos em que os locais de festa são residências comuns percebo que estes ambientes perdem, ainda que temporariamente, a destinação de antes, ou seja, a casa já não é mais moradia, já não possui mais a TV que geralmente é localizada na sala de estar, em muitas casas o teto não está mais em telhas aparentes, e a cozinha deixa de ser para poucos, assim, os espaços passam a ser de muitos, de todos que puderem entrar e se alimentarem para o prazer estético ou estésico.

Esses espaços passam a ser considerados sagrados, pois para adentrá-los se é obrigado cumprir algumas regras em respeito às *entidades*, santos e Divino Espírito Santo. Para uma melhor compreensão dessa mudança de função dos cômodos de uma residência adequada para a realização do festejo, mais precisamente, os espaços ornamentados da Festa, busco em Mircea Eliade, em que tal referencial atrela-se, especialmente, ao debate em torno da significação do sagrado e do profano, que muitas vezes preenche esses espaços onde ocorrem os rituais das Festas ao Divino.

Um aspecto importante na Festa do Divino é a seriedade em dar, receber e retribuir. É justamente nestas características que se recorre à referência nos estudos do antropólogo da Escola Francesa de Sociologia, Marcel Mauss (1974), onde o autor descreve, em estudos realizados em sociedades da Polinésia, situações análogas às festas que acontecem no Maranhão. Essas sociedades possuem uma relação intensa entre os objetos, que para elas, possuem espírito.

Em São Luís é possível deparar-se com esse paralelismo em vários momentos da festa, em que ocorre a doação e retribuição, pois a festa gira em torno da devoção. Os chamados *festeiros* fazem questão de realizarem uma festa farta, com bastante comida e bebida, mesmo em momentos pouco solenes.

As chamadas *jóias*, que são uma espécie de doação que pode ser ofertada em dinheiro, em alimentação (animais), dentre outros, encaixam-se no aspecto das dádivas trocadas e na obrigação de retribuí-las, que ocorrem antes e durante a festa.

É possível dizer também, que a plasticidade recorrente durante toda a festa, na ornamentação e na escolha dos enfeites, pode ser entendida como uma retribuição.

A gentileza na receptividade, a fartura de comida, a oferta de *lembranças* e o maior número de pessoas na casa, colocam-se ao lado da beleza artística expressa nos *altares*, nos alimentos, bolos, doces, *lembrancinhas* e ainda na ambientação dos espaços, elaborados por pessoas que, acima de tudo, possuem um motivo maior para tais produções: *a devoção*

Na Festa do Divino Espírito Santo, a “dança” das caixeiras, a música, os chamados enfeites e a ambientação interna das *casas de festa*, o *mastro votivo* adornado, um dos elementos da festa que representa o marco da Celebração ao Divino (Figura 6), possuem uma dimensão sonora e visual que alimenta todos os sentidos dos participantes e visitantes.

Figura 6 - Mastro votivo da Festa do Divino realizada na casa de Mina Santa Maria localizada no bairro do Monte Castelo



Fonte: Fotografias da autora (arquivo pessoal) (2017)

No plano da criação, a confecção e a montagem dos elementos escultóricos e demais adereços, são realizadas por artesãos especializados, sob encomenda de quem promove a festa, como também por crianças, jovens e adultos ligados à casa. O requinte e as preferências estéticas peculiares do grupo, quando alcançados, contribuem para o reconhecimento público daquele que promove a festa, que passa a ser considerado “um bom festeiro”, ou seja, aquele que demonstra possuir competência, tanto para agradar ao santo, como para recepcionar bem os participantes e visitantes da casa de festa. E isto também se consolida na qualidade e no valor estético dos adereços e demais peças rituais.

A presença de um maior número de visitantes na *casa de festa* denota o reconhecimento social do bom anfitrião, como afirma Regina Prado, referindo-se a outra festa religiosa - Festa de Santa Teresa, em Itamatatiua – Alcântara “(...) o momento das festas institui, porém, um alargamento das fronteiras sociais, pois a festa só é considerada boa se consegue reunir ‘povo em quantidade’, ou o que é o mesmo, ‘gente de fora’” (PRADO, 2007, p. 53).

Retomando ao corpus da pesquisa, foi possível perceber que esses espaços são possíveis para que a realização do ensino-aprendizagem ocorra principalmente pelo fato de fazer parte do universo do aluno, sendo ele participante e frequentador da Festa do Divino em São Luís - MA, ou não, pensando assim, na valorização de uma manifestação popular que muitas vezes é vista de forma preconceituosa pelo fato dela ser ligada a casas de culto afro-maranhense, mais um motivo para se entender sobre a importância dessa proposta metodológica.

1.2 Diversidade Étnico-racial e cultural - para além da obrigatoriedade

Quando percorro bibliografias, debates e encontros de Arte/educadores deparo-me com uma luta árdua desses profissionais e estudiosos ávidos por melhorias no âmbito do ensino das Artes, conquistas estas, alcançadas gradualmente. Quatro décadas se passaram desde que em 1971 a arte era incluída no currículo, pela *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional* (LDB nº 9.394/96) como “Educação Artística”, não como disciplina, mas como “atividade artística”, como é mencionado

nos Parâmetros Culturais Nacionais de Arte (PCNs) (BRASIL, 1997, p. 24), considerada uma vitória para época.

A LDB, os PCNs, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais⁸ e a proposta de uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ainda em fase de construção, abordam dentre tantas outras temáticas, os direitos ao acolhimento da diversidade étnico-racial e cultural, como por exemplo, na valorização de seus saberes, identidades, culturas e potencialidades.

Realizar uma pesquisa, juntamente com os alunos, no campo de seu universo cultural é fazer com que estes busquem reconhecimento e valorização de sua identidade e história cultural. Para melhor compreensão vi a necessidade de destacar pontos que relatem essa obrigatoriedade nos documentos acima citados.

Ao se referir ao ensino das artes visuais, pode ser que, de imediato, venha à mente imagens de obras de artistas reconhecidos mundialmente, talvez colocando, as artes recorrentes de São Luís, em segundo plano. Geralmente são conteúdos ignorados ou deixados para serem abordados no final do ano letivo, ou até mesmo descartados, caso não haja mais dias letivos para explanação desses saberes.

Os PCNs trazem alguns objetivos a serem alcançados pelos alunos no ensino fundamental e é papel do professor e da escola direcionar essa conquista. Tomo a liberdade de destacar dois desses objetivos, que retratam a necessidade de enfatizar a identidade brasileira e sua diversidade cultural, sem a finalidade de diminuir os demais:

Conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao País;
Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais (BRASIL, 1997, p. 7).

O primeiro item enfatiza a importância em proporcionar a construção da identidade brasileira, valorizando as realizações do seu povo com o intuito de

⁸ “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais visa a atender os propósitos expressos na Indicação CNE/CP 6/2002, bem como regulamentar a alteração trazida à Lei nº 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, pela Lei nº 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica” (BRASIL, 2004, p. 11).

fortalecer a ideia de pertencimento cultural, “sentimento de pertinência ao País”, identidade cultural, o que poderia ser instigado com aulas voltadas para a educação estética sobre os fazeres e saberes da cultura brasileira, inclusão de temáticas sobre artistas regionais e suas linguagens artísticas. O segundo item implica que o aluno deve, além de conhecer, valorizar a diversidade cultural brasileira e os aspectos socioculturais de outros povos e nações respeitando as diferenças. A professora e pesquisadora Ivone Mendes Richter aponta que é dever dos educadores gerar ambientes:

(...) que, promovam a alfabetização cultural de seus alunos nos diferentes códigos culturais, e conduzam à compreensão genérica dos processos culturais básicos e ao reconhecimento do contexto macrocultural em que a escola e a família estejam imersas (RICHTER, 2002, p. 99).

Desse modo, o caminho que tracei para esta pesquisa foi conduzido de forma coerente, pois promovi essa experiência em ambientes nos quais os alunos foram instigados a visualizar sua cultura de forma a valorizar aquilo que os pertencem.

Nas experiências, juntamente com os alunos, em que apresentei o contexto de tais manifestações populares, logo percebi nestes, uma vontade tímida de interagir, de dizer que conhecem, que participam, que a família faz parte até mesmo como *promesseiros* e realizadores de manifestações populares, como Festa do Divino Espírito Santo, Bumba-meu-boi, Tambor de Crioula, dentre outros. Tenho percebido ao longo da atuação como docente que situações como essas são recorrentes. O que até então causava constrangimentos, a partir de uma nova vivência e uma nova forma de olhar, com o processo de ensino-aprendizagem, vai tomando forma e passa a ser um motivo de orgulho, pois gradualmente sigo mediando os estudos, não apenas para a manifestação cultural em si, mas também tratar sobre a importância em respeitar à cultura do outro. É papel do educador ir além da transmissão de conteúdos e criar condições para que seus alunos desenvolvam esse respeito e a valorização de sua própria cultura.

A tarefa de proporcionar um estímulo desse olhar do aluno para o universo da cultura popular e inserção dos estudos sobre diversidade étnico-racial cultural, também pode ser fundamentada na Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural da UNESCO (2002) que diz:

A cultura adquire formas diversas através do tempo e do espaço. Essa diversidade se manifesta na originalidade e na pluralidade de identidades que

caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade. Fonte de intercâmbios, de inovação e de criatividade, a diversidade cultural é, para o gênero humano, tão necessária como a diversidade biológica para a natureza. Nesse sentido, constitui o patrimônio comum da humanidade e deve ser reconhecida e consolidada em benefício das gerações presentes e futuras (UNESCO. Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural. Paris: UNESCO, 2002.)

A Festa do Divino Espírito Santo recorrente em São Luís e em demais cidades do Estado, está no calendário religioso de *Terreiros de Tambor de Mina*. Tomar esse cenário como conteúdo da disciplina das Artes Visuais me leva a abordar tal temática no campo da multiculturalidade, além de tornar o ambiente escolar em possível local de respeito mútuo às diferenças e ao reconhecimento que “requer a adoção de políticas educacionais e de estratégias pedagógicas de valorização da diversidade, a fim de superar as desigualdades étnico-raciais presente na educação escolar brasileira, nos diferentes níveis de ensino” (BRASIL, 2004, p. 11) como traz as propostas para Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais lançadas em 2004, que segue afirmando:

A demanda da comunidade afro-brasileira por reconhecimento, valorização e afirmação de direitos, no que diz respeito à educação, passou a ser particularmente apoiada com a promulgação da Lei nº 10.639/2003, que alterou a Lei nº 9.394/1996, estabelecendo a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileiras e africanas (BRASIL, 2004, p. 11).

A Lei nº 10.639/2003 que dita a obrigatoriedade do ensino de *história e cultura afro-brasileiras e africanas* trazem as seguintes alterações no artigo 26-A da Lei nº 9.394/1996:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras (BRASIL, 2003).

Para enfatizar a necessidade do educador em abordar conteúdos relativos à diversidade cultural, cito a seguir alguns trechos da Base Nacional Comum Curricular quando esta estava em fase de construção e, ainda, em sua versão final. A BNCC é

construída, com o que prescreve o Plano Nacional de Educação (PNE), como exigência ao sistema educacional brasileiro de desenvolvimento, onde tal documento aplica-se exclusivamente:

à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN) (BRASIL, 2018, p. 7).

Destaco alguns pontos nessas três versões que reforçam o respeito às diversidades. A BNCC em sua 2ª versão aponta que os educandos, sujeitos da Educação Básica têm direito:

ao respeito e ao acolhimento na sua diversidade, sem preconceitos de origem, etnia, gênero, orientação sexual, idade, convicção religiosa ou quaisquer outras formas de discriminação, bem como terem valorizados seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, reconhecendo-se como parte de uma coletividade com a qual devem se comprometer (BRASIL, 2016, p. 24).

E ainda:

(...) as instituições precisam conhecer e trabalhar com as culturas plurais, dialogando com a riqueza/diversidade das contribuições familiares e das comunidades, suas crenças e manifestações culturais, fortalecendo formas de atendimento articuladas aos saberes e as especificidades de cada comunidade (BRASIL, 2016, p. 56).

A 3ª versão, um bem mais reduzida ao alinhar tais propostas traz o seguinte:

Em 2010, o CNE promulgou novas DCN, ampliando e organizando o conceito de contextualização como “a inclusão, a valorização das diferenças e o atendimento à pluralidade e à diversidade cultural, resgatando e respeitando as várias manifestações de cada comunidade”, conforme destaca o Parecer CNE/CEB nº 7/20109 (BRASIL, 2017 p. 9).

Já a versão final da BNCC, publicada em 2018, apresenta em seu início, dez itens como *Competências Gerais da Educação Básica*, dentre os quais se escolho dois deles para destacar no texto:

Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de

grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza (BRASIL, 2018, p. 9).

É importante ressaltar que, mesmo de forma reduzida, a última versão ainda traz consigo estas afirmações sobre a necessidade de abordar tais conteúdos voltados para a valorização das diferenças e à diversidade cultural, reforçando o que foi firmado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais. É importante entender que as discussões sobre esses direitos devam fazer parte do cotidiano escolar, pois, não só dizem respeito ao processo de ensino/aprendizagem na escola, como também são conhecimentos importantes para a vida social.

Diante dessa presente diversidade cultural, percebo que as Festas do Divino Espírito Santo em São Luís do Maranhão apresentam possibilidades para experiências de ensino-aprendizagem em Artes Visuais, tanto presencialmente quanto a partir de materiais audiovisuais, fotografias, bibliografias e relatos sobre a festa. Deste modo, a experiência docente propicia ao discente a realização de sua própria cultura e a cultura do outro, valorizando e respeitando o que, a princípio, pode-lhes parecer estranho ou não digno de ser pesquisado, rompendo assim, com as possíveis formas de preconceitos, ao extrair, minimamente, o que essas crianças, adolescentes e jovens consomem na esfera da cultura popular, pois pretendo com vistas em atingir uma das funções centrais do ensino de Arte, assim como afirma a arte educadora Ana Amélia Buoro, ajudar a

construir leitores sensíveis e competentes para continuarem se construindo, adquirindo autonomia e domínio do processo, fazendo aflorar, desse modo, ao toque do próprio olhar, uma sensibilidade de ser-estar-viver no mundo” (BUORO, 2002, p. 63),

Na Festa do Divino Espírito Santo, a riqueza da música e da ambientação, possuem uma imensidão visual e sonora que alimenta todos os sentidos do espectador, oferecendo diversas possibilidades de abordagem para o entendimento da diversidade cultural. Uma experiência que acrescenta em diversos aspectos para o ensino-aprendizagem, pois vai buscar questões no plano da arte, de maneira a tomar os elementos que compõem a festa (os ambientes, as formas tridimensionais dos *altares*, das *lembranças*).

Observei por meio de uma vivência na realidade dos alunos do ensino público em relação às manifestações populares como a Festa do Divino Espírito Santo, que ocorre um certo distanciamento, talvez por não ter a percepção de que haja importância, ou por uma não apreciação estética dessa forma. Muitas vezes as manifestações culturais ficam restritas às festas e brincadeiras e o aluno não mergulha nesse universo com um olhar estético, a ponto de poder apreciar tais manifestações, contextualizar e partir para prática artística, esse fazer artístico que é “insubstituível para a aprendizagem da arte” (BARBOSA, 2012, p. 35).

Notei a grande importância em relacionar a leitura dos espaços sagrados e seus elementos estéticos com o Ensino da arte, para tal reflexão recorro à Anamelia Bueno Buoro em seus livros *Olhos que pintam* (2002) e *Olhar em construção* e os livros de Ana Mae Barbosa em *Arte/educação Contemporânea - Consonâncias internacionais* (2005) e *A imagem no ensino da Arte* (2012). Buoro enfatiza a união entre teoria e prática do ensino de Arte, o que se fez ao pesquisar a Festa juntamente com os alunos e a prática, no caso: Seminário, execução de oficinas, realização de *Arte urbana* como experiências artísticas. Em seu livro *Olhos que pintam*, Buoro ainda sugere ao arte-educador novas ferramentas para a leitura de imagem e uma ampla relação entre a imagem e o olhar. Referindo-se ao educador, a autora frisa a importância da constante formação e investimento em novos conhecimentos, tendo em vista que esse só pode ensinar aquilo que ele conhece, por isso a necessidade em seguir como professor pesquisador e incentivador do aluno, que também deve ser pesquisador.

Incentivar trabalhos voltados para a valorização cultural e o diálogo com a riqueza/diversidade das contribuições familiares e das comunidades, faz-se necessário, pois o ensino da arte não pode estar exclusivamente direcionado para a cultura das elites, evitando, assim, prender-se a uma visão elitista que rotula as artes, pois como afirma Richter:

A tendência no ensino da Arte é reproduzir conceitos de Arte Modernista largamente aceitos nos meios acadêmicos. Este enfoque exclui todas as Artes chamadas “menores”, e com elas toda a possibilidade de um trabalho multicultural em Arte. Até muito recentemente, historiadores, críticos e professores de Artes Visuais tem sido relutantes em estudar as artes populares, o folclore e o artesanato, que, por definição, não são “arte erudita” nem *design*” (RICHTER, 2002, p. 103).

A afirmação de Richter reforça a ideia de que o educador deve ser um constante pesquisador, que faça um reconhecimento da comunidade escolar, do seu aluno e também incentive o alunado a realizar pesquisa no espaço escolar e extraclasse, o que se confirma quando a autora citada conclui:

Consideramos que o universo cultural da comunidade em que a escola está inserida precisa ser estudado pelo professor, para que ele possa atuar nesse contexto de maneira eficiente e não invasiva. Especialmente o professor de artes precisa conhecer e buscar compreender os códigos visuais e estéticos presentes, de maneira a utilizá-los como seu referencial e ponto de partida, construindo a partir daí a abordagem metodológica e a estrutura de conteúdos a serem trabalhados (RICHTER, 2002, p. 103).

A busca na qual Richter refere-se nada mais é do que a pesquisa com vista em compreender os códigos estéticos presentes no ambiente cultural da escola na qual o professor atua. Ainda assim, é comum se ouvir reações de espanto quando se fala que seja possível realizar pesquisa de Arte em qualquer nível da Educação Básica. É desafiador propor e realizar pesquisa científica em Arte com alunos da Educação Básica na escola contemporânea, mas é justamente, seguindo esse pensamento, que se pode ter a certeza de que o processo e o material final serão de utilidade para o desenvolvimento dos estudos sobre o Ensino da Arte.

A aula é uma constante troca, embora se saiba que o educador necessita estar sempre renovando seus conhecimentos, entretanto, o ensino-aprendizagem é satisfatório quando acontece um aprendizado mútuo e o estudante passa a entender que as suas contribuições também são necessárias nesse processo, dessa forma o professor Pedro Demo afirma:

A aula que apenas repassa conhecimento, ou a escola que somente se define como socializadora de conhecimento, não sai do ponto de partida, e, na prática atrapalha o aluno, por que o deixa como objeto de ensino e instrução. Vira treinamento. É equivoco fantástico imaginar que o contato pedagógico se estabeleça em ambiente de repasse e cópia, ou na relação aviltada de um sujeito copiado (professor, no fundo também objeto, se apenas escutar aulas, formar notas, decorar e fazer provas (DEMO, 2007, p. 7).

O arte-educador será aquilo que ele construir, portanto, isso inclui essa parceria com o aluno, independente do conteúdo a ser trabalhado juntamente com este, porém, abordar os aspectos que se aproximam do universo do aluno garante esse estreitar de laços com ele e com a comunidade escolar.

O livro organizado por Barbosa (2005), onde contem textos de 28 especialistas de arte, apresenta várias visões a respeito da Arte/educação contemporânea. No

Texto “Avaliação autêntica de estudantes de Arte no contexto de sua comunidade” de Enid Zimmerman relata como os estudantes e até mesmo os pais compreendem o impacto da arte em suas comunidades, percebem a criação de arte de outras comunidades, como estas são produzidas e seus variados contextos. Ao recorrer-me a Barbosa (2012) *A imagem no ensino da arte*, enfocamos na Abordagem Triangular retratada pela autora. Na presente pesquisa, não foquei apenas na reconstrução do passado, mas também no reflexo de tal manifestação cultural no presente cotidiano dos alunos pois, assim como afirma Barbosa:

A reconstrução do passado é apenas um dado e não tem um fim em si mesma, especialmente no que se refere à história da arte. Na história da arte o objeto do passado está aqui hoje. Podemos ter experiência direta com a fonte de informação, o objeto. Portanto, é de fundamental importância entender o objeto. A cognição em arte emerge do envolvimento existencial e total do aluno. Não se pode impor um corpo de informações emotivamente neutral (BARBOSA, 2012, p. 39).

A grande temática na qual se insere, portanto, este trabalho, é aquela da religiosidade e da *cultura popular*, porém com um recorte que pretende privilegiar aspectos da cultura material dos devotos do Espírito Santo e da vinculação desses objetos chamados *enfeites* a sistemas de crenças, valores morais e estéticos, próprios de grupos que promovem festas religiosas características do que se entende por *cultura popular*. Outros aspectos ligados à celebração dos rituais da Festa, como às danças, cânticos e orações, também são objetos de atenção nos Festejos ao Espírito Santo, dada sua forte ligação com a cultura material, pois estes ajudam a compor o cenário que contribuem para nossa experiência estética.

Por meio do projeto realizado na escola UEB Luís Viana e UEB Dr. Neto Guterres, os alunos puderam executar etapas importantes dessa pesquisa científica, entendendo que o ato de pesquisar é nato do ser humano, pois se está constantemente em busca de resolver problemas, como afirma o professor pesquisador Silvio Zamboni (2006) em seu livro *A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência* levando a conclusão de que uma pesquisa científica gera outras pesquisas científicas tomadas pelo desejo de solucionar problemas. Segundo Zamboni:

Pesquisar é desejar solucionar algo, mas pode-se, em condições muito especiais, até encontrar algo que não se estava buscando conscientemente, sem que essa solução ocorra através de pesquisa. A pesquisa sempre implica a premiação, a vontade clara e determinada de se encontrar uma

solução por meio de uma trajetória racional engendrada pela razão. A pesquisa presume a escolha de um caminho a ser trilhado para se buscar uma finalidade determinada (ZAMBONI, 2006, p. 51).

Esse desejo é nato do ser humano e se não for constantemente instigado, possivelmente se perderá. É o que acontece no decorrer do percurso educacional de alunos que, aos poucos têm seus impulsos por novidades tolhidos pelo constante objetivo de apenas conseguir uma boa nota. Cabe a nós, educadores, impulsionar a pesquisa na/fora da sala de aula.

John Dewey (2010) combate a hostilidade e o preconceito contra a arte útil e contra as práticas e técnicas consideradas inferiores, que reserva a pura contemplação às classes superiores. Segundo ele, a cultura avançou juntamente com os processos vitais, com as experiências com o meio e a natureza e utilizar como laboratório de estudo o universo próximo ao aluno como as manifestações da religiosidade popular é uma iniciativa que resulta na valorização dessa cultura. No caso desta pesquisa, estimular o olhar do aluno/pesquisador para o seu próprio meio, para o que lhe pertence e trazer os resultados desta investida para o ambiente escolar é permitir uma experiência de resistência contra preconceitos, não somente relacionados às práticas religiosas, mas também às formas de concepções artísticas populares presentes nos ambientes de devoção ao sagrado.

2 ESPAÇOS SAGRADOS E SEUS ELEMENTOS: experiência estética

Para tratar sobre preservação da *cultura local*, a pesquisa não pode fugir de alguns conceitos que levam a percorrer o campo da antropologia e, por esse caminho, versar sobre *cultura* e *cultura popular*. Ivone Richter e Lúcia Santaella apontam justamente isso, quando se referem a esse termo que é, para elas, abstrato sobre certos aspectos.

Ivone Richter, em seu trabalho *Interculturalidade e estética do cotidiano: Ensino das Artes Visuais*, recorre às palavras de Jean-Claude Forquin (1993, p. 123) quando afirma que “a questão das implicações educativas do pluralismo cultural só pode se tornar uma questão pertinente, se tiver como base uma definição antropológica e sociológica do conceito de cultura” (apud RICHTER, 2008, p. 16). Adoto este pensamento, uma vez que este trabalho buscou um mergulho num universo cultural em que o educador está inserido e, no caso estudado, não é muito distante do universo do aluno. A prática dessas ações para a concretização da pesquisa se deu a partir de intercessões com os discentes, do ponto de vista de sua cultura, crenças, códigos simbólicos, enfim, de seu cotidiano.

Ivone Richter busca conceitos em Velho e Castro (1978) quando afirmam que essa noção do que venha a ser cultura, a partir do olhar antropológico, foi sendo edificada no século XIX, por meio de diferentes pontos de vista. Assim, a autora aponta os diversos processos que promoveram transformações nos significados de *cultura* ao longo do tempo:

Século XIX – Cultura como civilização como um todo complexo; Conceito etnocêntrico em relação à cultura, apontando a cultura ocidental como um estado que deve ser atingindo;

Início do Século XX – uma revisão desse olhar etnocêntrico em relação a outras sociedades que antes eram vistas como estranhas ou primitivas;

Atualmente - A cultura está sendo vista como algo dinâmico, mutável “código simbólico, que possui dinâmica e coerências internas” (RICHTER, 2008, p. 17).

Lucia Santaella em seu livro *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*, intitula um de seus capítulos de “O que é cultura”, para falar sobre tal termo, dada a sua complexidade. Neste capítulo, Santaella argumenta que

“cultura, em todos os seus sentidos, social, intelectual ou artístico é uma metáfora derivada da palavra latina *cultura*, que, no seu sentido original, significa ato de cultivar o solo” (SANTAELLA, 2003, p.29) e segue apontando alguns sentidos conotativos, porém não deixa de lançar mão dos conceitos antropológicos e sociológicos para discutir esta temática, apontado a ideia de *mistura* trazida por Nestor Garcia Canclini. A autora não deixa de enfatizar a existência das inúmeras definições sobre cultura:

Há consenso sobre o fato de que cultura é aprendida, que ela permite a adaptação humana ao seu ambiente natural, que ela é grandemente variável e que se manifesta em instituições, padrões de pensamento e objetos materiais. Um sinônimo de cultura é tradição, o outro é civilização, mas seus usos se diferenciam ao longo da história (SANTAELLA, 2003, p. 30).

Além do aspecto da *tradição* e da *civilização*, a autora também se refere aos elementos do habitat natural e do legado humano, dentre outros:

É a parte do ambiente que é feita pelo homem. Implícito nisto está o reconhecimento de que a vida humana é vivida num contexto duplo, o habitat natural e seu ambiente social. A definição também, implica que a cultura é mais do que um fenômeno biológico. Ela inclui todos os elementos do legado humano maduro que foi adquirido através do seu grupo pela aprendizagem consciente, ou, num nível algo diferente, por processos de condicionamento – técnicas de várias espécies, sociais ou institucionais, crenças, modos padronizados de conduta. A cultura em si, pode ser contrastada com os materiais bruto, interiores ou exteriores, dos quais ela deriva. Recursos apresentados para vir ao encontro de necessidades existentes (SANTAELLA, 2003, p. 31).

O antropólogo Clifford Geertz, assim como Santaella, em seu livro *A interpretação das culturas*, também elenca a tentativa de Clyde Kluckhohn de trazer algumas definições de cultura:

(1) Modo de vida global de um povo; (2) o legado social que o indivíduo adquire do seu grupo; (3) uma forma de pensar, sentir e acreditar; (4) uma abstração do comportamento; (5) uma teoria, elaborada pelo antropólogo, sobre a forma pela qual um grupo de pessoas se comporta realmente; [...]; (11) um precipitado da história (GEERTZ, 2008, p. 4).

Assim, para Geertz, o conceito de *cultura* é semiótico e a humanidade é “amarrada a teias de significados que ela mesmo teceu [...] como uma ciência interpretativa, à procura de significados”, essa teia e as análises referentes a ela é o que se entende por cultura (GEERTZ, 2008, p. 4).

Com todos esses pontos e contrapontos, que fazem percorrer por diversos conceitos de *cultura*, seja ele baseado em conceitos antropológicos ou pensamentos conotativos, o mais importante é pensar que *cultura* é dinamismo, movimento, e deve

ser levada em consideração ao iniciar uma pesquisa que lida com grupos sociais específicos. É o caso do presente estudo, ao construir o seu objeto no âmbito de um grupo de estudantes, moradores de bairros da cidade de São Luís que, a exemplo de muitos outros, tem em suas principais características uma multiculturalidade, que se expressa nas inúmeras manifestações culturais.

A *cultura popular*, assim chamada, é geralmente entendida como um conjunto de manifestações religiosas e/ou profanas, sendo que a articulação desses termos não define claramente o conceito de *povo*. No Maranhão, assim como ocorre em todo o país, *cultura popular* é frequentemente associada à identidade de um grupo social. Stuart Hall destaca a importância da palavra *popular* no binômio em questão, na medida em que tal binômio torna-se afirmativo “por causa do peso da palavra *popular*. E, em certo sentido, a cultura popular tem sempre sua base em experiências, prazeres, memórias e tradições do povo” (HALL, 2009, p. 322). Assim, busquei levar aos alunos a necessidade da valorização desses fazeres e saberes que envolve a *cultura popular*.

Tendo em vista o exposto, foi possível perceber a complexidade nas conceituações afetas aos termos *cultura* e *cultura popular*, conduzindo a esfera da antropologia, dentre outras, especialmente quando se pretende desenvolver um trabalho no âmbito da relação ensino/aprendizagem em Artes Visuais, com vistas à preservação da cultura local. Ressalto que, a abordagem sobre *cultura* e *cultura popular* neste trabalho, restringe-se a uma visão panorâmica, por assim dizer, restrita aos limites de uma abordagem mais topográfica, com o intuito de situar o leitor e não dissecar estes conceitos.

2.1 Os espaços de devoção ao sagrado: topografias

Neste trabalho, tomo os ambientes físicos devocionais como espaços expressivos e realizo uma análise desse imaginário topográfico que preenche as casas de Festa. Realizar análise desses espaços da Festa do Divino Espírito Santo, fez-se necessário pelo fato de que em todo o processo de criação, confecção e montagem das peças que compõem os adornos nesses ambientes, são desenvolvidos conjuntos de procedimentos e formas construtivas que atribuem, a tais

elementos e ambientes, um estilo próprio. Tais construções, que, embora se mantenham ao longo dos anos, também se colocam na dinâmica das transformações estéticas permitidas dentro de limites socialmente aceitos. Para tanto, enfoco alguns conceitos de *espaço, sagrado e profano*.

Encontro em Michel de Certeau, no livro *A invenção do cotidiano, artes do fazer*, conceitos importantes sobre “espaço” e “lugar”, quando este se refere aos conceitos necessários para este momento da presente dissertação.

Para Certeau, a noção de *espaço* e *lugar* se distinguem um do outro. “Um lugar é, portanto, uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade” (CERTEAU, 2014, p. 184), segundo o historiador, *espaço*:

é um lugar praticado. Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em um espaço pelos pedestres. Do mesmo modo, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar constituído por um sistema de signos – um escrito (CERTEAU, 2014, p. 184).

Levando em consideração essas definições, desenvolvo então a ideia de que, ao utilizar a expressão *espaço sagrado*, passo a entender por este, tal como ambiente em permanente movimentação em função desse sagrado. Dessa forma a *sala do altar, área do mastro, sala da comida e dos bolos e a própria rua*, assumem então, categoria de *sagrado* por possuírem essa “desestabilidade” própria do *espaço*.

A ambientação dos cômodos das *Casas de Festa* materializa-se em *espaços sagrados*, o que pode implicar em uma “hierofania⁹, ou seja, uma irrupção do sagrado que tem como resultado destacar um território do meio cósmico que o envolve e o torna qualitativamente diferente” (ELIADE, 2013, p. 30). Assim, chamo de *espaços sagrados* da Festa do Divino Espírito Santo, todos os compartimentos da Casa de Festa, que passaram a ter outra função, ainda que temporária.

Retrato, então, estes ambientes, como os *espaços sagrados*, assim como os veem, aqueles que produzem a Festa e que são devotos do Divino Espírito Santo, pois são locais onde acontecem os ritos de devoção ao Divino e às entidades sincretizadas nas figuras de santos do catolicismo popular, como se percebe em uma

⁹ **Hierofania** (do grego hieros (ἱερός) = sagrado e faneia (φαίνειν) = manifesto) pode ser jndefinido como o ato de manifestação do sagrado (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Hierofania> /acessado em 15/07/2017).

das festas que se pesquisa, a Festa do Divino e de Sant'Ana¹⁰ que acontecem no final do mês de junho, bairro da Alemanha (Figura 7).

Figura 7 - Altar da Festa do Divino Espírito Santo e Sant'Ana do bairro da Alemanha – São Luís



Fonte: Foto da autora (arquivo pessoal - 2017)

Discorrer sobre esses *espaços sagrados*, descrevendo juntamente com seus elementos e imagens que os compõe, leva a compreender que esses, também podem funcionar como espaço museal, que possibilite o processo de ensino aprendizagem sobre o universo visual da Festa com o propósito do Ensino da Arte.

Para desenvolver um trabalho lançando mão das possibilidades que oferece os *espaços sagrados*, recorri ao conceito de *profano*, com base nos textos de Mircea Eliade e Clifford Geertz. Dessa forma, realizo um parâmetro do que se entende por sagrado, embora o pesquisador Amálio Pinheiro afirme que “já não servem isoladamente, sem readaptações, as aplicações teóricas que examinam as culturas híbridas a partir de binariedades (tradição e ruptura, alto e baixo, centro e periferia) ainda que seja para invertê-las ou sintetizá-las” (PINHEIRO, 2014, p. 4). No entanto,

¹⁰ *Anamburucu*, Nanamburucu, Nanã - o orixá da chuva são sincretizados no catolicismo popular como Sant'Ana, avó de Jesus.

utilizo esses dois termos, *sagrado e profano*, com o intuito de buscar ilustrar melhor o que se passa a definir como *espaço sagrado*.

Segundo Mircea Eliade, o primeiro sentido de *sagrado* que se pode obter, indica que é aquilo que se opõe ao *profano* (ELIADE, 2013, p. 17). Sagrado e profano sobre o ponto de vista do homem religioso. Porém o sentido de *espaço sagrado*, pode ser a definição de lugar especial independente de santificação no sentido da religiosidade. Aqui mantenho o conceito relacionado à religiosidade, aos espaços em que se busca o contato com as divindades.

É importante mencionar nesta dissertação, que também se pode compreender a noção de *sagrado* como sendo algo relativo, pois este significado pode variar de cultura para cultura, indivíduo para indivíduo, uma vez que, aquilo que pode ser considerado sagrado para uma pessoa de determinada religião, pode não ser para outra. O respeito para com o que o *outro* considera sagrado, foi enfatizado no projeto aplicado com os alunos, para que se percebesse a importância em respeitar, e não meramente tolerar.

Na Festa do Divino, pude notar ainda, hierarquia dos espaços, bem como dos símbolos iconográficos ali presentes, uma heterogeneidade que vai indicando quais são os espaços que possuem um caráter mais solene, como por exemplo a *Tribuna*, ou menos solene, tomando como parâmetro, a forma como aqueles que conhecem bem os rituais da Festa, portam-se diante desses lugares. Eliade traz uma reflexão sobre esses espaços que deixam de ser homogêneos:

Para o homem religioso, o espaço não é homogêneo: o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras. “Não te aproximes daqui, disse o Senhor a Moisés; tira as sandálias de teus pés, porque o lugar onde te encontras é uma terra santa.” (Êxodo, 3: 5) Há, portanto, um espaço sagrado, e por consequência “forte”, significativo, e há outros espaços não sagrados, e por consequência sem estrutura nem consistência, em suma, amorfos. Mais ainda: para o homem religioso essa não-homogeneidade espacial traduz-se pela experiência de uma oposição entre o espaço sagrado – o único que é real, que existe realmente – e todo o resto, a extensão informe, que o cerca (ELIADE, 2013, p. 25).

Com vistas nestas análises, justifico a *santificação* desses *espaços*, quando observo que algumas atividades, como o *Carimbó das Caixeiros*¹¹, que por sua vez é

¹¹ CARIMBÓ DE CAIXEIRAS – é o momento mais profano do ritual, por ser marcado por grande descontração entre os participantes, grande presença de bebida alcoólica e músicas de teor lascivo, carregadas de duplo sentido (PEREIRA, 2012, p. 33).

considerado *profano*, acontece em outros ambientes, ou seja, fora da sala do Altar, a não ser durante o momento em que as caixeiras pedem permissão¹², diante da Tribuna para tocarem Carimbó no encerramento da Festa. Após esse pedido, elas se retiram e seguem pra outro espaço onde podem agir de forma mais descontraída. Vejo assim, que a sala da Tribuna (Figura 8) é o espaço de contrição, o local que possui mais requinte no momento da ornamentação, uma espécie de cartão de visita para aqueles que contemplam tal festejo.

Figura 8 – Sala da Tribuna com os personagens da corte em seus devidos lugares – Festa do Divino e Sant’Ana em bairro da Alemanha



Fonte: Foto da autora (arquivo pessoal- 2017)

É comum se observar as pessoas adentrando à casa em ato de contrição, ajoelham-se diante do *altar* em devoção ao *santo* para qual é feito a Festa. Outras vezes, percebe-se os mais velhos exortando as crianças para que estas se mantenham comportadas na *Sala da Tribuna*, ou ainda, chamando atenção para que não se alimentem ou tomem bebidas nesses espaços sem a permissão dos donos da Festa. A Sala da Tribuna, portanto, é considerada a passagem para o sagrado, que é aberta no início e cerrada ao final da Festa.

Busco ainda, uma definição de *sagrado em* Geertz, segundo este, o *sagrado* contém em si mesmo “um sentido e obrigação intrínseca: ele não apenas encoraja a

¹² Ação observada na Festa do Divino e Santana do bairro da Alemanha.

devoção como exige; não apenas induz a aceitação intelectual, como reforça o compromisso emocional” (GEERTZ, 2008, p. 93).

Todos esses espaços organizados para a Festa do Divino são escolhidos e ornamentados por pessoas que se dizem devotas ao Divino em busca não somente da aprovação do Divino Espírito Santo ou de uma *entidade*, mas também da população que prestigia a Festa e também usufrui desses espaços.

Faço então uma relação entre os templos cristãos – sejam estes pequenos ou grandiosas construções arquitetônicas barrocas ou neoclássicas, que assumem esse caráter de *espaços sagrados* – a esses espaços da Festa, singelamente organizados para que se tornem um espaço de devoção a uma divindade, ainda que temporário (Figura 9).

Figura 9 - Espaço de contrição. Momento em que as *caixeiras* rezam a ladainha em latim



Fonte: Foto da autora (arquivo pessoal- 2017)

Utilizo como exemplo a Basílica de São Pedro, localizada no Estado do Vaticano, um dos locais mais visitados por seu valor cultural, histórico e religioso. Um espaço considerado sagrado e grandioso que move pessoas de todo o mundo, público este que vai para apreciar e/ou ter seus momentos de contrição ante o sagrado. Assim

são os espaços sagrados da Festa do Divino, espaços de contrição, porém com sua existência dependente de uma data de abertura e *Fechamento da Tribuna*.

Não cabe aqui, abordar criticamente se esses *espaços sagrados* se constituem em arte ou não, dentro deste ou daquele conceito de arte. Sequer realizar comparações entre as grandes obras consagradas, seus arquitetos e os organizadores locais, responsáveis pela caracterização destes espaços. O que pretendo é adotar esses ambientes como aptos a serem apreciados, de acordo com a cultura visual que possa nos levar a uma experiência estética. Ou ainda, realizar juntamente com nossos alunos, analogias referentes ao que se entende sobre instalações artísticas.

Destaco como espaços sagrados da Festa do Divino Espírito Santo a *Sala do Altar* onde fica a *Tribuna*, Sala ou corredor dos bolos e *lembrancinhas*, *área onde levanta-se o mastro* que pode ser na frente ou dentro da área da casa e os *salão das refeições*.

2.1.1 Sala do Altar

A *sala do altar*, ou o espaço onde se encontra a *Tribuna* fica localizado na maioria das vezes, no primeiro cômodo da casa, que em geral é o espaço que perde a função de sala de estar. Na maioria das vezes, é o primeiro espaço interno ao qual os visitantes, dentre eles devotos ou não, estabelecem contato com a Festa. Isso quando o espaço no qual fica o *Mastro*, não está localizado na entrada da casa, como é o caso de algumas Festas, como a da Casa das Minas.

É um espaço que requer um esforço especial pelos organizadores e aqueles que têm o ofício de decoradores ou artesão, para que se torne um lugar que esbanje grande pompa. É preparado com antecedência, pois se trata do cartão de visita da casa, como já foi enfatizado.

Nesta primeira sala é montada a *Tribuna*, que versa numa estrutura com cadeiras muita das vezes revestidas em tecidos de cetim para receberem um aspecto de trono onde a corte, representada por crianças irá se assentar. Entre os tronos, é possível observar o altar, local que serão colocados os *santos*, a *santa croa*, o *cetiro*, e as *bandeiras* com o símbolo da pomba do Divino. Toda a sala é decorada com

tecidos como o cetim, enfeites de flores, tapetes, almofadas decoradas e lustres artesanais gerando um ambiente aberto para todos aqueles que desejarem visitar.

Os rituais de *abertura e fechamento* da Tribuna são realizados nesses espaços, bem como os momentos das rezas e ladainhas em latim, dentre outras passagens da Festa nas quais as *caixeiras* entoam seus cânticos para cada instante dos rituais.

A sala do altar é um espaço propício para realização dessa experiência estética com alunos, pois entendo como um espaço onde se pode fazer recortes para montagem de um repertório visual para as aulas de Artes Visuais. Esses alunos podem exercitar ainda, a prática do respeito à *nossa* cultura e a do *outro*, bem como o exercício da alteridade necessária para o convívio em grupo, esse convívio entre o “eu” e o “outro”.

2.1.2 Sala ou corredor dos bolos e lembranças

O *espaço sagrado* onde ficam essas grandes mesas com bolos decorados (Figura 10), também recebe uma atenção especial de olhares, pois percebo que, estas construções que fazem com que o visitante direcione seu olhar para esses elementos, tem uma espécie de atrativo que chegam a tocar alguns dos sentidos, como o olfato e o paladar que são estimulados por esse contato visual, proporcionando uma experiência estética. Esse atrativo, talvez se dê, pelo fato de que as grandes mesas com bolos ornamentados, também passam a ser elementos expositivos que adorna a mesa por cerca de dois dias, consumido no sentido visual e que, ao final da Festa, é distribuído entre os que ali estão, com o intuito de compartilhar aos presentes, um pouco desse momento festivo e de devoção ao Divino.

Figura 10 – Uma das Mesas com bolos decorados a serem servidos no encerramento da festa. Festa do Divino em bairro do Monte Castelo



Fonte: Foto da autora (arquivo pessoal- 2017)

Em relação a esses espaços, Ferretti afirma que:

Cada membro do império deve preparar, em outro espaço, uma mesa de doces, oferecida pelos pais, com grande bolo e enfeites para serem distribuídos como lembrança aos amigos. Algumas delas são verdadeiras obras de imaginação e criatividade popular. Durante dois ou três dias a *Tribuna* e a mesa ficam expostas, são fotografadas, mostradas com orgulho e vigiadas por adultos (FERRETTI, 1995, p. 197).

O antropólogo ao descrever essa obrigação dada aos pais, ainda que se referindo à Festa do Divino Espírito na Casa das Minas, sugere que tais trabalhos são “verdadeiras obras de imaginação e criatividade popular”. Não se penso diferente, pois se acredito que esta forma de fazer, que requer um cuidado especial, torna-se mais um elemento que gera possibilidades para realização de estudos de Arte em sala de aula. Variadas formas e estruturas para a elaboração dos bolos e enfeites que, antes de serem distribuídos, complementam o visual da Festa.

2.1.3 Área do *mastro*

O *espaço sagrado* onde o *mastro* é erguido, também se trata de um lugar rico em simbologias. Não falo do *mastro* em si, pois sobre este, discorrerei mais à frente.

Noto que na Festa do Divino, os espaços considerados sagrados, não se encerram nas dependências nas *casas de festa* onde transcorrem os rituais religiosos e mesmo profanos. O espaço onde é externo à casa da festa, onde é fincado o *mastro votivo*, passa a ser, no seu entorno, espaço de práticas dos rituais sagrados afetos à liturgia da festa como se pode observar na Figura 11.

Figura 11 - Salva das caixeiras ao redor do mastro em festejo do Divino e Sant'Ana, bairro da Alemanha



Fonte: Foto da autora (arquivo pessoal- 2017)

No caso da Festa que acontece no bairro da Alemanha, a rua, em alguns momentos, torna-se espaço utilizado de forma diferenciada aos acontecimentos do dia-a-dia.

Em alguns momentos, a rua é tomada por apreciadores e devotos da Festa do Divino Espírito Santo. Tanto na Festa realizada no Bairro da Alemanha quanto na do Monte Castelo, assim como em tantas outras Festas, a rua na qual estão localizadas as *casas de festa*, transformam-se numa espécie de palco, perdendo, de certa forma, sua função comum, a de espaço de mobilidade urbana. Ora acontecem cortejos com as crianças representando a *corte* juntamente com o público e as *caixeiras*, ora apresentações de Tambor de Crioula ou *salvas* para o Divino, assim como levantamento e derrubamento de *mastro* seguido de cânticos das *caixeiras*, momentos estes, que envolve um grande número da população, por se tratar de um instante de muita animação e excitação (Figura 12).

Figura 12 - Derrubamento do mastro na F.D.E.S. bairro do Monte Castelo – São Luís



Fonte: Foto da autora (arquivo pessoal- 2017)

A análise desses *espaços sagrados* se fez importante, não somente para o que representa cada ambiente da Festa do Divino Espírito Santo, mas para se fazer também, um recorte para o reconhecimento de um repertório visual ao ensino das Artes Visuais, bem como o incentivo da valorização e busca da preservação da cultura local.

2.2 Repertório visual da Festa do Divino Espírito Santo

A Festa do Divino Espírito Santo, mostra-se um campo vasto, não somente para o ensino das Artes, mas para as demais disciplinas que compõem a Educação Básica, bem como a necessária abordagem dos temas transversais: ética, pluralidade cultural, meio ambiente e temas locais que vão para além da obrigatoriedade disciplinar.

As salas ornamentadas, os drapeados dos tecidos, as imagens dos santos, os ícones da festa, o perfume, os cânticos, as rezas, as ladainhas, as falas, as risadas, os cortejos, os sabores, todo esse repertório faz parte de um ritual que dura vários dias e que envolve dezenas de pessoas para sua execução. Em geral, duas semanas

de Festa que costumam atrair um grande número de pessoas, desde crianças a idosos, seja por devoção, ou pelo simples prazer em vivenciar tal momento, ou ainda pelo deleite causado por essa estética, digamos que, intuitiva.

Em se tratando de São Luís, muitas vezes, pessoas de outros bairros, de outras cidades se deslocam para visitarem determinadas Festas do Divino Espírito Santo, uma prática bastante comum.

É esse o repertório visual que toma as ruas de uma cidade, um bairro, um povoado, ocupando esses espaços que passam a constituírem-se em espaços museais, ainda que de forma temporária. As salas ambientadas em devoção ao Divino, podem possibilitar, uma experiência estética por meio do estudo dessa cultura visual nesses ambientes considerados *sagrados*.

Mais uma vez recorro à experiência de pesquisa em Alcântara, embora no momento, suas Festas não sejam o foco das aplicações metodológicas em sala de aula. Porém, nesta cidade, a cada ano, é exposto ao público uma vasta produção artesanal que não se concentra apenas no período da festa, no mês de maio ou junho. É possível encontrar essas peças nos museus, Casa do Divino em Alcântara, e Casa da Fésta¹³ em São Luís, onde podem ser vistas diversas peças relacionadas à Festa do Divino Espírito Santo: *altares, tronos, lembranças*, dentre outros.

Com isso, a proposta de um estudo sobre essas peças artesanais, está sendo garantida, não só pela exposição para fins ritualísticos durante os festejos, bem como, enquanto peças que passam a ter uma outra função, pois se tornaram objetos museais. Na fotografia abaixo pode-se observar um grupo de crianças dentro de uma Casa de Festa durante o Festejo do Divino Espírito Santo em Alcântara (Figura 13).

¹³ Uma das propostas destes museus, assim como Casa de Nhozinho, é expor elementos relacionados à cultura popular maranhense. Sendo que na Casa da Fésta permanece peças relacionadas à religiosidade popular e na Casa de Nhozinho peças próprias do cotidiano (brinquedos artesanais, objetos de flandres, louça de cerâmica, embarcações, dentre outros).

Figura 13 – Alunos levados por professores à Casas de Festa no período da Festa do Divino Espírito Santo – Alcântara – MA



Fonte: Foto da autora (arquivo pessoal- 2009)

Estas crianças, que estavam no horário de suas aulas, foram levadas, pelos professores para um passeio histórico no Centro de Alcântara, onde se concentra as *Casas de Festa* (Figura 14). Na ocasião, os educadores seguiam contando curiosidades sobre a história da Festa, enquanto as crianças passeavam pela casa observando a ornamentação dos espaços. Ao final da visita eram oferecidos doces e refrigerante, pelo *festeiro*¹⁴.

Em 2009, ainda em pesquisa monográfica, descobrindo aos poucos a Festa, percebi a influência desse festejo na comunidade, talvez por se tratar de um Festejo que envolva toda cidade. Além de ser um acervo vivo e itinerante nesse período de Festa, todo esse acervo é *reciclado e reinventado* durante a festa, ou muita das vezes,

¹⁴ Forma como é chamado a pessoa que é responsável pela organização da Casa de Festa. Em Alcântara, seus nomes são indicados durante a missa no Domingo de Pentecostes.

preservado no museu, o que os leva a manter uma aproximação com o ensino, uma vez que os museus também são locais de aprendizagem.

Figura 14 - Alunos e professoras em visita às *Casas de Festa* durante passeio no Centro Histórico de Alcântara no período de Festa do Divino Espírito Santo – Alcântara – MA



Fonte: Foto da autora (arquivo pessoal- 2009)

Para a ornamentação da Festa, tanto em São Luís quanto em Alcântara, busca-se alcançar as características desse período imperial. Características estas, que podem ser notadas nas indumentárias das crianças e adolescentes que representam a *corte*, na quantidade excessiva de tecidos e seus drapeados, nos brilhos dourado e prateado encontrado nas peças artesanais e na decoração em geral, passando a ideia de riqueza com objetos que lembram o ouro e a prata. Não há escassez no quesito ornamentação. Quanto mais pompa mais reconhecimento ao *festeiro*.

A pesquisadora Maria Michol em seu artigo *Divino Espírito (re)ligando Portugal/Brasil no imaginário religioso popular*, refere-se à Festa do Divino como um intenso ritual:

um ritual barroco, em torno de um Império Simbólico, viabiliza a encarnação de um tempo sagrado que é, essencialmente, circular, recuperável, não se esgota, atualizando-se a cada ano, em uma multiplicidade de espaços sagrados (CARVALHO, 2008, p. 12).

Um ritual que se estende por vários dias e que segue vários momentos em que é necessária muita atenção para que tudo ocorra com extrema proximidade em semelhança aos anteriores, o que se conhece como *tradição*. É importante destacar o termo *ritual barroco* utilizado por Maria Michol Pinho de Carvalho ao se referir à Festa do Divino. É necessário levar em consideração que, a Festa do Divino não deixa de ser uma herança colonial, período em que o estilo barroco era predominante.

Em se tratando da História da Arte, o termo *barroco*, Segundo Ernst Gombrich, foi aplicado pelos críticos posteriores, que eram contrários a essas novas tendências do século XVII, de forma pejorativa (GOMBRICH, 2013), segundo o autor de *a História da Arte*:

A palavra na verdade significa absurdo ou grotesco, e era usada pelos defensores da ideia de que as formas dos edifícios clássicos nunca deveriam ter sido usadas ou combinadas de outro modo que não aquele adotado por gregos e romanos (GOMBRICH, 2013, p. 194).

O estilo barroco, ligado à doutrinação do catolicismo, nada mais é do que um estilo literário e artístico, que no caso, é dinâmico, decorativo com seus excessos em curvas, volutas e que possui uma plasticidade que seduz. A Festa do Divino traz consigo essas características plásticas e seus usos de formas e volumes que podemos remeter ao estilo barroco. É uma forma de reviver esse *ritual barroco* esse Tempo considerado sagrado que, segundo Eliade ao se referir ao *tempo festivo* das festas religiosas, é reatualizado a cada execução da Festa:

A cada festa periódica reencontra-se o mesmo Tempo sagrado – aquele que se manifestara na festa do ano precedente ou na festa de há um século: é o Tempo criado e santificado pelos deuses por ocasião de sua *geste* que são justamente reatualizadas pela festa (ELIADE, 2013, p. 64).

Tem-se então, a cada Festa do Divino, um *ritual barroco* se repetindo, em que seus coordenadores seguem numa busca contínua para que tais características não se percam.

Essas características peculiares das Festas do Divino no Maranhão remetem aos escritos de Amálio Pinheiro em seu artigo *Notas sobre conhecimento e mestiçagem na América Latina*, pois é perceptível esse hibridismo cultural quando se tem uma Festa com características coloniais mesclada às religiões de Matriz africana,

eminentemente ligada ao tambor de mina, trazendo assim, traços marcantes a esse festejo.

Embora se saiba que Pinheiro fala referindo-se à América Latina, de um modo geral, me apropriado de sua fala quando este, ao se referir à tal sociedade diz que ela, se impregna daquilo que é do *outro* em “assimilar e incluir o outro em si e o em si no outro (mesmo e especialmente quanto mais pareçam estranhos, desconhecidos e inimigos)” (PINHEIRO, 2010, p. 9). Isto é comumente visível nas Festas do Divino maranhenses, quando se observa, nos cortejos imperiais a presença das *caixeiras*, ou apresentações de tambor de crioula, ou ainda ritmos populares entoados com o auxílio de caixas de som, como foi possível observar na Festa do Divino no bairro do Monte Castelo. Adoto ainda a fala de Pinheiro, quando o autor comenta sobre autonomia estrutural em relação à sociedade latina:

Deixa de haver, portanto, autonomia estrutural do que é de dentro diante do que fosse de fora, ou do que seja mais alto (espiritual e abstrato) frente ao supostamente mais baixo (matéria, corporeidade). Uma dança, um poema, uma obra de doçaria ou prataria, uma festa de bairro, um gênero televisivo ou fílmico, por exemplo, podem se bem ligados sintaticamente, trocar, incorporar e engastar essa exacerbação de alteridades de que se constitui o continente, como condição cognitiva fundante (não por acréscimo moderno ou pós-moderno) (PINHEIRO, 2010, p. 9).

O que se pode visualizar na plasticidade da Festa do Divino com essa mistura de materiais que gera um efeito visual apreciado por pessoas do grupo social participante da festa, fotógrafos, artistas, pesquisadores, educadores/pesquisadores, alunos/pesquisadores. Estes, muitas vezes, fazem desse universo um campo de pesquisa para seus trabalhos artísticos, antropológicos, educativos, dentre outros.

É possível fazer uma alusão ao que se entende por *barroco mestiço*, presentes nessa mistura de imaginários perceptíveis ao observar composições que remetem aos terreiros de mina (matriz africana) e ao catolicismo (origem europeia), nesses *espaços sagrados* (Figura 15). Uma transformação do espaço comum que passa a se conformar em *espaços sagrados* num retorno a um *Tempo Sagrado* com suas cores, brilhos, formas e dinamismo em suas construções plásticas.

Figura 15 - Sala do altar revestida com tecido drapeados e acabamento em flores artificiais em Festa do Divino e Sant'Ana – Bairro da Alemanha



Fonte: Foto da autora (arquivo pessoal- 2017)

São elementos expressos em cores, formas, dentre outros, que compõem o conjunto dos adornos que integram a Festa do Divino Espírito Santo, portanto, o termo *estética* é aqui citado no sentido de estesia, não assumindo, propriamente, a dimensão que o mesmo teria nos estudos clássicos da filosofia.

Esse fazer artístico e artesanal da Festa do Divino é de uma interpretação muito própria dos estilos artísticos, especialmente o barroco e o neoclássico, como percebo na construção das tribunas e altares, mais precisamente na Festa do Divino de Alcântara. São essas interpretações que se colocam em função do sagrado e que utilizo como objeto de estudo para com a pesquisa juntamente com os alunos.

Encontro como possibilidades para o ensino da Arte o estudo das formas, elementos da linguagem visual, cores, símbolos, possibilidades de composição fotográfica, vindo a ser consideradas como propostas de trabalho com tal temática, não apenas pelo roteiro apresentado por uma gama de fazeres locais, mas ainda pela busca em estimular os alunos a perceberem que esses saberes e fazeres, fazem parte de um Patrimônio Cultural Material e Imaterial.

2.3 Simbologia da Festa – *o que vemos, como sentimos*

A prática da leitura de imagens deve ser aplicada em todos os níveis da educação básica, pois como afirmo no primeiro capítulo, parafraseando os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, p. 51), estes afirmam que se pode perceber a presença dos fenômenos artísticos na arte erudita, manifestações populares e nas imagens midiáticas. Assim, é importante frisar essa necessidade da leitura de imagem aos alunos e mostrar que elas podem acontecer naturalmente, mas não se pode deixar de enfatizar que é possível também, empregar diversos métodos para sua realização, com a utilização de um olhar estético.

Quando optei por realizar análises dos símbolos iconográficos da Festa do Divino Espírito Santo, questionei-me se tal ato seria possível, pois não estaria, juntamente com os alunos, analisando uma obra clássica da História da Arte nas quais se poderia utilizar métodos de interpretação de imagem de Wölfflin, Warburg, Panofsky, Gombrich e Didi-Huberman.

Dessa forma, imagino então, os *espaços sagrados* como grandes espaços pictóricos, com suas formas e cores e que ainda trazem consigo, sons, sabores e perfumes. São elementos iconográficos que compõem as narrativas visuais da Festa, símbolos comuns e presentes no universo do catolicismo popular, que com suas ausências, faria com que o Festejo perdesse o real sentido, pois este é composto de suas próprias narrativas também por meio das imagens iconográficas.

Em análise, fiz alguns recortes desses símbolos que são essenciais para a Festas do Divino Espírito Santo no Maranhão. São símbolos recorrentes em todos os espaços sagrados, presentes nos enfeites, nas paredes, nos bolos, na decoração em si, nas indumentárias, nas bandeiras, ou como um objeto, porém, cada símbolo possui a sua função durante todos os rituais da Festa. São ícones que possuem seus diversos significados, mas que, dispostos na ambientação para a Festa, passam a ter suas acepções próprias.

Além da simbologia dentre os objetos e imagens iconográficas, também é importante destacar as cores e seus significados, o que se apresenta também como proposta para o Ensino da Arte, uma mais detalhada análise das cores que preenchem esses ambientes, *vestindo casa, objetos e pessoas*.

A partir dessas análises, realizou-se a escolha dos símbolos como elementos a serem explorados pelos alunos durante produção artística em projetos executados nas escolas UEB Luís Viana e UEB Dr. Neto Guterres.

2.3.1 A coroa

A *coroa* é um símbolo presente em diversas culturas, representando divindade em muitas delas com a pretensão de simbolizar grau de superioridade. Segundo o *Dicionário dos Símbolos* de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant a *coroa* apresenta um simbolismo que depende de três importantes fatores: a posição, ou seja, a forma como ela é colocada no alto da cabeça; o fato de simbolizar um posto superior a algo ou alguém, pois apresenta um “caráter transcendente de uma realização qualquer bem-sucedida” (GHEERBRANT; CHEVALIER, 1996, p. 289); formato circular, pois o círculo representa perfeição gerando união entre o que está abaixo e o que está acima, sendo assim uma forma de ser honrado ou divinizado.

Para Chevalier e Gheerbrant: “concebe-se, desde logo, que a coroa simboliza uma dignidade, um poder, uma realeza, o acesso a um nível e a forças superiores. Quando ela termina em forma de domo, afirma uma soberania absoluta” (GHEERBRANT; CHEVALIER, 1996, p. 289), dessa forma não é somente o fato de ser uma *coroa* que nos leva a concluir seu significado e/ou importância, mas principalmente, seu formato ou sua matéria.

Para os egípcios, era um objeto que apenas deuses e faraós podiam ostentá-la, mudando de forma e materiais de acordo com a hierarquia. Na Grécia e em Roma os deuses eram consagrados com coroas, na maioria das vezes, feitas de frutos e folhagens de carvalho, vinha, loureiro ou mirto, elementos designados a determinados deuses (Figura 16). Para os judeus e cristãos, a coroa, também citada em seus escritos, possui diversas representações.

Figura 16 - Apolo coroado com murta (que, curiosamente, é um dos elementos mais utilizados na decoração do *mastro votivo* – Cálice em cerâmica (taça rasa de duas alças) 480 - 470 a. C – Museu arqueológico Delphi



Fonte: Imagem extraída do livro *O grande livro da arte* (MAGALHÃES, 2005)

Na Festa do Divino Espírito Santo, tem-se dois elementos que são definidos como *coroa*: a Santa Coroa ou *Santa Croa* e a coroa do imperador ou imperatriz, rei ou rainha, nesses últimos casos como insígnias.

A *Santa Croa* ocupa um lugar especial no altar das *casas de Festa*. Em São Luís, pode-se observá-la dividindo espaço com as imagens dos santos e imagens de Orixás aos quais os donos da Casa são devotos. Algumas possuem o formato tradicional de coroas dos monarcas, porém com a representação iconográfica de uma pomba ao centro da coroa. Podem ser de algum metal simples ou prata encimada por um pombinho, como a *santa croa* de Alcântara (Figura 17) ou de material artesanal como as que se encontram em casas mais simples em São Luís (Figura 18).

Figura 17 - Santa Croa de Alcântara, peça fundamental durante os cortejos do Imperador ou imperatriz. No decorrer do ano tal peça é guardada no Museu Casa Histórica de Alcântara. Alcântara – MA



Fonte: Foto da autora (arquivo pessoal- 2016)

Figura 18 - Santa Croa da Festa do Divino Espírito Santo e Sant'Ana. Bairro da Alemanha, São Luís – MA



Fonte: Foto da autora (arquivo pessoal- 2017)

Sempre carregada cuidadosamente durante os cortejos, é a *santa croa*, um dos elementos que representam a presença do Divino Espírito Santo, bem como do rei ou rainha, imperador ou imperatriz, pois é tratada com muito carinho durante a passagem pelas ruas dos bairros, nas missas e momentos ritualísticos que acontecem nos *espaços sagrados* da Festa.

Além da *santa croa* pode-se referir à *coroa como símbolo* hierárquico, uma insígnia sobre as cabeças das crianças ou adolescentes que representam o Império ou Reinado durante esse período. Quando uma criança ou adolescente a coloca, assume um papel especial para o cortejo, um papel de realeza, divindade. Desfilam pelos bairros com seus personagens, assentam-se em seus devidos tronos. Recebem a *coroa* no início da Festa e as retiram-lhes no encerramento com uma longa cerimônia seguida de ladainhas, cânticos e muito choro.

A *coroa* é um símbolo que pode ser encontrado nos enfeites, lembrancinhas, almofadas bordadas e na decoração geral da Festa do Divino, na maioria das vezes em dourado para simbolizar o ouro.

2.3.2 O *mastro*

O *mastro* é um elemento comum nas Festas do Divino maranhenses e representa o marco físico e espiritual da festa. Físico por ser um elemento que demarca uma localização e recebe o caráter divino, quando este, é batizado num ritual similar aos realizados no catolicismo. Quando o mastro é erguido, em que muitas vezes coberto por *murta* e revestido por frutas e bebidas, passa a seguir na condição de *mastro votivo* ao Divino Espírito Santo. Quando colocado na frente da casa já serve como um indicador de que naquele lugar haverá festa com muita fartura.

É também conhecido como *oliveira* em referência à árvore que leva esse mesmo nome e que, inúmeras vezes, é citado em cânticos das *caixeiras*. "E a pomba voltou a ele à tarde: e eis arrancada uma folha de oliveira no seu bico; e conheceu Noé que as águas tinham minguado sobre a terra" Gêneses 8:11, a passagem de um dos livros da Bíblia nos fala do mito do dilúvio no qual Noé descobre que as águas já

estavam baixando. Dona Celeste, então *vodúnsi*¹⁵ da Casa das Minas, quando em conversa com o antropólogo Sergio Ferretti também cita a passagem bíblica. Segundo o pesquisador “D. Celeste nos disse que considera o mastro do Divino uma representação da árvore onde pousou a pomba após o dilúvio e que também simboliza a cruz” (FERRETTI, 1995, p. 184).

“*Eu te batizo oliveira/ Com toda a sua formosura/ Não te dou os santos óleos/ Porque não és criatura. Os devotos consideram que o mastro é a morada do Divino durante a festa*” (BARBOSA, 2006, p. 34), o trecho de uma das cantigas ao divino nos mostra a referência à árvore chamada oliveira e a pesquisadora Marise Barbosa complementa trazendo uma das características do *mastro* e a representação do sagrado, que antes de se consagrar *mastro*, era apenas um tronco de uma árvore. Enquanto *mastro*, é encimado por um *mastaréu*, uma espécie de bandeira, que pode vir com uma imagem de um pombo de asas abertas simbolizando o Espírito Santo, de uma coroa representando o império, ou a imagem de um santo (Figura 19).

Figura 19 – Detalhe do *mastro* e *mastaréu* com uma pintura de Sant’Ana. Festa do Divino Espírito Santo e Sant’Ana, bairro da Alemanha – São Luís – MA



Fonte: Foto da autora (arquivo pessoal- 2017)

¹⁵ Filho de Vodúm, que designa todo aquele que manifesta a energia do Vodun, ou seja, aquele que no candomblé vira no santo, ou que recebe o orixá, aquele que passou pelos preceitos da religião afro-brasileira se tornou um vondunsi ou apto a manifestar as forças do orixá. (Organizar outro texto <https://www.dicionarioinformal.com.br/vod%C3%BAansi/>)

Os rituais entorno do *mastro* tornam-se eventos à parte, pois geram um movimento que atrai muitos moradores, como *pega do mastro*, batismo, *levantamento*, exaltação do *mastro* com as *caixeiras* e império ao redor, *derrubamento do mastro*, *ações estas que* gera uma espécie de fortalecimento de eixos comunitários, em geral, regado com muita bebida.

Segundo o *Livro dos Símbolos, reflexões sobre imagens Arquetípicas*, a oliveira representa resistência, a regeneração e a fertilidade (MARTIN, 2012, p. 134), são três características que também se pode atribuir à Festa do Divino, pois se trata de uma Festa farta em alimentos, que está sempre se regenerando, marcando seu espaço, tentando resistir quando a Festa não é bem recebida por seus vizinho, ou eventualmente o dono de uma festa se acomete de uma doença ou venha a falecer, situação em que muitas vezes, seus parentes podem se sentir obrigados a continuar com a promessa, ou não.

2.3.3 Pomba

A *pomba*, como representação iconográfica cristã, é um dos elementos mais marcantes da Festa, por ser carregado de significados, podendo aparecer com asas abertas ou em posição de repouso.

Símbolo universal da paz e frequentemente citada na mitologia judaico-cristã é a representação do Espírito Santo, de paz, pureza e esperança, sentimento do qual encheu o coração de Noé, segundo a passagem bíblica no livro de Gêneses capítulo 8, versículo 11. Posso me referir ainda, ao momento em que tal animal alado, surge durante o batismo da figura central do cristianismo (Jesus Cristo), claramente tomando esses mesmos significados.

Na História da Arte, é possível citar algumas obras nas quais se encontram esse ícone, tanto em repouso quanto com as asas abertas, trazendo consigo os significados por meio da ótica do cristianismo, de uma Arte Cristã. Nas obras de El Greco, com traços do *maneirismo* (Figura 20), é possível observar, nas duas obras a presença da pomba representando o Espírito Santo, onde em ambas imagens, o ícone é localizado na parte superior como uma das figuras centrais sendo retratadas pelo artista.

Figura 20 - Pentecostes e A Assunção da Virgem – El Greco, 1596-1600



Fonte: Imagem extraída do livro *O grande livro da arte* (MAGALHÃES, 2005, p. 460 e 461)

Assim como o símbolo da *coroa*, a pomba também tem diversas significações em variadas culturas. Em outras acepções culturais, segundo Udo Becker em *O Dicionário dos Símbolos*, pode se perceber que:

Na Ásia Menor a pomba estava associada com a deusa da fertilidade Ichtar e na Fenícia com o culto de Astarte. Na Grécia a pomba era consagrada a Afrodite. – Perdiz. Na Índia, em parte também na Alemanha, a pomba escura era pássaro das almas, mas também da morte e da desgraça. O Islamismo vê nela uma ave sagrada porque supostamente protegeu Maomé na sua fuga (BECKER, 2007, p. 222).

Significados que vão de um extremo a outro, como animal que representa fertilidade à ave de agouro, sendo portanto, um ícone que pode gerar vários estudos, indeterminadas interpretações a partir da forma em que este aparece, sua posição, ou cor. Simbolismo esse, que talvez seja gerado, por sua singeleza ou aparente pureza, o que talvez possa explicar a ligação feita à figura da mulher, citada no livro da bíblia Cântico dos Cânticos, no qual o termo pomba celebra a figura feminina (GHEERBRANT; CHEVALIER, 1996, p. 728).

Hierarquicamente, é o principal elemento das Festas do Divino Espírito Santo, presente em todos os ambientes da festa, seja nas lembranças, nos bolos, no mastro,

nos objetos decorativos. Encontra-se na maioria das vezes, em sua forma alada, posicionado no topo dos altares, como se estivesse imediatamente anterior ao pouso (Figura 21).

Figura 21 - Altar encimado por pomba de asas abertas - Festa do Divino e Sant'Ana, bairro da Alemanha, São Luís – MA



Fonte: Foto da autora (arquivo pessoal- 2017)

Assim como nas pinturas de El Greco, citadas acima, também se encontrou a pomba na fotografia referenciada na Figura 20, o que gera a realização de uma possível analogia fotográfica às pinturas do maneirismo, barroco dentre outras pinturas que utilizam de tal temática cristã.

2.4 Partindo para uma experiência estética

A primeira vez que entrei em contato com a Festa do Divino Espírito Santo, não foi no primeiro instante que pisei num local de festa. Presenciei várias Festas, tanto em São Luís como em outras cidades do Maranhão, no entanto, esse primeiro contato se deu em minha infância, quando em vários pequenos momentos em que, Dona Dionésia, minha tia avó, em alguma das vezes que ia nos visitar no Maiobão, levava consigo, grandes pedaços de bolos confeitados com cobertura açucarada. Eram

doces das Festas do Divino dentre outras grandes festas que ela participava. Além dos doces, trazia ainda, lembrancinhas e bonecas de plástico revestidas com lindos vestidos, não lembro ao certo as cores, geralmente em tons claros, mas lembro da sensação de prazer que tinha ao usar essas bonecas como brinquedo. As lembrancinhas, eram colocadas para decorar o móvel da sala.

Ainda sem ter a noção de onde vinham esses doces, as chamadas *lembrancinhas* e bonecas que muito nos alegrava, tanto em ver como em senti-los, o bolo e seu sabor, as bonecas e *lembrancinhas* em suas belezas, me envolviam nessa mistura de estímulo dos sentidos até então, sem explicação.

Passado o tempo, soube que uma das grandes Festas do Divino que acontecia no bairro Liberdade era organizada pela mãe da minha madrinha, com quem tive contato apenas na infância, fui percebendo, já na universidade durante o período de estágio no Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho, que toda exposição relacionada ao Divino Espírito Santo provocava a mesma mistura de sensações agradáveis. Além do ambiente organizado como sala do império nesse espaço cultural expositivo, algumas fotografias sobre a Festa me faziam viajar em universo que não conhecia de perto. As fotografias que faziam um recorte da Festa do Divino, eram as de Murilo Santos, cineasta e fotógrafo maranhense. Eram imagens capturadas em 1992 na Festa de Alcântara. Era o olhar daquele fotógrafo sobre o festejo, mas que na ocasião, fez com que eu me remetesse a um lugar que sequer conhecia.

Só havia assistido vídeos e presenciado apresentações de *caixeiras* no espaço museal da Casa da Fésta, localizado no Centro Histórico de São Luís, momentos que se retirava alguns ritos de seus lugares comuns a um local de apresentação a visitantes, que muitas vezes, assim como eu, ainda não tinham presenciado tal festejo. Apenas em 2008 pude conhecer de perto a Festa do Divino Espírito Santo, onde a mistura de sabores, sons, brilho, movimento vieram fazer sentido para mim. Comecei essa experiência como estesia (OLIVEIRA, 1995), a partir da Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara.

O termo Estesia, aqui, é utilizado com base nas pesquisas de Ana Claudia de Oliveira que é resultado das confrontações possibilitadas a partir da obra do linguista lituano Algirdas Julien Greimas. Utilizo esse termo por entender que as experiências

entorno da Festa do Divino me remetem ao que a autora conceitua essa experiência estética, no sentido de estesia que é a:

percepção, através dos sentidos, do mundo exterior, faculdade que possibilita a experiência do prazer (ou do seu contrário), assim como de todas as “paixões” – aquelas da “alma” e também aquelas, físicas, do corpo, da “sensualidade” (OLIVEIRA, 1995, p. 231).

A Festa do Divino e todo seu repertório visual, sonoro e espacial é capaz de conduzir seus participantes a uma espécie de encontro de sensações capaz de levá-los à embriaguez ao adentrar nesses *espaços sagrados*: o conjunto de cores e símbolos, o caimento do cetim, a sobreposição de tecidos, a ornamentação dos espaços, a textura visual, o brilho das roupas sob a luz do sol, o som dos batuscos nas caixas e dos tambores, os cantos das caixeiras, as vozes ecoando as ladainhas, o perfume do *defumador*, do *chocolate*, dos *doces*, da *comida*, a acidez da bebida, o doce dos bolos e licores, o sabor peculiar da comida, a textura do alimento em nossas bocas, a maciez das sedas, dos objetos de decoração.

Descrições estas que adentram no campo perceptivo do sujeito que pode variar de pessoa pra pessoa sendo capaz de romper, muitas das vezes, a *an-estesia* do sujeito. As coisas do mundo adentram no campo de percepção do sujeito em consenso com os lugares que elas e o sujeito ocupam, assim Oliveira aponta:

esse encontro fortuito possibilita toda uma nova sensibilização do sujeito na sua percepção do circundante. Um sujeito bem posicionado frente a um objeto bem postado, são condições básicas para que o objeto, quebrando a continuidade do mundo que o tornava imperceptível, apareça com o que ele tem de mais característico: um certo som, uma certa fragrância, uma certa luz, um certo paladar, uma certa forma, uma certa textura (OLIVEIRA, 1995, p. 229).

Ao recordar essas sensações, essas experiências únicas de vivências nas Festas do Divino Espírito Santo, me remete ao que Oliveira afirma ao referir-se a essa experiência extraordinária, “apreensão estética, vivenciada pelos sentidos, sendo refeita em linguagem estética como palavras ou de forma visual que venha garantir um acesso maior a outras pessoas (OLIVEIRA, 1995, p. 230).

A partir desse olhar, entendo como necessário frisar que alguns artistas maranhenses, nesses momentos de “apreensão estética” ao mergulharem no universo da cultura popular e suas manifestações culturais, buscaram retratar suas impressões e sentidos seja em documentários, fotografias ou pinturas, estendendo

esse prazer estético para mais sujeitos. A Festa do Divino Espírito Santo por se tratar de um campo gerador de um vasto repertório visual foi motivo de inspiração para artistas como Murilo Santos, Péricles Rocha, Ailton Marinho e Leônidas Portela, dentre outros.

Os artistas citados, retrataram a Festa de maneira peculiar às técnicas artísticas que dominam. Murilo Santos, cineasta e fotógrafo maranhense realiza em 1973 um vídeo em película *Super 8*, seguido de um outro vídeo em 1976 que faz parte do acervo do artista. Ainda em 1976, realiza uma exposição intitulada de *Divino, Cidade e Festa* que foram doadas ao Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho (CCPDVF). Com cópias de tais fotografias, o artista expôs em alguns povoados de Alcântara, pois, para o artista, é importante realizar essa devolução das imagens das comunidades retratadas por meio de seu olhar.

Na década de 1990 Murilo Santos expõe mais uma vez fotografias sobre a Festa do Divino que se encontram no espaço cultural Casa da Fésta. Esta última exposição continha as duas fotografias que ficaram fazendo parte do acervo permanente até o final da última década. Atualmente as fotografias encontram-se arquivadas na Biblioteca Roldão Lima, localizada no CPDVF.

O mais atual trabalho de Murilo Santos que traz a Festa do Divino como cenário é *Divino artista*, um dos materiais apresentado aos nossos alunos/pesquisadores. O vídeo relata a história de Antonio de Coló (Figura 22), *mestre-sala* e artesão da Festa, um dos montadores dos chamados *altares*, peças escultóricas, com características extraídas da arquitetura das igrejas em estilo barroco e neoclássico. Esses *altares* são utilizados para compor os espaços sagrados da Festa, peças principais na ambientação.

Figura 22 – Antônio de Coló, mestre-sala e artesão, finalizando montagem de um dos altares da Festa de Alcântara



Fonte: Frame do vídeo de Murilo Santos *divino artista – 2008*

Ainda nas Artes Visuais, o artista maranhense Péricles Rocha, nascido na cidade de Codó, que busca retratar a cultura popular, ritos e ritmos maranhenses em suas telas, também retrata o Divino em alguns de seus trabalhos, como em *O estandarte do Divino* (Figura 23), inspirado na Festa que acontece na cidade de Alcântara.

Figura 23 - Estandarte do Divino de Péricles Rocha



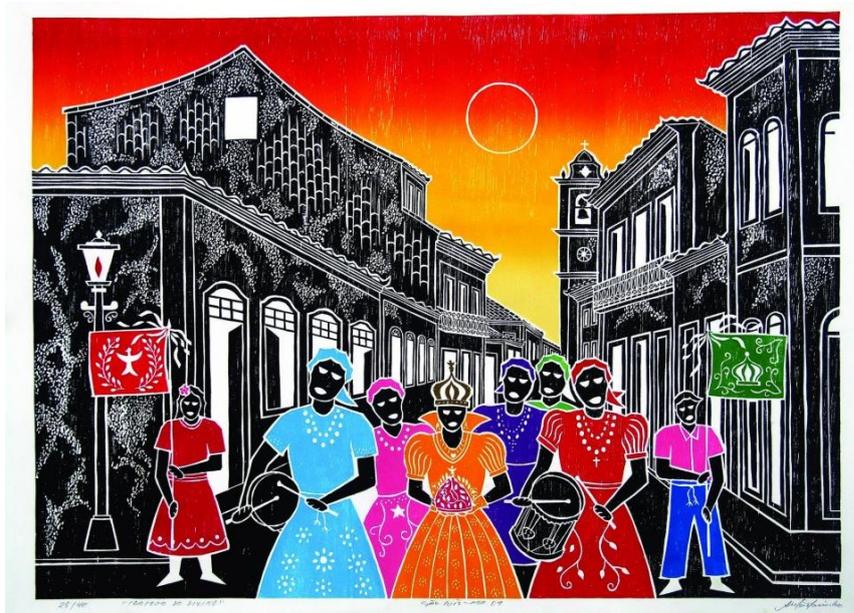
Fonte: <http://imirante.com/oestadoma/noticias/2016/10/16/exposicao-para-celebrar-70-anos.shtml>

Em um dos vídeos da série *Arte Maranhão*, produzido pelo Museu Da Memória Áudio Visual do Maranhão (MAVAM), o artista Péricles Rocha conta que “Alcântara é

como Taiti pra Gauguin, onde tenho minha passagem, onde tenho meu paraíso” (ARTE MARANHÃO-PÉRICLES ROCHA, 2017b), lugar de descanso, deleite e prazer, local em que o artista tem como sua segunda cidade.

Airton Marinho, artista maranhense de Vitória do Mearim, também costuma retratar a cultura popular em suas obras, a partir da técnica da xilogravura. Assim como os demais, também buscou retratar em vários de seus trabalhos (Figura 24), a Festa do Divino Espírito Santo, enfatizando a iconografia da festa e seus personagens principais como *caixeiras*, imperatriz e a figura do pombo. Segundo Airton, “o artista tem que crer. Dificilmente o artista não fez alguma coisa ligada a religião” (ARTE MARANHÃO- AIRTON MARINHO, 2017a).

Figura 24 - *Caixeiras do Divino, 25/40* – Xilogravura de Airton Marinho



Fonte: Facebook do artista.

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=414366771984813&set=pb.100002344809055.-2207520000.1524490085.&type=3&theater>

Na dança, destaco o artista maranhense Leônidas Portela que tem realizado pesquisas que combinam corpo, arte contemporânea, cultura popular e Patrimônio Cultural material e imaterial. O espetáculo “Divino” (Figura 25) com a concepção e atuação de Leônidas Portella traz um trabalho que busca envolver o público no universo da Festa do Divino Espírito Santo a partir da sonoridade, movimento intensos e diversas

referências da Festa, inclusive com a participação de *caixeiras* tocando seus instrumentos, compondo uma espécie de ritual.

Segundo sinopse do espetáculo “Divino”, o artista afirma que seu trabalho busca fazer referências a um corpo que, segue se construindo culturalmente, pretendendo por meio da arte investigar a “identidade de um povo, suas urgências e suas manifestações culturais mais marcantes para dimensionar o registro historiográfico que relaciona o patrimônio cultural (material e imaterial) com o panorama atual desse patrimônio” (TAVARES, 2015).

Figura 25 - Artista Leônidas Portela em atuação no projeto “Divino” – 2013



Fonte: Arquivo pessoal do artista Leônidas Portela. (Foto de Paulo Socha)

De tal forma, os artistas mencionados, buscaram transpor em suas obras a experiência estética vivida, assim como busquei rememorar meu passado, ainda quando criança, a partir das sensações, por meio das experiências com a Festa sem mesmo ter vivenciado tal manifestação cultural, vindo fazer sentido quando a vivência com a Festa de fato se concretizou a experiência estética, como afirma Oliveira:

No princípio de tudo, está o sentir, que, apenas vivido, desencadeia o reagir à experiência a partir de valores através dos quais intervém o conhecimento da axiologia, o que “se dever fazer”, o que se “sabe fazer”, ou seja, a tipificação das formas (OLIVEIRA, 1995, p. 236).

Esse sentir, se deu por meio da experiência estética, realizada juntamente com os alunos, nos espaços sagrados da Festa do Divino e a partir de apreciação de vídeos e fotografias de determinados momentos da Festa.

3 ARTE E DEVOÇÃO - experiência estética a partir do universo das festas do Divino Espírito Santo

Antes de entrar nos detalhes das experiências estéticas a partir de uma mediação cultural no universo das Festas do Divino Espírito Santo, faço um breve relato de algumas experiências do meu percurso como docente, juntamente com alunos da rede pública. Em 2012 e 2013 lecionei na escola Unidade Integrada Poeta Gonçalves Dias, onde tive contato com alunos do Ensino Fundamental do município de Paço do Lumiar, cidade rica em sua diversidade Cultural. Fazíamos apenas uma visita anual às Casas de Cultura e museus artísticos, tendo em vista que ficava de certa forma, distante desta escola.

Além desses passeios, primava também por não utilizar somente a sala de aula como ambiente de aprendizagem, mas também os arredores da escola, para realização de experiências artísticas (Figura 26), em que saíamos para área externa da escola, para termos uma “experiência impressionista”, realizando pinturas ao ar livre.

Figura 26 - Alunos da Escola UI Poeta Gonçalves Dias realizando prática artística



Fonte: Foto da autora (arquivo pessoal - 2012)

A prática com o uso da leitura de imagem, o texto visual (BUORO, 2002, p. 30), sempre me estimulou a trazer novidades para a sala de aula de tal modo que o aluno exercite a autonomia assumindo o papel de protagonista do ensino aprendizagem. Utilizo várias metodologias e recursos: uso de slides, seminário, elaboração de peças teatrais, trabalhos fotográficos com o uso de câmeras digitais e os próprios celulares dos alunos, passeios fotográficos, experiências com pinturas, xilogravuras utilizando materiais recicláveis, pesquisas relacionadas a cultura popular.

No início de 2014, tive a oportunidade de participar do primeiro corpo docente, como Arte/educadora da escola de tempo integral, Centro Experimental de Ensino Médio Colégio Maranhense Marcelino Champagnat, primeira escola estadual instituída através da Lei nº 8.907/2008, com base no Plano Nacional de Educação (PNE) que indica a necessidade de “oferecer educação em tempo integral em, no mínimo, 50% (cinquenta por cento) das escolas públicas, de forma a atender, pelo menos, 25% (vinte e cinco por cento) dos(as) alunos(as) da educação básica”¹⁶.

A Escola fica localizada no centro da cidade de São Luís, o que facilitava a locomoção dos alunos a galerias de arte, Casas de Cultura, locais de apresentações culturais, espaços religiosos.

No decorrer do ano letivo de 2014, pude realizar diversos trabalhos com alunos em torno dos elementos da linguagem visual, dentre eles, o projeto “Olhares Particulares”, que culminou numa exposição com mesmo título.

Na ocasião, o objetivo era trabalhar a sensibilização do olhar dos alunos para os elementos da linguagem visual em seu cotidiano, sendo concretizado, por meio da fotografia, o olhar de cada aluno. O resultado do trabalho demonstrou a sensibilidade dos alunos, ao fazerem recortes visuais do seu cotidiano a partir da fotografia. Nas imagens, capturadas de forma ampla e em detalhes, os alunos revelaram um mundo real que muitas vezes nos passa despercebidos. As fotografias enfatizavam os Elementos Básicos da Comunicação Visual presentes em tudo o que vemos, como dizem Donis A. Dondis:

Sempre que uma coisa é projetada e feita, esboçada e pintada, desenhada, rabiscada, construída, esculpida ou gesticulada, a substância visual da obra é composta por uma lista básica de elementos. Não se devem confundir os elementos visuais com os materiais ou o meio de expressão, a madeira ou a

¹⁶ Planejando a Próxima Década Conhecendo as 20 Metas do Plano Nacional de Educação (<http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf>).

argila, a tinta ou o filme. Os elementos visuais constituem a substância básica daquilo que vemos, e seu número é reduzido: o ponto, a linha, a forma, a direção, o tom, a cor, a textura, a dimensão, a escala e o movimento. Por poucos que sejam, são a matéria prima de toda informação visual em termos de opções e combinações seletivas. A estrutura da obra visual é a força que determina quais elementos visuais estão presentes, e com qual ênfase essa presença ocorre" (DONIS, 2003, p. 51).

E por que não focar também o ensino das Artes Visuais, estimulando o olhar do aluno para o universo da cultura em que ele está imerso, seja de forma direta ou indireta? Assim, a escola CEMI Marcelino Champagnat, foi o primeiro local onde pude exercitar a prática de mediar uma experiência estética a partir da Festa do Divino Espírito Santo.

A escola foi sumariamente extinta pelo atual governo Flávio Dino, para dar lugar ao Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IEMA) com o intuito de ampliar a oferta de educação profissional técnica de nível médio no estado prevista na Lei nº 11.741/2008 e na Resolução 120/2013-CEE. Ainda assim, aos alunos que iniciaram seu ensino médio da escola Centro Experimental de Ensino Médio Colégio Maranhense Marcelino Champagnat, deram seguimento aos estudos e podendo optar entre o Ensino Médio Acadêmico e o Ensino Médio Profissionalizante.

Realizamos então, juntamente com professores e alunos, um macroprojeto "As Diferentes Linguagens na Construção da Identidade" realizado em 2015 na escola Centro Experimental de Ensino Médio Colégio Maranhense Marcelino Champagnat. Desenvolvemos um subprojeto que integrava o ensino da Arte com o ensino da Língua Portuguesa, chamado "Divino Espírito Santo: Arte e Devoção como Identidade Cultural", visando incentivar um grupo de 25 alunos, com os quais trabalhei a importância da pesquisa em Arte. Foi uma experiência marcante, pois os alunos, tanto os que já conheciam a Festa quanto aqueles que nunca tinham presenciado tal manifestação, conseguiram apresentar um resultado de trabalho onde se observou êxito em alcançarmos o ensino-aprendizagem a partir da cultura visual presente na Festa do Divino (Figura 27 e 28).

A prática de tal projeto, realizado em escola de Ensino Médio impulsionou-me para a realização de uma experiência com os alunos do Ensino Fundamental, séries finais nas escolas UEB Luís Viana e UEB Dr. Neto Guterres, escolas das quais assumi algumas turmas como arte-educadora no início de 2016.

Figura 27 – Registro realizado por aluna durante a Festa do Divino Espírito do bairro do Apeadouro, São Luís – MA.



Fonte: Foto da aluna Bruna (arquivo pessoal – 2015)

Figura 28 – Registro da culminância do projeto Divino Espírito Santo: Arte e Devoção como Identidade Cultural



Fonte: Registro dos alunos (arquivo pessoal - 2015)

Na escola UEB Luiz Viana, em 2017, ministrei aula de Arte em quatro turmas do ensino fundamental, sendo uma do 7º ano, outra do 8º ano e duas do 9º ano, assim escolhi trabalhar com as duas turmas do 9º por possuírem uma certa autonomia, 63

alunos ao todo. Na escola UEB Dr. Neto Guterres, apliquei o projeto com uma turma do 9º ano de 23 alunos.

Neste capítulo, portanto, descrevo os caminhos trilhados durante a pesquisa, escolha dos métodos, discussão com os alunos sobre a construção do projeto, descrição dos espaços da escola, o bairro onde a escola se encontra, bem como relatos sobre as *casas de Festa* do Divino que foram escolhidas como campo de pesquisa tanto para os alunos pesquisadores mim, enquanto pesquisadora/docente.

3.1 Construção da experiência: espaços eleitos para realização do projeto

Fazem parte do universo de nossa pesquisa, os espaços que considero ambientes estéticos, como os espaços sagrados, o ambiente escolar como as salas de aula e o que temos para além das paredes desses lugares, espaços esses, considerados locais de ensino-aprendizagem, bem como os corredores e a área externa da escola. Pensar educação a partir dos escritos de Paulo Freire, é entender que a escola, os alunos, o currículo, os docentes, a comunidade escolar em geral, possuem um papel importante em nossa sociedade e, felizmente, isso foi possível perceber nessas vivências artísticas.

A escola UEB Luís Viana (Figura 29) é localizada no bairro da Alemanha, e a escola UEB Dr. Neto Guterres (Figura 30) no bairro do Angelim Velho, como estão destacados nos mapas abaixo. As marcações foram feitas com intensão dar ênfase à proximidade da escola com os locais de Festa ao Divino. No caso da Festa do Divino no bairro do Angelim, infelizmente, esta, não ocorre mais. As duas escolas estão inseridas em bairros com grande ocorrência de manifestações culturais, o que, de certa forma, promoveu de força às ações pedagógicas. À medida que conversava com o corpo discente, sobre o projeto, parte desses, poucos, na verdade, demonstravam terem visto, ou de certa forma participado de manifestações culturais: Tambor de Crioula, Reisado, Festa de Santa Luzia, Bumba-meu-boi, Dança Portuguesa, Festa do Divino Espírito Santo, dentre outras.

Este relato de experiência também possui o objetivo de propor aos arte-educadores, métodos para se trabalhar com conteúdos relacionados ao multiculturalismo, presente na cidade e nos bairros nos quais se localizam as escolas que lecionamos.

A escola UEB Luís Viana, atualmente, é uma escola de Ensino Fundamental Anos Finais, que tem uma infraestrutura razoável, embora a quadra de esportes não seja coberta e as salas de aula sejam desconfortáveis por conta do calor, possui laboratório de informática, sala dos professores e auditório com TV e Datashow, realidade que se difere da maioria das escolas que estão em situações deploráveis. É uma escola com uma grande quantidade de alunos, algumas salas ultrapassam a quantidade máxima de aluno por turma, chegando a 39 em salas do 6º ano. Embora as salas sejam espaçosas, ainda assim, vemos o inchaço das salas de aula como uma das grandes problemáticas a dificultarem o processo de ensino-aprendizagem do corpo discente.

Por ser uma escola na qual apenas completamos carga/horária, o contato com o corpo docente era muito pouco, pois apenas nos encontramos nos intervalos, o que impossibilitou o envolvimento de mais professores, contudo, não deixo de ver a importância e a necessidade do professor trabalhar de modo a fazer com que outros professores interajam nas execuções de seus projetos.

É notável a facilidade de encontrar festejos em toda essa região que circunda o bairro, assim como nos bairros Apeadouro, Monte Castelo, Liberdade e Caratatiua, o que facilitou a abordagem, pois já conhecíamos nosso público e as Festas do Divino que acontecem nas redondezas da escola UEB Luís Viana.

A segunda escola com a qual trabalho, UEB Dr. Neto Guterres, é de pequeno porte, possui 6 turmas do ensino fundamental séries finais, do 6º ao 9º ano, turno vespertino. É uma escola tranquila por possuir poucas turmas e também uma equipe pedagógica dedicada. Possui uma boa infraestrutura, porém não possui quadra, laboratório de informática nem Datashow.

O projeto executado juntamente com os alunos, nestas duas escolas, possui o título “Divinificando – uma vivência artística sobre o sagrado”. Teve a duração de seis meses, iniciando-se em maio de 2017 e finalizando em novembro do mesmo ano. Aparentemente, foi um bom tempo para execução das ações didáticas de um projeto,

porém, é importante ressaltar que, a disciplina de Arte no 9º ano, nos permite apenas uma hora semanal (50 minutos) de contato com nossos alunos, realidade que muitas vezes nos impede de executar trabalhos mais densos em sala de aula e fora dela.

Na escola UEB Luiz Viana leciono em quatro turmas do ensino fundamental uma do 7º ano outra do oitavo ano e duas outras do 9º ano assim escolhi trabalhar com as duas turmas do 9º ano entendendo que esse público, já possui, de certa forma, autonomia nas realizações de pesquisas. Pude perceber uma grande diferença durante a execução do projeto em relação aos alunos do ensino médio da escola Centro de Ensino Médio Marcelino Champagnat relatado anteriormente.

A determinação de carga/horária do ensino de Arte nas séries finais, parte da SAEF - Superintendência da Área de Ensino Fundamental, que emite as *Diretrizes Gerais para o funcionamento das Unidades de Educação Básica/SEMED*, a cada ano. De acordo com a *Proposta Curricular de Arte do Ensino fundamental 3º e 4º ciclos*, escrita por professores de Arte que lecionam na rede pública, é notória a necessidade de aumentar essa carga/horária além de enfatizarem que o ensino de arte nesses, então ciclos, deve ser ministrado por professores licenciados na área. Afirma-se que:

Mudar este cenário é imperativo. E esta mudança implica em: **tratamento igualitário**. Não se pode mais admitir uma única aula semanal, ausência de material didático e de espaços adequados, portanto também é imprescindível que se aumente a carga horária para 02 (duas) horas/aulas. A **exclusão da polivalência e do trabalho com profissionais não habilitados**, legalmente, que desconheçam o universo da arte e que não saibam como desenvolver um trabalho de arte-educação com qualidade (SEMED/SÃO LUÍS –MA, 2008, p. 19, grifo nosso).

Esta necessidade é real e deveria ser levada em consideração pela Superintendência da Área de Ensino Fundamental, porém, como podemos ver na tabela abaixo, a carga/horária/anual de 40h permanece para o 8º e 9º anos no ano letivo de 2018 (Figura 31).

Figura 31 - Tabela carga/horária/anual dos componentes curriculares

A matriz curricular, contendo as 25 horas semanais, nos Anos Finais do Ensino Fundamental, deverá estar assim distribuída:

COMPONENTES CURRICULARES	Ano Finais				Ano Finais				
	6º Ano		7º Ano		8º Ano		9º Ano		
	CHS	CHA	CHS	CHA	CHS	CHA	CHS	CHA	
BASE NACIONAL COMUM									
LÍNGUA PORTUGUESA	05	200	05	200	05	200	05	200	
MATEMÁTICA	04	160	04	160	05	200	05	200	
CIÊNCIAS NATURAIS	03	120	03	120	03	120	03	120	
HISTÓRIA	03	120	03	120	03	120	03	120	
GEOGRAFIA	02	80	02	80	02	80	02	80	
ARTE	02	80	02	80	01	40	01	40	
ENSINO RELIGIOSO	01	40	01	40	01	40	01	40	
EDUCAÇÃO FÍSICA	02	80	02	80	02	80	02	80	
PARTE DIVERSIFICADA									
LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA – INGLÊS	02	80	02	80	02	80	02	80	
FILOSOFIA	01	40	01	40	01	40	01	40	
TOTAL DE AULAS SEMANAIS	25	-	25	--	25	-	25	-	
TOTAL DE HORAS AULAS ANUAIS	-	1.000	-	1.000	-	1.000	-	1.000	

Assim, este documento que traduz as Diretrizes Gerais para o início do ano letivo de 2018 se insere na Política Educacional da SEMED – Educar  Juntos no Direito de Aprender, cujo o objetivo é contribuir para a construção coletiva de uma educação de qualidade social para a Cidade de São Luís.

Fonte: documentação da SAEF que determina diretrizes gerais para o ano de 2018

Dessa forma, em busca do êxito na execução do projeto, contei com a colaboração de alguns professores que cederam seus horários para realizar as ações pedagógicas. Diante deste cenário, o próximo passo seria a escolha dos espaços de execução, sendo estes: sala de aula, corredores da escola e as *Casas de Festas* do Divino.

Parece óbvio falar que os espaços da escola foram utilizados como local de execução do projeto, porém vi a necessidade de destacar esses pontos, sujeitos a uma constante movimentação, também como espaço público e livre para atividades propostas pelo educador. É o espaço do professor, do aluno, dos funcionários, dos pais e responsáveis pelos alunos, logo, de livre acesso aos integrantes da comunidade escolar. Assim, as práticas artísticas aconteceram tanto nas salas de aula quanto no corredor da escola, o que veremos com mais detalhes à medida que for relatando as ações didáticas que finalizou com uma atividade artística inspirada na Arte Urbana.

Os espaços de Festa eleitos, não foram escolhidos ao acaso: Terreiro de Mina Santa Maria localizado no bairro do Monte Castelo e Casa da Festa do Divino e Sant’Ana foram escolhidos, principalmente por ficarem próximos à nossa escola.

A princípio, iria pesquisar apenas a Casa de Festa do bairro da Alemanha, por já possuir uma relação com os organizadores. Em conversa com mãe da aluna Patrícia, Dona Domingas, obtive a informação de que uma Festa do Divino no bairro do Monte Castelo, acontece todo período de Pentecostes, próximo ao Instituto Federal do Maranhão. Percebi nesse instante, a possibilidade de organizar um grupo de alunos e leva-los a este festejo, já que a Festa do Divino que ocorre no bairro da Alemanha, acontece no período em que os alunos estão de férias.

Vi essa proximidade como um ponto importante, não desmereço as festas mais populares, no sentido de serem conhecidas ou mais frequentadas por pesquisadores, turistas, ou apreciadores dessa manifestação aqui no estado do Maranhão, mas sim, buscamos envolver o aluno no que há de mais próximo da sua realidade.

A escolha desses espaços veio como um presente para mim e ao aluno/pesquisador, pois facilitou o processo de ensino aprendizagem em Arte baseada nos festejos que acontecem dentro da sua própria comunidade.

É de suma importância, como foi dito no primeiro capítulo, fazer com que o aluno conheça um universo amplo das artes, é maravilhoso perceber o prazer dessas descobertas, no entanto, ajudá-los a entender o valor de sua cultura os torna partícipes dessa construção de conhecimento, pois é sobre algo que faz parte deles. Assim a professora Flávia Maria Cunha Bastos, ao contestar John Dewey, afirma:

Valorizar as ligações intrínsecas entre a arte e a vida cotidiana constitui a base de uma arte/educação democrática, porque envolve o reconhecimento de várias práticas artísticas sem distinguir entre o erudito e o popular. Dentro dessa orientação *arte/educação baseada na comunidade* busca privilegiar a arte que já existe na comunidade em que a escola se situa, confrontando o que John Dewey considerava uma reação quase que hostil a uma concepção de arte ligada às atividades diárias da pessoa em seu ambiente. Essa hostilidade a uma ideia de 'arte associada aos processos da vida cotidiana é um comentário patético um tanto trágico sobre as nossas experiências comuns de vida' (Dewey, 1934/1980, p. 27) (BASTOS, 2005, p. 128).

Arte e vida cotidiana caminham juntas, esse pensamento de rotular arte de forma hierárquica, já não contribuem para o entender sobre a arte da atualidade (BASTOS, 2005, p. 128). Mas quando apresentamos referenciais da cultura do aluno, facilmente percebemos sua participação e um envolvimento maior com as práticas artísticas.

3.2 As particularidades da Festa do Divino Espírito Santo nos bairros da Alemanha e Monte Castelo

3.2.1. Festa do Divino. no bairro da Alemanha (Figura 32)

Figura 32 - Cortejo do Divino na Festa de Sant'Ana passando em frente à escola UEB Luís Viana



Fonte: Foto da autora (arquivo pessoal - 2017)

Embora a ordem cronológica das Festas pesquisadas seja contrária à ordem dos itens aqui apresentados, falarei primeiramente da Festa do Divino Espírito Santo e Sant'Ana, por se tratar de festejo do qual tenho mais familiaridade. A Festa do Divino Espírito Santo e Sant'Ana¹⁷, realizada no bairro da Alemanha, que tem seu início na última semana de Julho, é realizada de forma singela todo ano por dona Helena e Dona Morena, cujo as entidades das quais são filhas, as obrigam realizar a festa por estas serem devotas ao Divino. É importante frisar que a Festa do Divino Espírito Santo e Sant'Ana levam os nomes das duas *divindades*, porém é uma festa só.

Diferentemente do Festejo do Divino Espírito Santo que acontece no bairro do Monte Castelo, a do bairro da Alemanha não é realizada com base no domingo de

¹⁷ *Anamburucu*, Nanamburucu, Nanã - o orixá da chuva são sincretizados no catolicismo popular como Sant'Ana, avó de Jesus.

Pentecostes, mas sim em devoção a Sant'Ana, mãe de Maria, cujo seu dia é comemorado todo 26 de julho, de acordo com o calendário católico. Aqui em São Luís, é muito comum a realização de Festas ao Divino em dias de Santo, como Santa Bárbara, São Luís Rei de França, dentre outros.

Em 2017, período que realizei a pesquisa, o festejo completara seus 51 anos, segundo seus realizadores. Em 2009 comecei a frequentar tal festejo com o intuito de realizar pesquisa e, ainda, como madrinha da mesa de café juntamente com meu companheiro como padrinho, onde criamos um laço de amizade com as pessoas, que a todo custo, realizam esta festa.

A Festa do Divino Espírito Santo e Sant' Ana, é realizada em casa pequena de 4 cômodos: sala de estar, quarto, copa e cozinha e quarto além da área conhecida como quintal. A casa de festa, sem muitos móveis, tem seus espaços reorganizados para melhor execução do Festejo.

Praticamente acompanhei o crescimento de algumas das crianças participantes desse ritual. Uma delas chama-se Patrícia Juliana Gusmão Almeida, que, coincidentemente a reencontrei em 2016 como aluna do 8º ano na escola em que leciono. Em 2017, ano da execução do projeto "Divinificando – Uma Vivência sobre o Sagrado", Patrícia tornou-se uma das monitoras.

Tal Festa, que costuma acontecer no final do mês de junho, infelizmente não pôde ser espaço de pesquisa de campo para nossos alunos, pois não foi possível reuni-los em período de férias escolares. Porém realizei pesquisa de campo durante tal festa, extraí entrevistas e material audiovisual durante os rituais. Materiais esses, que foram utilizados em sala de aula para fruição dos alunos e realização de debates.

Acompanhei a *transformação* da Casa desde os primeiros preparativos (Figura 33), quando esta, ainda não estava com suas paredes *vestidas* com os devidos materiais que servem para a modificação desse espaço. Quando adentrei a este local antes do dia da festa, no que antes era a sala de estar, encontrei apenas a estrutura da tribuna montada com algumas cadeiras que serviriam de assento para o império formado por crianças, mas ainda assim, com o aspecto de uma casa como a maioria das outras ao redor desta localidade, simples, sem muito luxo.

Figura 33 – Copa da Casa ainda como espaço para realização dos preparativos da Festa



Fonte: Foto da autora (arquivo pessoal - 2012)

A rua 3, deste bairro, onde se localiza a casa, é estreita, porém, quando acontece a festa o espaço é tomado pela população tanto moradores de outros bairros como das proximidades da casa. Um número considerável de pessoas para apreciarem esse momento em que os sentidos estão sujeitos a aguçarem-se pelos toques das caixas, perfume da comida, exuberância das vestes, brilho das sedas utilizadas na decoração.

Desde 2009 percebi que os realizadores da Festa escolhem as cores predominantes a cada ano, assim como as casas de mordomos baixo no Festejo ao Divino de Alcântara. Em Festas do Divino que acontecem no decorrer do ano, a cor principal fica a critério do *promesseiro* ou *entidade* que rege a festa, diferentemente às que acontecem em período de Pentecostes. Estas, em sua maioria utilizam a cor vermelha como cor predominante.

A *Festa do Divino e Sant'Ana* acontecem em cinco dias. Abaixo, apresentaremos os dias de acordo com as datas da Festa de junho de 2017 (Tabela 1):

Festa do Divino e Sant'Ana – Bairro da Alemanha - 2017			
22/07	- Abertura da Tribuna; - Levantamento do Mastro; - Apresentação de tambor de Crioula	26/07 - dia de Sant'Ana	Solenidade de Senhora Sant'Ana; -Homenagem dos Festeiros e devotos de Sant'Ana
30/07	- Missa na Igreja da Nossa Senhora da Glória; - Cortejo até a Casa da Festa e Festividade ao longo do dia	31/07-	- Procissão do Roubo: Império em cortejo ao som de bandas e caixeiras em direção das casas onde foram colocados os <i>roubos</i> , Vestes e acessórios dos rei, rainha e mordomos; - Derrubamento do Mastro; Fechamento da Tribuna.
01/08	- Carimbó das caixeiras.		

Tabela 1 –Programação da Festa do Divino e Sant'Ana, Bairro da Alemanha.

Fonte: informações retiradas do convite da Festa

3.2.2. Festa do Divino no bairro do Monte Castelo

A Festa do Divino do Monte Castelo, foi uma descoberta muito importante esta pesquisa. Até então não sabia nada a respeito de uma das festas que passou a ser nosso campo de pesquisa. Por coincidência a mãe da aluna Patrícia que sempre participou de tal festejo, me informou sobre esta festa que acontece no chamado Terreiro Casa de Mina Santa Maria (Figura 34).

Também localizada num bairro da periferia de São Luís, um terreiro de mina, que à primeira vista, é apenas uma casa simples e pequena como as demais, mas que em seu interior, apresenta um espaço bem amplo, típico das construções do bairro em que a casa está localizada: estreitas, porém, com uma boa extensão em sua profundidade.

Visitei a casa antes de levar nossos alunos, pois entendemos que esse primeiro momento se faz importante, para assim realizar uma melhor mediação juntamente com os realizadores e o corpo discente.

Figura 34 - Seu Rosivaldo incorporado por Maria Cabocla segurando o Santo e a vela



Fonte: Foto da autora (arquivo pessoal - 2017)

Ao adentrar no espaço, um salão que antes era a sala de estar, já estava todo revestido de tecidos nas cores laranja e branco, a estrutura da tribuna em tom prateado e os tronos em dourado. Seguindo pela lateral, encontramos uma pequena sala com bancos em cimento onde as crianças já arrumadas, ficavam à espera do chamado para se fazerem presentes no ritual da festa, seguindo mais à frente um belo salão onde ficam os bolos e a mesa de jantar, por fim uma pequena sala climatizada com mais mesas com bolos decorados. Cada representante da corte tem a sua mesa com bolos e lembranças que remetem à temática da Festa: Divino Espírito Santo.

Durante a Festa no Terreiro Casa de Mina Santa Maria, coordenada por Edilson Belfort, faz-se perceptível a presença dos símbolos que caracterizam a Festa, também em evidência, assim como na Festa do Divino e Sant'Ana no bairro da Alemanha e as cores predominantes na ornamentação eram o laranja, branco e dourado.

Não realizaram o fechamento da Tribuna em Pentecostes pois, nesse mesmo dia acontece o fechamento da Tribuna da Casa das Minas onde estas mesmas caixas têm suas obrigações, dessa forma, a programação de fechamento ficou para uma semana depois do Domingo de Pentecostes (04/06).

Em 2017 ela foi realizada no período de 26 de maio a 12 de junho como podemos ver no cronograma abaixo (Tabela 2):

Festa do Divino da Casa de Mina Santa Maria - 2017			
26/05	- Abertura da Tribuna; - Busca do Mastro; - Levantamento do mastro	27/05	-Tambor de Crioula em homenagem a Santa Maria.
03/06	Seresta.	08/06	- Visita do Mordomo Régio e da mordoma Régia; - Visita dos mordomos baixos; - Visita das Imperatrizes de promessa.
09/06	Visita do Imperador e das Imperatrizes de promessa.	10/06	-Busca da Santa Croa, do Andor de Santa Maria e do Andor do Divino Espírito Santo.
11/06	- Alvorada; - Missa solene do Santuário de Nossa Senhora da Conceição; - Café da manhã para a Corte Real e convidados; - Batizado da Tribuna, do Andor de Santa Maria; - Ladainha ao Divino Espírito Santo e Santa Maria; - Jantar da Corte Real; -Noite Cultural.	12/06	- Cortejo dos Impérios e busca do <i>roubo</i> ; - Derrubamento do Mastro; - Ladainha ao Divino Espírito Santo; - Jantar à Corte Real e convidados; - Entrega dos cargos.

Tabela 2 –Programação da da Casa de Mina Santa Maria, Bairro Monte Castelo.

Fonte: informações retiradas do convite da Festa

Mergulhar nesses espaços juntamente com os alunos e perceber em seus gestos, o respeito aos lugares em que estão pisando, levou-me a perceber que o método escolhido foi favorável ao aprendizado.

3.3 Já participei! Driblando a intolerância

Mesmo vivendo em estado laico, segundo a Constituição de 1988, muitos fiéis, principalmente os de religiões de Matriz africana, sofrem preconceito em seu cotidiano, o que acaba gerando medo em assumir sua própria religião de forma natural. No Brasil, atos preconceituosos mediante a religião do outro, têm sido constantes, o que é possível ver claramente nas redes sociais, bem como toda forma de preconceito. Segundo Marcio Alexandre M. Gualberto, autor do *Mapa da Intolerância Religiosa Violação ao Direito de Culto no Brasil – 2011* não existe um crescimento dessa forma de desrespeito no decorrer dos anos, mas sim o crescimento

da conscientização das pessoas que sofrem a intolerância religiosa, quando estes, lutam por seus direitos por meio de denúncias e/ou divulgação nas redes sociais. Assim, Gualberto comenta: “Tem sido assim no país inteiro e, à medida em que novas ferramentas de proteção e coerção à intolerância religiosa são colocadas à disposição daqueles que são discriminados, maiores se tornam os casos de denúncias” (GUALBERTO, 20011, p. 8).

A prática da intolerância religiosa é toda e qualquer forma de impor o fundamentalismo de certas religiões em relação a religião do outro. Trata-se de um termo que espelha a incapacidade de entender e respeitar a diversidade religiosa do outro. Assim, menciono a Lei nº 9.459, de 13 de maio de 1997 que altera os arts. 1º e 20 da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, em homenagem ao autor Carlos Alberto de Oliveira:

Art. 1º Os arts. 1º e 20 da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, passam a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 1º Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional."

"Art. 20. Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.

Pena: reclusão de um a três anos e multa (BRASIL, 1997).

No espaço escolar, é muito comum encontrar imagens iconográficas que retratam determinadas religiões, sendo que a escola é um lugar de todos, cristãos, não cristãos, umbandistas, espíritas, mas se naturalizou a instalação de lugares específicos para disposições de tais imagens. Busquei assim, por meio das ações pedagógicas do projeto *Divinificando – uma vivência sobre o sagrado*, trabalhar estas questões com intuito de reforçar importância em manter o respeito e a tolerância em relação à crença dos nossos discentes.

Considerando que o respeito às diversidades é uma das formas de praticar a cidadania entre os alunos, os incentivei a discutirem sobre a importância da não-hierarquização das religiões, com vistas em priorizar o respeito tanto para com religião quanto para com os seus fiéis. Assim, quando práticas contrárias a acontecem, e ainda, seguidas de atitudes violentas, pratica-se a intolerância religiosa.

Conforme já colocado, esta proposta de trabalho não era a de impor uma religião a estes alunos, pois, ao pesquisar a Festa do Divino, busquei, apresentar um ritual bastante presente no estado do Maranhão, mais precisamente em São Luís,

bem como oferecer diversas possibilidades de trabalhar ensino de Arte baseado na plasticidade de tal Festejo, além de exercitar, juntamente com o corpo discente, a alteridade, e ainda, enfatizar a necessidade de levar conteúdos referente ao regionalismo.

Durante o processo de construção desta dissertação, percebi que vários alunos conhecem a Festa ou já participaram direta ou indiretamente. Optei, além da *pesquisa de campo*, buscar de alguma forma, dar voz aos alunos com o intuito de valorizar a identidade cultural, conscientizando cada indivíduo de sua importância na sociedade. Dessa forma realizei entrevistas com alguns alunos que, de alguma maneira, têm uma maior proximidade com a Festa do Divino que ocorre nesses bairros.

Minha visão sobre a importância daquilo considerado, no presente trabalho, como sendo cultura popular no processo de ensino/aprendizagem da Arte, também encontra inspirações, ainda que de forma indireta, nas teses do filósofo e marxista italiano Antonio Gramsci. Este, em relação à falta de interesse do povo italiano pela literatura local, afirma que essas pessoas não se atraíam por não encontrar nessas leituras algo com que se identificassem, algo relacionado às suas vivências e valores existentes. Assim, o autor entende a *cultura popular* como um campo de rico potencial para a transformação social:

a arte é sempre ligada a uma determinada cultura ou civilização e que – lutando para reformar a cultura – consegue-se modificar o ‘conteúdo’ da arte, trabalha-se para criar uma nova arte, não do exterior (...), mas do interior, visto que se modificou todo o homem [sic] na medida em que se modificam seus sentimentos, suas concepções e as relações do qual o homem é necessária expressão (GRAMSCI, 1968, p. 64).

Assim, a luta social a que se refere o filósofo se configuraria em transformações na visão de mundo dos educandos, rebatendo preconceitos, até mesmo sobre suas origens culturais, e buscando assumir consciência de sua condição de sujeito de direitos. Vejo esses alunos como disseminadores dessa importância em valorizar a sua própria cultura e a cultura do outro a partir do respeito às manifestações culturais de sua sociedade.

A princípio, quando se fala do projeto aos alunos, estes ainda demonstravam certa timidez ao expressarem-se em relação à Festa do Divino, poucos deles admitiam que já participaram, a princípio.

À medida que conversávamos sobre as manifestações culturais, alguns demonstravam, em suas falas, terem tido contato de alguma forma, seja pela televisão, internet ou como participante ou espectador.

Quando comecei a lecionar juntamente com esse corpo discente, já iniciei com a ideia de realizar o projeto de mestrado com esses alunos. Nesse primeiro contato, em 2016, com o então 8º ano, percebi em um dos nossos alunos, um rosto familiar. Tratava-se da aluna Patrícia Juliana Gusmão com seus 13 anos de idade. A conheci quando esta, tinha apenas 5 anos e já como participante do Festejo ao Divino e Sant'Ana no ano de 2009.

Mesmo imaginando tais possibilidades, de encontrar alunos que tiveram seus momentos como participante desses festejos, ainda assim, não tive como conter tal contentamento, pois a surpresa foi tamanha. Ao me deparar com ela, imediatamente lembrei desse rosto quando criança, justamente como participante da Festa do Divino. Uma criança que cresceu rodeada pelas manifestações culturais de nossa cidade. Tal situação, se difere de olhar uma criança com quem se tem um contato contínuo. É olhar a mesma criança sendo vista, única e exclusivamente nos festejos do Divino Espírito Santo, pois na maioria das vezes que a vi, foi como integrante da Corte do império, algumas vezes como rainha, outras como mordoma, outras como bandeirinha, uma única vez a vi em outro festejo, no caso, Festa a São Benedito que acontecia na casa de Dona Edeltrudes, senhora muito conhecida no bairro da Alemanha, por sempre chamar grupos de tambor de Crioula pra dançarem em frente à sua casa.

Ali, na escola, ela estava como aluna, com uniforme da escola, com sua identidade de aluna, uma adolescente com toda sua beleza, alguém que mantinha suas tradições, sua identidade formada ao longo do tempo, como afirma o teórico cultural Stuart Hall:

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo 'imaginário' ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre 'em processo', sempre 'sendo formada' (HALL, 2000, p.38).

Dessa forma, vi na aluna Patrícia, alguém que poderia contribuir com suas narrativas, ainda que escondida por trás de sua timidez, pois de certa forma, teria alguém que vive nesse universo e que valoriza a sua cultura.

Esse primeiro momento, então, foi bastante produtivo. Uma das primeiras perguntas que faço aos nossos alunos sobre a Festa do Divino é se alguém a conhece, após esta pergunta sigo com o “quem já participou da Festa do Divino?”. Percebo que, nem todos aqueles que já participaram, demonstram o interesse em responder de imediato.

Outra questão a ser tratada, é que muitas das vezes, logo os alunos levantam voz dizendo que a Festa do Divino Espírito Santo é festa de "macumba", forma como eles denominavam religiões de culto afro, mas logo é possível chegar à conclusão de que apenas reproduzem o que ouvem dos adultos ou programas de TV que trazem essa visão estereotipada das religiões de matriz africana. Conceitos estes, que, à medida que dava seguimento ao projeto, seguia explicando, para que eles compreendessem as denominações corretas sobre os rituais da festa. Assim, essa forma depreciativa de ver esses rituais com batucadas de caixas, dentre outros instrumentos de percussão, ligados a terreiros de Mina, ia se extinguindo com o passar do tempo.

No decorrer do projeto essa expressão *já participei!*, a princípio tímido, passa a tomar outra forma, agora, de alguém que pretende contribuir com o seguimento do projeto e até mesmo contribuir com falas que estimule os outros colegas a conhecerem melhor a Festa. Se no início, poucos alunos respondiam de imediato que tinham participado de tal Festejo, quando o projeto foi tomando corpo, a forma espontânea de falar segue se afluando.

De duas alunas que afirmaram terem participado de várias Festas do Divino, no caso Patrícia e Nayla Regina Araújo Martins, as duas contam que a única personagem que estas não executaram, foi a de *caixeira* da Festa. Relatam orgulhando-se de tais participações e vínculo com a Festa do Divino desde a infância.

Os demais alunos, que antes permaneciam calados, passam a se expressar, falando de suas participações ainda que como expectadores, ou comentam que seus pais, irmãos, amigos, ou parentes já foram integrantes de alguma Festa do Divino ou a determinadas festas ligadas a algum Santo, como o Festejo de Santa Luzia, que é bastante frequentada no bairro da Alemanha.

É muito comum a presença de crianças e adolescentes no entorno da Festa, não apenas ocupando o espaço da *tribuna*, mas como curiosos, expectadores desse

momento de devoção. Então, observo nessas cenas, um momento em que essas pessoas param para apreciar a festa, ainda que sem realizar análise desses espaços, como foi objetivo de trabalho com os alunos. Há uma grande circulação desses espaços e as pessoas demonstram o mesmo respeito visto em visitas a espaços arquitetônicos considerados sagrados, como em igrejas ou templos de devoção.

Entendo da mesma forma quem Hall, quando este adota as observações de Lacan, diz que nessa formação do ‘olhar’ do outro “inicia a relação da criança com os sistemas simbólicos fora dela mesma e é assim, o momento da sua entrada nos vários sistemas de representação simbólica – incluindo – a língua, a cultura e a diferença sexual” (HALL, 2000, p. 37). O que nos faz reforçar sobre a importância no papel do professor, desse arte-educador desde o início da educação básica, um profissional que vai contribuir com essa “construção de leitores sensíveis” (BUORO, 2002) e que, acima de tudo oriente os alunos a exercitarem esse respeito à cultura do outro e a sua própria cultura.

3.4 Mediação teórico-metodológicas: escolha das expressões e técnicas artísticas

Inúmeras são as barreiras encontradas pelo educador no ambiente educacional, como a grande quantidade de alunos por sala, pouco tempo para ministrar as aulas, condições insalubres da escola, falta de apoio dos demais colegas. Problemas estes que podem inexistir para uns ou serem uma constante para outros, todavia, é importante destacar que, com ou sem dificuldades, as metodologias em busca do ensino-aprendizagem devem ser traçadas de acordo com o contexto de cada ambiente escolar. É necessário, portanto, criar, experimentar e recriar métodos.

A escolha de um método consiste em elencar caminhos a serem traçados com vista em alcançar determinados objetivos. Aquele que inicia um método com a pretensão de acertar exatamente como o planejado, não está livre de uma possível frustração tão logo.

Segundo os autores de *Educar na era Planetária* Edgar Morin, Emilio-Roger Ciurana e Raúl Motta, referindo-se a métodos, afirmam que “as coisas não são tão simples, nem mesmo quando se procura seguir uma receita culinária, mais próxima de um esforço de recriação que da aplicação mecânica de misturas de ingredientes e

formas de cocção, (MORIN; CIURANA; MOTTA, 2003, p. 17). Com isso, os autores trazem uma perspectiva do que podemos entender sobre método por meio de tal analogia, levando-nos a perceber que há um mundo de possibilidades que podem nos levar a uma infinidade de resultados nesse percurso que o educador busca traçar.

Durante minha trajetória, assumi o papel de mediadora cultural, termo extremamente ligado a Patrimônio Cultural, pois é importante entender que essa é uma das funções principais do arte-educador, a de mediar o aluno no ambiente cultural, o estimulando a fazer análises e reflexões sobre a cultura que está em seu entorno.

Segundo Ana Mae Barbosa e Rejane Galvão Coutinho:

O conceito de educação como mediação vem sendo construído ao longo dos séculos. Sócrates falava da educação como parturição das ideias. Podemos, por aproximação, dizer que o professor assistia, mediava o parto. Rousseau, John Dewey, Vygotsky e muitos outros atribuíam à natureza, ao sujeito ou ao grupo social o encargo da aprendizagem, funcionando o professor como organizador, estimulador, questionador, aglutinador. O professor mediador é tudo isso (BARBOSA; COUTINHO, 2009, p.13).

Para tanto, é necessário enfatizar que ser um mediador cultural, não significa trazer o conhecimento pronto e empacotado ao aluno, mas sim proporcionar um espaço de diálogo, de trocas. Mediação necessária, uma vez que, esses espaços, em geral, são complexos por possuírem vários direcionamentos e conceitos, tanto dentro do espaço escolar quanto no ambiente externo.

Da mesma maneira que o professor realiza essa mediação cultural em ambientes extraescolar como museus e casas de cultura, dentre outros, enfatizamos em todo nosso trabalho, a necessidade e importância do educador realizar essa mediação também diante das manifestações culturais inseridas no campo mais amplo da cultura, principalmente pelo fato de serem estas, recorrentes em praças, *casas de festa*, pontos de cultura e nas ruas em São Luís do Maranhão.

Dessa forma, buquei realizar a mediação cultural nas atividades práticas dentro da escola e nos momentos em que tivemos à oportunidade de visitar espaços da manifestação popular em questão, orientando esses alunos para a pictorialidade ali presente: nos detalhes da ornamentação, enfeites, nas pessoas e seus figurinos, imagens e símbolos significativos.

É importante que o ensino de arte na escola, lançando mão da educação multicultural, preserve essas práticas de estímulo do olhar dos estudantes para seu universo estético, com vistas em conscientizar o olhar do aluno “para poder não só contextualizar o ensino da arte em si, mas também contextualizá-lo em relação ao meio cultural em que as crianças estão inseridas” (RICHTER, 2008, p. 54). Assim, segui com a pesquisa de campo, como foco de estudo dos alunos, estudantes das escolas municipais UEB Neto Guterres e UEB Luís Viana, onde dei início ao projeto apresentando a nossa proposta pedagógica aos coordenadores de ambas as escolas, para que estes, ficassem a par de nossos objetivos, atividades e datas (Tabela 3).

Projeto: “Divino – uma vivência artística sobre o sagrado”. UEB Luís Viana Profª Adriana Tobias e alunos do 9º ano		
ATIVIDADES	DATA*	LOCAL
Divulgação do projeto e sensibilização dos alunos quanto ao tema.	10/05	Salas de aula
Definição de ações para realização do projeto.	20/06	Sala de aula
Visita às <i>casas de Festas</i> do Divino	09, 10, 11 e 12/06	Festa do Divino Espírito Santo em São Luís. Obs.: o aluno é livre para pesquisar em qualquer festa de São Luís. Sugestão: Casa das Minas, Casa de Mina Santa Maria (localizada no Monte Castelo)
Apresentação de cronograma do projeto e apresentação de resultados da pesquisa de Campo. Exibição do filme “Divino Artista” de Murilo Santos.	22/06	Sala de aula
Aula sobre Street art e escolha da técnica a ser trabalhada	22/06	Sala de aula
Pesquisa de campo – pesquisadora/docente	20/06 à 01/07	Festa do Divino/ Festa de Sant’ana – Bairro da Alemanha
Exibição de filmes e fotografias realizadas durante pesquisa de campo na Festa do Divino/ Festa de Sant’ana – Bairro da Alemanha	03/08	Sala de aula
Definição sobre socialização do projeto com a escola e a instalação “Divinificando – mensagem contra intolerância religiosa”	17/08	Sala de aula
Culminância do Projeto	30/11	Pátio, corredores, sala de aula, entrada da escola.

Tabela 3 - tópicos retirados do projeto apresentado às escolas UEB Dr. Neto Guterres e UEB Luís Viana
Fonte: a autora

Delimitei as ações com alunos do 9º ano, faixa etária entre 13 a 17 anos. Muitas das vezes, esses alunos que já estão prestes a seguirem para o Ensino Médio em outras escolas, apresentam um certo nível de autonomia, pois a questão de que o aluno não é um mero receptor, já vem sendo trabalhada desde os primeiros anos do ensino fundamental séries finais, com o intuito de fazê-los entender estes também são protagonistas do processo de ensino-aprendizagem.

Em 2017, ano em que iniciei o projeto juntamente com os alunos, tive a oportunidade de trabalhar pela primeira vez com um livro didático de Arte nas escolas do município de São Luís. Os professores de Arte escolheram os livros do Projeto Mosaico da Editora Scipione. Os livros trabalham com temáticas para cada ano do Ensino Fundamental, na qual a temática do 9º ano é *A Arte e a Ancestralidade*. Tal temática contribuiu para que desenvolvesse diálogos sobre Patrimônio Cultural material e imaterial, dessa forma, os alunos puderam entender que patrimônio é tudo aquilo que herdamos de nossos antepassados e que merece ser valorizado e preservado.

Após apresentar o projeto aos alunos, utilizei o capítulo intitulado de *Patrimônio Cultural*, o que intensificou os debates em sala de aula. Poderia ter começado o trabalho por esse capítulo do livro, porém, não queria iniciar o diálogo dando exemplos de patrimônio cultural situado em outras cidades ou países, pois para iniciar um conteúdo sobre arte, não necessariamente, deve-se partir de um conteúdo geral para chegar ao específico.

Após falar sobre a Festa do Divino, lancei algumas definições sobre Patrimônio Cultural, seguidas de imagens apresentadas no painel do livro¹⁸. Neste painel pudemos observar imagens de cidades, edifícios, monumentos, danças músicas e práticas que hoje, são consideradas patrimônio Cultural da Humanidade, como *As pinturas rupestres na Serra da Capivara, Portal do Templo Kalasasaya na Bolívia, Samba de roda no recôncavo Baiano, Arte gráfica Kusiwa dos indígenas Wajãpi*, dentre outros. Aos poucos os alunos iam percebendo a importância da Festa do Divino, dentre outras manifestações culturais maranhenses, e como elas poderiam se

¹⁸ Cada capítulo Projeto Mosaico da Editora Scipione apresenta um painel com algumas imagens de trabalhos artísticos, de épocas e lugares diferentes agrupadas em torno da temática a ser trabalhada no decorrer de cada capítulo.

encaixar dentro das prerrogativas do que venha a ser Patrimônio Cultural Material e Imaterial.

Ainda dando continuidade à utilização do livro didático como apoio, propus um debate sobre *Ritos e Festas* e o risco destes desaparecerem com o passar do tempo, apontando aos nossos alunos o desafio que as instituições e as pessoas que lutam pela preservação possuem em manterem vivas essas tradições. Em nossas falas, enfatizamos que esse, também é papel dos alunos, pois assim tratamos também, de preservar nossa identidade e conservar a pluralidade cultural.

A primeira etapa compreendeu a apresentação do projeto aos alunos e a sensibilização para importância da pesquisa sobre a Festa do Divino Espírito Santo. Nesses encontros os alunos puderam se expressar livremente sobre conceitos que tinham a respeito da Festa do Divino, sobre Patrimônio Cultural material e imaterial, até onde conheciam tal manifestação cultural.

Esses momentos serviram para ouvir os alunos, possibilitando-me nortear os rumos da experiência, bem como no sentido de instiga-los para a pesquisa sobre o tema. Por meio de vídeos e leituras sobre a Festa do Divino no Maranhão, pudemos iniciar uma discussão sobre a simbologia presente na Festa, a partir de questionamentos como: o que representa o mastro votivo? Qual o motivo de usarem um pombo como símbolo da Festa? Qual a função das caixeiros? O que representam os adereços e as cores?

Parte dos alunos nunca tiveram a oportunidade de presenciar um festejo, outros apenas conheciam de uma maneira superficial e mesmo aqueles que dela participam, tiveram na experiência em questão, a oportunidade de enxergar a festa sob a perspectiva de um olhar de aluno/pesquisador. Diversos relatos foram surgindo, demonstrando nessa primeira etapa que no processo de ensino/aprendizagem, quando é dada aos alunos a possibilidade de se expressarem e debaterem livremente a respeito de temas sobre os quais recaem preconceitos, se colocam de forma mais aberta na condição de aluno pesquisador.

Aos poucos foi sendo criado nos grupos, em ambas escolas, a consciência de que é importante o respeito diante da Festa do Divino. Nas demais etapas, conforme descreve o quadro de atividades (tabela 3), os alunos foram orientados para a pesquisa por meio de leituras, pesquisas a partir de sites, contato com festejos do

Divino Espírito Santo nos bairros citados, onde desenvolveram pesquisas a partir da observação direta, lançando mão de celulares e câmeras fotográficas para realização de registros fotográficos e audiovisuais.

Estimular o olhar do aluno pesquisador para o seu próprio meio, para o que lhe pertence e trazer os resultados desta investida para o ambiente escolar, permiti-nos uma experiência de resistência contra preconceitos, não somente relacionados às práticas religiosas, mas também às formas de concepções artísticas populares presentes nos ambientes de devoção ao sagrado.

Insisto em buscar combater a hostilidade e o preconceito contra a arte útil e contra as práticas e técnicas consideradas inferiores, que reserva a pura contemplação às classes superiores.

Após esses momentos de reflexões passo a relatar os caminhos traçados até a culminância do projeto.

3.5 Processos de criação artística: A pomba do Divino e as mensagens contra a intolerância religiosa

Procurei, assim, escolher uma metodologia, traçando caminhos num terreno, de certa forma conhecido. Realizei juntamente com os alunos, uma pesquisa bibliográfica, de campo e etnográfica que nos proporcionou materiais importantes para nossa pesquisa e realização das análises iconográfica.

Embora eu tenha iniciado com um projeto pronto a ser executado em sala de aula, estimei os alunos a contribuírem com as definições das ações, pois era de extrema importância que o projeto ganhasse corpo com as ideias dos alunos.

Fiz escolha de alguns métodos para trabalhar com os alunos para dar início e prosseguimento às nossas ações pedagógicas a partir da temática Festa do Divino. Em relação à teoria, perpassamos pela *cultura popular* à *Arte Contemporânea*, entendendo que esta, nos possibilitaria uma experiência artísticas enriquecedora com os alunos, pois sei da necessidade em abordar as temáticas da Arte Contemporânea em todas as fazes da educação. Segundo Marilda Oliveira e Vanessa Freitag em artigo *Arte Contemporânea na Escola: algumas reflexões*:

Sem dúvida, a inserção da Arte Contemporânea no Ensino da Arte reverberou em muitas contribuições e experiências diversificadas para o professor e para

o aluno, além de desafiar e inquietar a forma de ver, pensar e trabalhar a própria arte (FREITAG; OLIVEIRA, 2008, p. 30).

Valorizo o trabalho voltado para as manifestações populares assim como a abordagem pelo viés da Arte contemporânea e assim como as autoras, acredito que, trabalhar em sala de aula com tal temática é uma forma de estimular um olhar mais atento sobre as inúmeras manifestações culturais e artísticas (FREITAG; OLIVEIRA, 2008).

A ordem utilizada para essa abordagem metodológica foi: Ver/contextualizar - fazer artístico - porém, a princípio utilizando fotografias e vídeos sobre a Festa, para que os alunos pudessem ter um olhar como quem ver de fora, para que assim, estranhassem o que para alguns, a princípio, lhes é familiar (VELHO, 2008). Essa forma de ver o Festejo propiciou vários momentos de análise e orientação dos alunos em suas pesquisas, para que assim, entendessem o contexto dessa manifestação cultural de presença marcante em São Luís do Maranhão, por ser uma festa eminentemente de terreiro (FERRETTI, 1995), o que diferencia de muitas festas do Divino que ocorrem em outros estados.

Encontrei em algumas técnicas utilizadas na Arte Urbana uma forma de trabalhar com produções artísticas, estimulando a partir de conversas sobre *Street Art*, mais precisamente com as técnicas utilizadas em *Instalações Artísticas* e o trabalho com uso da técnica do *Estêncil*, técnicas que, para o artista urbano, são capazes de dialogar com o ambiente e o público. Assim, busco em Carlsson Benke seu pensamento sobre Arte urbana, que, para ele é:

em sua essência, uma forma de arte efêmera, em que os trabalhos não são feitos para durar para sempre; sua expectativa de vida é limitada. Na verdade, a melhor arte urbana é aquela que se faz levando em consideração que, ao longo do tempo, ela será degradada e desaparecerá (CARLSSON, 2015, p. 9).

Assim, procurei por meio do conceito das práticas artísticas executadas pelos alunos, alcançar mais pessoas da comunidade escolar por meio de uma mensagem final, que é o combate contra intolerância religiosa e a violência nos bairros.

Iniciei com a busca de um novo olhar sobre a Festa do Divino por meio de fotografias e visitas aos *espaços sagrados*; em seguida análises fotográficas e

videográficas; Busca de técnicas para as práticas artísticas; por fim organização e realização da prática artística.

A princípio, as etapas foram pensadas, repensadas, recriadas à medida que as ações eram executadas. A exemplo, as visitas aos *espaços sagrados* não foram realizadas pelos alunos da Escola U.E.B. Dr. Neto Guterres, devido a não realização da Festa do Divino no Bairro do Angelim naquele ano, nos limitamos apenas às demais etapas, sem desvincular teoria e prática.

3.5.1 Festa do Divino – Visita aos espaços sagrados – Alunos da escola UEB Luís Viana

Realizei a pesquisa de campo, juntamente com os alunos, na Festa do Divino realizada na Casa de Mina Santa Maria, onde pude contar com a presença de 12 alunos participantes das equipes organizadas no processo do projeto. Esses alunos fizeram registros que foram exibidos em sala de aula para os demais alunos que não puderam participar do momento pesquisa de campo.

No processo para execução do projeto, lancei mão de fotografias e audiovisuais para apresentar a Festa do Divino Espírito Santo em São Luís do Maranhão¹⁹ aos alunos. Antes de partir com os alunos para o campo, realizei pesquisas e levei aos alunos algumas imagens de Festas do Divino que aconteceram em anos anteriores. Durante esses momentos os alunos comentavam suas participações ou de seus familiares no festejo em questão.

Realizado esse momento de fruição inicial das imagens da Festa, e definições das ações do projeto, entrei em contato com os coordenadores da Festa no terreiro Casa das Minas e combinei as visitas nos *espaços sagrados* juntamente com os alunos. Deixei claro que nenhum aluno era obrigado a participar dessa etapa e que eles poderiam buscar esses registros em outros festejos ao Divino que estivessem acontecendo na cidade naquele período. Sugeri então, algumas casas como Casa das Minas, localizada no bairro da Madre Deus e a Casa de Mina Santa Maria.

¹⁹ Muitos dos alunos têm uma certa proximidade com tal manifestação, pois uma das festas pesquisadas acontecem no bairro da Alemanha, onde a escola UEB Luís Viana está localizada e onde a maior parte dos nossos alunos moram.

Tive a oportunidade de acompanhar alguns alunos na Casa de Mina Santa Maria durante dois momentos emblemáticos da Festa: Batizado da *Tribuna* e o *Derrubamento do Mastro*.

A princípio, busquei entrar nos espaços, juntamente com os alunos, com o objetivo de leva-los a um momento de observação geral, em seguida uma observação mais minuciosa para que fizessem um recorte da simbologia da Festa do Divino. Com seus celulares e câmeras em mãos, fizeram fotos e vídeos como forma de registrar o que seus olhos contemplavam (Figura 35). O objetivo era recolher o máximo de imagens para que os alunos que não puderam participar desse momento, tivessem a chance de conhecer a festa, ainda que por meio do olhar desses alunos.

Figura 35, 36, 37 e 38 – Visita dos alunos da escola UEB Luís Viana aos espaços sagrados da Festa do Divino Espírito Santo da Casa de Mina Santa Maria



Fonte: Foto da autora (arquivo pessoal - 2017)

O encantamento com o espaço sagrado é perceptível, além da forma respeitosa ao adentrar nesses espaços. Para mim esse momento foi uma das etapas mais importantes, pois via a reação desses alunos diante da pictorialidade desses espaços.

Nos reunimos em um grupo de 12 alunos, dentre esses alunos, tinham duas alunas que participavam da Festa do Divino com frequência, uma aluna que conhecia a Festa de Alcântara e que tem um tio que costuma trabalhar na produção da festa, e o restante dos alunos conheciam a festa apenas por terem visto na TV ou pelas redes sociais. Tal grupo era composto por alunos católicos, evangélicos e um aluno que afirmou não ter religião. Dentre eles, todos falaram que percebiam a necessidade de discutir sobre intolerância religiosa, todos, independentemente de suas religiões, o que é possível ver nas seguintes respostas de alguns alunos referente à pergunta “O que você aprendeu sobre intolerância religiosa?”

Que o maior passo para ter um mundo de paz com diversas religiões, é simplesmente o respeito, pois a intolerância já foi o motivo de diversos conflitos ao longo dos anos, então eu acho que todos devem ter o devido respeito com outras religiões (M. L. F).

Que devemos respeitar a religião de cada um, pois vemos muito isso no nosso dia a dia (no trabalho, escola, em qualquer lugar). Cada um com suas crenças! Até porque Intolerância Religiosa é crime (E. F. S).

Aprendi que "Religião" não define ninguém e que é somente um ato de demonstração da nossa fé. Independente da religião do outro, nós sempre devemos respeitar, pois o que é bom para nós pode ser ruim ao próximo! (A.G.S)

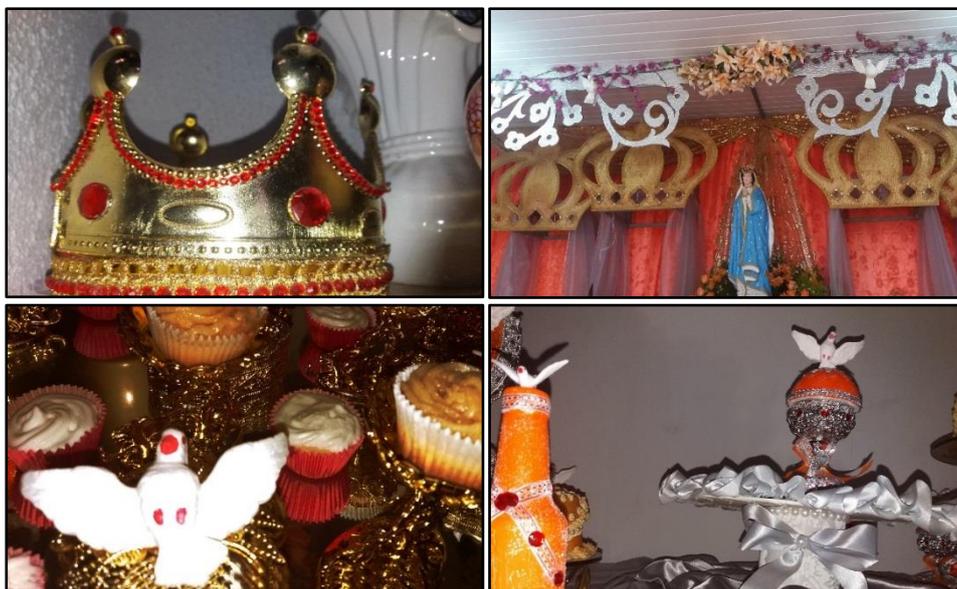
Aprendi que não adianta dizer que intolerância religiosa não existe, pois todos sabemos que existe e que, assim, é necessário respeitar as outras pessoas acima de tudo!! (I.F.A)

Não me estendi em longos questionários nessa etapa com os alunos, apenas toquei em diálogos pontuais pois, a prioridade era obter a opinião por escrito em relação ao pensamento dos alunos sobre a importância em respeitar a crença ou não das pessoas.

A partir das fotografias realizadas pelos alunos e desenvoltura destes nesses espaços, que a princípio não conheciam, foi possível avaliar que os alunos haviam compreendido a essência do trabalho, pois se preocuparam em fotografar tanto os espaços em geral como os detalhes em relação aos ícones da Festa, mesmo que ainda sem utilizar uma adequada noção de enquadramento (Figura 39, 40, 41 e 42).

Figura 39, 40, 41 e 42– iconografia da Festa do Divino. Fotografias realizadas pelos alunos

Festa do Divino, Monte Castelo, São Luís – MA



Fonte: Foto da autora (arquivo pessoal - 2017)

Foram momentos de muita atenção durante a apreciação desses espaços e objetos, experiência estética que aconteceu em apenas dois dias, mas que pôde refletir na prática artística com esses alunos e o restante da turma (Figura 43, 44, 45 e 46). Os alunos puderam conversar com os coordenadores da Festa, com as *caixeiras* e alguns participantes da Festa. Aparentavam estar à vontade e não demonstraram nenhuma forma de preconceito ou desrespeito diante de qualquer rito durante a Festa.

Figura 43, 44, 45 e 46 – Visita dos alunos da escola UEB Luís Viana aos espaços sagrados da Festa do Divino Espírito Santo da Casa de Mina Santa Maria



Fonte: Foto da autora (arquivo pessoal - 2017)

- Apreciação das imagens fotográficas e audiovisuais – UEB Luís Viana

Na escola UEB Luís Viana tivemos três etapas de apreciação: A primeira, realizada durante visita aos espaços sagrados e a segunda durante exibição de vídeos e fotografias e a terceira durante a prática artística, estas últimas, no espaço escolar. A estes alunos que, por ventura, não puderam realizar estas visitas aos *espaços sagrados*, utilizamos recursos visuais, como exibição de vídeos e fotografias sobre Festas do Divino.

Além dos registros dos alunos, utilizei o vídeo *Divino Artista*, filme do fotógrafo e cineasta maranhense Murilo Santos. Embora o filme retrate os *fazeres* e *saberes* que norteiam a Festa de Alcântara, tal apresentação foi interessante por se tratar de um filme, narrado pelo personagem principal, Antonio de Coló, que mostra de perto seu trabalho como artesão e mestre-sala de tal Festa, assim como, alguns detalhes dos rituais dessa manifestação cultural. As fotografias apresentadas a esses alunos

fazem parte dos meus registros e também dos alunos que puderam comparecer nas visitas às *Casas de Festa*.

As imagens, apresentadas em sala de aula (Figura 47 e 48), foram de grande utilidade para unir ao contexto da Festa que já havia sido pesquisado pelo corpo discente. Foi uma contribuição indispensável também, para as produções artísticas realizadas ao lado dos alunos da UEB Luís Viana.

Figura 47 e 48 - Apreciação das imagens fotográficas e audiovisuais – UEB Luís Viana



Fonte: Fotografia do aluno José dos Reis - 2017

3.5.2 Processo de pesquisa com os alunos da escola UEB Dr. Neto Guterres

Assim como na escola UEB Luís Viana, também realizei diálogo inicial com os alunos sobre a Festa do Divino, bem como utilização de imagens fotográficas dos meus arquivo, além da realização de debates sobre intolerância religiosa. Foi possível perceber que, o fato de não ter levado os alunos aos espaços sagrados da Festa do Divino para a experiência estética, os deixou, a princípio, desanimados. O objetivo do projeto era de proporcionar esta experiência, porém, devido a não realização da Festa que acontecia próximo à escola, fez-me optar pelo cancelamento desta etapa. Ainda assim, continuamos com nosso projeto a nível de pesquisa em sites, livros e revistas e conclusão com prática artística.

Os alunos também puderam apreciar ao filme *Divino Artista* (Figura 49), o que nos proporcionou diálogos exitosos durante a semana. Dentre os alunos do 9º ano da Escola UEB Dr. Neto Guterres, poucos conheciam a Festa que acontecia no bairro do Angelim. Era uma pequena Festa realizada por dona Celi Corrêa que, após seu

falecimento, passou a ser realizada por sua filha dona Maria José. Esta, fez promessa ao Divino para que realizasse a Festa apenas por mais três anos, no caso, até 2016. A Festa do Divino no Angelim, acontecia em um barracão localizado na rua Tarquínio Lopes, a mesma rua onde fica localizada a escola em questão. Assim, apresentei aos alunos meus registros do último ano de festa.

Figura 49 – Exibição do vídeo Divino Artista aos alunos da escola Ueb Dr. Neto Guterres



Fonte: Foto da autora (arquivo pessoal- 2017)

Utilizei registros realizados em novembro de 2016, quando na ocasião, acontecia a última festa desse bairro, como podemos observar nos frames retirados desses vídeos (Figura 50, 51, 52 e 53). À medida que mostrava os vídeos e fotografias, os alunos iam apontando pessoas conhecidas por eles ou parentes em cortejos nas ruas ou rituais dentro da Casa de Festa. Busquei reforçar nesses momentos de mostra de vídeos, a ideia de preservação desses ritos e a importância em valorizar tais manifestações culturais. Na figura 52, em que aparece uma adolescente sorrindo, trata-se de Kárdilla Santos, ex-aluna da UEB Neto Guterres que participava da Festa como bandeirinha

Figura 50, 51, 52 e 53 – Frames de vídeos realizados durante Festa do Divino no bairro do Angelim, São Luís – MA



Fonte: arquivo pessoal- 2016

Dialoguei com os alunos para explicar alguns motivos pelo qual a Festa não acontece mais no Bairro do Angelim. Um dos motivos se deu por conta do falecimento da realizadora da Festa, porém, uma das filhas fez promessa ao Divino, afirmando que continuaria festa por três anos seguidos, e aquele era o terceiro ano. Muitos frequentadores queriam que a Festa continuasse a ser realizada para além dos três anos, no entanto, vendo que o local não estava mais sendo ideal para a realização da Festa, e por conta de reclamações de vizinhos, ela então, decidiu não prosseguir com o festejo anual.

A partir dessas apreciações e debates juntamente com os alunos, estes puderam extrair das fotografias e audiovisuais, os símbolos presentes que marcam fortemente a Festa, para que assim, pudessem planejar a produção artística coletiva.

3.5.3 Poéticas visuais – fazer artístico – UEB Luís Viana e UEB Dr. Neto Guterres

Duas escolas, um projeto, fazeres artísticos que seguiram percursos diferentes, assim como a água de um rio, que em certo ponto, insiste em seguir noutro caminho, a formar um afluente, outro rio. Mesmos objetivos, porém, caminhos e resultados diferentes. Assim é o método, como foi dito anteriormente sobre a velha alusão da receita de bolo. Mesma receita e resultados diferente, adolescentes de mundos

diferentes, sendo assim, resolvemos arriscar e trabalhar com técnicas artísticas também diferentes.

Na escola UEB Luís Viana, experienciamos a criação artística a partir da Instalação artística. Na escola UEB Dr. Neto Guterres, optamos pelo uso do Estêncil na construção de uma pintura mural.

A decisão de trabalhar com a *Street Art* aconteceu durante as aulas com a professora Viviane Rocha que ministrou a disciplina *Poéticas e Processos da Criação em Artes*, no Mestrado Profartes - UFMA. Momento muito importante que abriu caminhos para o processo de criação com o corpo discente de nossas escolas. Assim, apresentei para os alunos diversas técnicas da arte urbana, para que, de tal modo, escolhêssemos a técnica a pormos em prática. A *Street Art*, deste modo, foi inspiração para as construções artísticas realizadas pelos alunos, uma forma de atrair estes, para algo que assim como a Festa do Divino, está tão próximo de seu universo, tão quanto a Arte Urbana.

Estudos sobre Carlsson Benke sobre os conceitos da *Street Art*, além de análises dos trabalhos de Bansk e ainda em Yoko Ono foram feitos, para que os alunos entendessem que a Arte das ruas estão presentes pelo mundo afora, bem como na cidade em que eles vivem.

- Prática artística UEB Luís Viana

Para a realização dessa prática artística, contei diversas vezes com a ajuda de alguns professores, que me cederam seus horários para dar seguimento nas ações, como professores de Língua Portuguesa, que possuem maior carga/horária em cada turma. Como havia dito, e aproveito para frisar mais uma vez, que a carga/horaria da disciplina Arte no 8º e 9º ano são de apenas 1h semanal, o que implica muito no desenvolvimento de projetos.

Foi traçado um caminho com a intenção de conseguir resultados que envolvessem outras turmas, logo, dividi cada turma do 9º ano em dois grandes grupos de 15 pessoas cada, para que esses realizassem pesquisa sobre a Festa do Divino e o Combate à intolerância religiosa e, assim, apresentassem em forma de seminário. Escolhi pôr em prática nossas atividades artísticas, uma semana antes da culminância

de nosso projeto. Assim, foi preparada uma oficina para levar aos alunos do 9º ano, para que na semana seguinte, estes, ministrassem seminário e a oficina aos alunos do 7º e 8º ano.

Nesse primeiro momento de oficina, não concluí com a instalação artística para que os alunos das outras turmas não visualizassem a técnica que trabalharíamos com eles. Durante a oficina, houve um momento teórico sobre as festas do Divino Espírito Santo no Brasil e a temática *Combate a Intolerância Religiosa* em que segui o seguinte roteiro:

- Festa do Divino: origem;
- Divino em Parati, Pirenópolis, São Paulo;
- Divino no Maranhão;
- Festa do Divino em São Luís e sua ligação com os Terreiros de Mina;
- Valorização da nossa própria cultura e da cultura do outro;
- Intolerância Religiosa,
- Prática artística.

Para esse momento de vivência artística, apresentei aos alunos o projeto da cantora, compositora e artista plástica Yoko Ono *O céu ainda é azul, você sabe*. Suas obras são caracterizadas pela provocação, introspecção e pacifismo. Logo, a obra *Árvore dos Pedidos para o mundo* de Yoko Ono (Figura 39), na qual o público interagia com a obra escrevendo recados para o mundo, foi o ponto de contato motivacional.

Figura 54 - instalação de Yoko Ono: *Árvore os Pedidos para o mundo*, 2011



Fonte: Site Atelier. Disponível em:< <https://www.atelier.guide/home/tomie-ohatake-apresenta-individual-de-yoko-ono>>

Para levar também uma mensagem para o mundo (como na obra original), bilhetes foram feitos pelos alunos num trabalho coletivo de recriação artística em formato de um ícone simbólico da Festa – o pombo – que no cristianismo é a representação do Espírito Santo, e que possui vários significados em várias culturas, dentre eles, a representação da paz. Como planejado, na semana seguinte, os alunos fizeram a apresentação de seminários (Figura 55 e 56) expondo seus pensamentos sobre Combate à intolerância Religiosa e executaram a oficina artística.

Figura 55 e 56– Apresentação de seminário aos alunos do 8º ano da escola UEB Luís Viana



Fonte: Foto da autora (arquivo pessoal – 2017)

A oficina aconteceu em uma tarde e como planejado, os alunos orientaram seus colegas a construírem um pequeno móbile de papel em formato de pombo com frases ou palavras que remetessem ao respeito à religião dos outros e o combate a todo tipo de preconceito (Figuras 57, 58, 59 e 60).

Figura 57, 58, 59 e 60– Sequência de imagens – alunos participando da oficina de Arte com os alunos do 7º e 8º ano



Fonte: Foto da autora (arquivo pessoal – 2017)

Ao final, os alunos seguiram em direção a quadra de esportes para pendurar os móveis no local escolhidos por eles: a grade de proteção da quadra. Escolheram a quadra por ser um dos locais mais frequentados pelos alunos e por ser uma espécie de fuga aos olhos de quem está em sala de aula (Figura 61).

Figura 61 - Grade escolhida pelos alunos para montagem da instalação. A imagem foi capturada da sala dos professores ao término do expediente



Fonte: Foto da autora (arquivo pessoal – 2017)

Esse momento da montagem foi de muita agitação. Ao analisar as fotografias, parecia-me que os próprios alunos, faziam parte da instalação, pois estes, não cansavam de apreciar o trabalho por eles executados (Figura 62).

No dia seguinte alguns alunos enviaram mensagens via celular, me informando, repletos de tristeza, de que os trabalhos já não estavam mais nas grades, que possivelmente, outros alunos retiraram. As resposta às mensagem foram dadas como forma de lembrete do que já havíamos conversado: “a melhor arte urbana é aquela que se faz levando em consideração que, ao longo do tempo, ela será degradada e desaparecerá” (CARLSSON, 2015, p. 9) e o mais importante foi a mensagem deixada para os que por ali passaram.

Figura 62, 63, 64 e 65 – Montagem e finalização da instalação artística



Fonte: Foto da autora (arquivo pessoal – 2017)

- Prática artística UEB Dr. Neto Guterres

A prática artística com os alunos da escola UEB Dr. Neto Guterres, foi executada em quatro etapas: Apreciação de fotografias referentes aos trabalhos do artista Banksy; elaboração de projeto para mural; desenho e produção dos Estêncis.

Ao analisarmos as obras do artista escolhido, nos deparamos com a imagem de um pombo que geraram alguns debates (Figura 66). Instiguei os alunos a falarem sobre a imagem. Um dos alunos chegou à conclusão de que “o mundo está tão violento que até o pombo da paz está usando colete a prova de balas”. A partir dessas observações e dos diálogos sobre alguns dos significados dos símbolos tanto para a Festa do Divino quanto para variadas culturas, chegamos à conclusão de que enfatizaríamos a figura do pombo para criar um mural que simbolizasse a busca pela paz. No entanto, os alunos também optaram por enfatizar a figura da *coroa* para que não perdesse o caráter da Festa.

Figura 66 – Trabalho de Banksy - uma pomba com o colete à prova de bala - Belém Cisjordânia) – Fotografia de David Silverman



Fonte: https://brasil.elpais.com/brasil/2013/12/19/elviajero/1387458581_160163.html

Encerrado esse processo de sensibilização a partir das imagens do artista, partimos para a prática artística em que os alunos fizeram os desenhos para a

produção das máscaras para o estêncil em momentos anterior ao da produção artística (Figura 67 e 68).

Figura 67 e 68 – Elaboração de projeto para pintura mural o mural.



Fonte: Foto da autora (arquivo pessoal – 2017)

Nos reunimos em um sábado, com o intuito de proporcionar aos alunos um pouco mais de tempo para a produção e reforçar o fator surpresa para o restante da comunidade escolar. Organizamos os materiais como tinta spray, tinta de parede, pinceis, tesouras, estilete e iniciamos o processo. Alguns dos alunos se envolveram na preparação da parede, outros na organização dos materiais e dos recortes do estêncil (Figura 69 e 70).

Figura 69 e 70 – Produção dos estêncis baseado nos símbolos da Festa do divino



Fonte: Foto da autora (arquivo pessoal – 2017)

Decidi, juntamente com os educandos, registrar a presença destes, no espaço escolar, como uma forma de deixar uma marca por uma turma do 9º ano que estava prestes a completar a etapa do Ensino Fundamental, finalizando-se assim, com produção de um painel em um muro da própria escola. Da mesma forma que ocorreu na escola anterior, o trabalho ficou em um espaço, onde muitas das vezes o olhar dos alunos e professores é direcionado naturalmente, como quem busca um descanso. Nada melhor do que ter preenchido esse espaço em branco com trabalho dos próprios alunos além de dar ênfase ao combate à intolerância religiosa e a incessante busca pela paz. Percebo em tal ação uma forma de deixar uma mensagem aos futuros alunos que preencheriam o espaço vazio que tal turma deixaria.

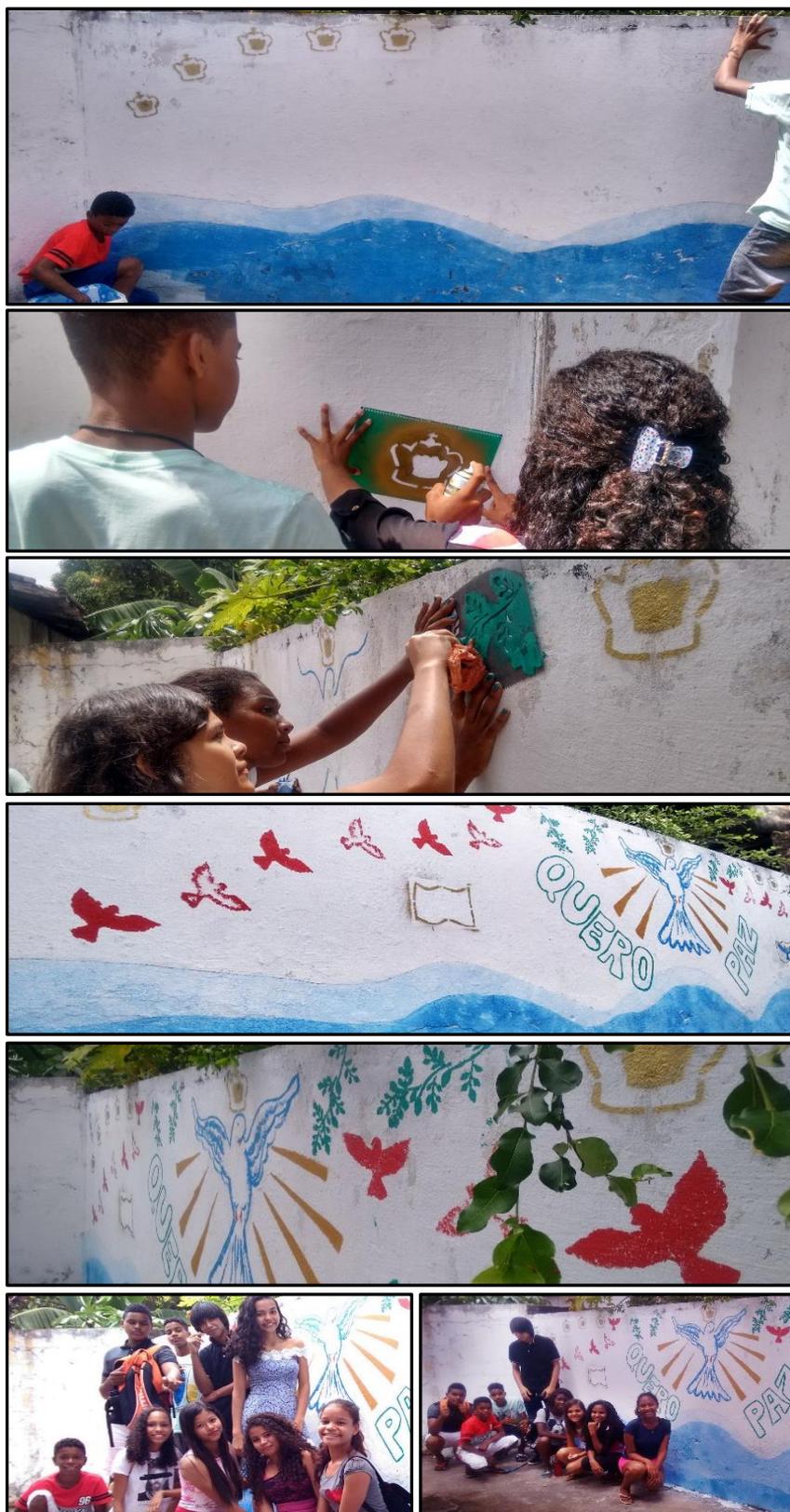
Na semana seguinte, organizei, juntamente com a coordenação, uma visitação ao espaço mediada pelos próprios alunos, momento em que estes puderam explanar sobre a Festa do Divino e a produção artística final. Uma forma de socializar o projeto aos membros da comunidade escolar, em específico, os discentes do 6º, 7º e 8º ano. Os alunos exploraram o painel para explicar melhor os objetivos de tal projeto, dando destaque à temática do trabalho.

Esse momento se faz importante, por deixar claro que o papel do professor é o de contribuir com o aprendizado e acima de tudo instigar os alunos a também compartilharem o conhecimento adquirido em conjunto com o auxílio do professor como mediador cultural.

É possível notar nas imagens destacadas abaixo (Figura 71) a sequência dessa atividade artística final, em que os alunos se empenharam em serem autores da pintura mural. Cada etapa foi organizada de forma a envolver todos os alunos que se encontravam ali presentes, dando vez e voz às ideias no momento de criação.

A disponibilidade das imagens escolhidas pelos alunos, gerou uma composição em que os elementos principais se encontram centralizados, ladeados de imagens iconográficas da Festa do Divino, como podemos observar nas imagens a seguir.

Figura 71 à 77 - Montagem e finalização do mural pela paz e respeito à religião do outro



Fonte: Foto da autora (arquivo pessoal – 2017)

As poéticas elaboradas pelos alunos, puderam ser realizadas devido ao repertório montado no percurso do projeto, onde estes, buscaram a partir de um senso estético construído com a mediação durante as aulas. A Arte Urbana foi muito importante nesse processo, pois contribuiu para interligar o universo da cultura popular com o universo do aluno.

Além dessas possibilidades apresentadas aos alunos, inúmeros recortes seriam possíveis para se trabalhar o ensino da Arte a partir de amplo repertório visual, musical, teatral que a Festa do Divino pode nos oferecer.

Foi possível perceber o quanto os alunos foram adquirindo autonomia no decorrer do processo e o quanto foi importante deixá-los livres para que estes entendessem que a sua participação na construção do projeto faz-se necessário. A mim, como arte-educadora, cabe o papel de constante incentivador do crescimento do aluno, pois “saber que devo respeito à autonomia e à identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber” (FREIRE, 2015. p. 59).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Festa do Divino Espírito Santo em São Luís – MA e seu universo de cores, brilhos, formas e símbolos é também espaço para o ensino das Artes Visuais, assim como para outras disciplinas, não somente ligada às artes. Seria um desperdício, não agregar seus valores ao campo da arte-educação, ainda mais por serem estes, tão relacionados ao universo do aluno.

Minha experiência como pesquisadora em Festas do Divino não se esgota em uma ou mais duas Festas frequentadas, há sempre algo novo a aprender nesses espaços. O educador pesquisador entende que o aprendizado é constante e deve ser passado ao aluno/pesquisador a mesma constatação de que o conhecimento é inesgotável.

A *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional* (LDB nº 9.394/96), os Parâmetros Culturais Nacionais de Arte, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais, uma proposta de Base Nacional Comum Curricular, servem como apoio para o educador, quando este, conhecedor do seu público alvo, e assume o papel de trabalhar conteúdos ligados aos saberes e fazeres que reforçam a pluralidade cultural. Ainda assim, de forma crítica, reconhece que os livros didáticos ainda estão sendo adaptados de acordo com essas exigências. Dessa forma, entendo que o professor, ao organizar seu planejamento, deva inserir temáticas voltadas para essas necessidades, que estão para além da obrigatoriedade.

Percebo que, ao realizar projetos com tais características, esses laços da relação professor e aluno, são estreitados, gerando maior participação durante o decorrer do projeto. Isso é perceptível, nos resultados dos projetos e na amizade que permanece mesmo não sendo mais professor e aluno. Entendo que aquele desejo por pesquisar, nato da humanidade, que em alguns casos, se perde em determinado momento após a infância, é despertado quando os instigamos a buscar mais conhecimento.

Anterior aos relatos de experiência, busquei rememorar vivências anteriores em que primava por experiências fora das paredes das salas de aula, para destacar que os resultados muitas vezes são mais exitosos, quando experimentamos outros

ambientes tanto na própria escola, quanto em museus, Casas de Cultura, ou ambientes das manifestações populares.

A experiência com os alunos do Ensino Fundamental das séries finais em nosso projeto *Divinificando– uma vivência artística sobre o sagrado*, de certa forma, não teve os mesmos resultados da vivência com Ensino Médio. As circunstâncias eram outras, longe de ser uma frustração, pelo contrário, vimos que tais práticas com alunos mais novos requer um cuidado maior, onde a leitura de textos pode não funcionar tão bem quanto com alunos do ensino médio, mas o uso da leitura de imagens já flui com mais facilidade. Assim segui aprendendo com esse novo público de alunos que possui a mesma faixa etária das crianças participantes da corte nas Festas do Divino Espírito Santo em São Luís.

Diante da experiência relatada, é possível perceber que o principal objetivo deste trabalho foi alcançado, na medida em que os alunos reconheceram a importância e necessidade de um mergulho no universo de sua cultura e da cultura do outro, buscando valorizar e respeitar o que a princípio lhes parecia estranho ou não digno de ser pesquisado. A metodologia desenvolvida no decorrer da execução do projeto, torna-se visível a partir do resultado final em que os alunos demonstraram, em prática, que o processo de ensino-aprendizagem foi alcançado. Acredito que a experiência representou um pequeno passo, porém importante, para romper com as possíveis formas de preconceitos.

Ao longo do nosso percurso percebi que, é possível desenvolver um trabalho do ensino da Arte atrelando experiências vividas também fora do âmbito escolar, estimulando o aluno a ser um pesquisador consciente, sobretudo, investigador daquilo que está próximo de seu lugar de vivência. Tantos os alunos participantes das Festas quanto aqueles que só conheciam por meio de imagens, reportagens de TV, passaram a conhecer mais características sobre a Festa e sobre a importância em respeitar a cultura maranhense.

Busquei frisar que esses espaços aos quais tomamos como fundamentais em nosso trabalho, juntamente com os alunos, é de certa forma, o mesmo espaço que os alunos transitam convivem, interagem, posto que se situam nos bairros fora do centro da cidade, onde a grande maioria dos discentes residem, e que são impregnados da chamada *cultura popular*. Dessa forma, foi possível levar os alunos a compreenderem

que a Festa do Divino Espírito Santo e seus elementos plásticos, possuem um valor cultural e que precisa ser preservado, pois fazem parte de nossa herança, pois ainda que a Festa do Divino seja de origem portuguesa, aqui no Maranhão, temos características marcantes ligadas às religiões de matriz africana.

Nesse contexto que se situa a Festa do Divino Espírito Santo, percebo que é perfeitamente possível aliar as experiências adquiridas pelo docente em sua longa trajetória de observar/integrar-se a essas festas e festejos, com as vivências que os alunos trazem desta mesma esfera social. A pesquisa e o desenvolvimento da dissertação, enfim, todo processo de aprendizado adquirido neste mestrado leva a constatação de que é possível produzir conhecimentos de manifestações culturais que fazem parte do universo dos alunos, juntamente com a mediação do educador.

As experiências nas escolas UEB Luís Viana e UEB Dr. Neto Guterres, ainda que por caminhos diferentes, tinham nos objetivos a intenção de trabalhar com a imersão dos discentes nesses espaços sagrados para apreciação da plasticidade da Festa do Divino, porém não se conseguiu levar todos os alunos à pesquisa de Campo. Aqueles que conseguiram participar desse momento, trouxeram um material valioso para ser trabalhado em sala de aula. Assim, o mergulho de alunos na prática dos rituais da Festa do Divino, seja por meio de materiais audiovisuais ou presencial, agregaram maneiras de compreensão sobre o ensino da Arte numa educação para além da sala de aula, promovendo a sensibilização do olhar do aluno, ainda que, poucos tenham participado diretamente de tal manifestação cultural.

Percebo a existência de um elemento agregado a toda essa produção acadêmica estética, que foi fundamental para nossas práticas em sala de aula, imbricado ao método: o combate à intolerância religiosa. Partindo desse tema social, realizaram-se debates sobre questões que levaram a apontar caminhos para o fim desse preconceito em relação à religião do outro e a importância do diálogo.

As questões estéticas em relação aos espaços sagrados trouxe à experiência em sala de aula, uma nova configuração. Se antes se tinha apenas imagens de meus arquivos em Festas do Divino desses últimos 10 anos de pesquisa, a partir de então, passaram-se a ter materiais produzidos pelos alunos/pesquisadores que passarão a ser usados em outras aulas sobre a Festa do Divino como material didático.

A prática artística realizada com os alunos, enfatizando a arte urbana, levou a refletir sobre as possibilidades de fazer outras interligações com diversas manifestações populares e a educação. Nesses momentos que se percebeu, de forma concreta, que o aluno valorizou o trabalho realizado tanto em sala de aula quanto fora dela.

Um outro aspecto de extrema importância é que o desenvolvimento de outros trabalhos como este, após o mestrado, sempre vai requerer uma fundamentação teórica aprofundada. Aliás, a proposta deste mestrado é de formar os mestrando, tendo em vista o seu ambiente de trabalho e suas práticas cotidianas com perspectiva de uma sustentabilidade para além do período do mestrado, para a vida. Os dois anos de mestrado, as leituras, os autores, as trocas de experiências, as discussões em grupo, a orientação e as luzes que outros professores trouxeram para esta experiência, indica que é possível sim, tanto possível quanto necessário, recorrer aos instrumentais teóricos para consolidar uma prática, porque só assim se terá as condições de distanciamento de nosso objeto para refletirmos sobre ele.

Dessa forma, os alunos do 9º ano das escolas UEB Luís Viana e UEB Dr. Neto Guterres, são leitores sensíveis não apenas de imagens de artistas renomados, mas também de espaços sagrados que possuem um repertório visual carregado de histórias. Entendo assim, que esta dissertação pode gerar outras possibilidades de pesquisas para arte/educadores das demais linguagens, pois a Festa do Divino possui uma gama de expressões a serem discutidas, além do que as experiências nunca serão a mesmas, ainda que se utilizem destas propostas metodológicas, as mesmas técnicas, pois o público alvo traçará seu próprio caminho assim como um rio.

REFERÊNCIAS

ALLUM, Nicholas C.; BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento* – evitando confusões. In:BAUER, Martin W.; GASKEL, George (orgs.), Editora Vozes. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som** – um manual prático. Ed. Petrópoles, Rj: Vozes, 2015.

Arte Maranhão: Airton Marinho. Direção: Beto Matuck. São Luís: MAVAM. 2017a. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PCamznsfnNs>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

_____. - Péricles Rocha. Direção: Beto Matuck. São Luís: MAVAM. 2017b. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eYtSp9I7eZ8&t=93s>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais**/Ana Mae Barbosa (org.) – São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **A imagem no ensino de Arte**: anos oitenta e novos tempos. São Paulo: Perspectiva, 2012. (Edição revisada).

BARBOSA, Marise. **Um as mulheres que dão no couro**. São Paulo: Empório de Produções e comunicação, 2006.

• BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (Org.). **Arte/Educação como mediação cultural e social**. São Paulo: UNESP, 2009.

BASTOS, Flávia Maria Cunha. O perturbamento do familiar: Uma proposta teórica para Arte/Educação baseada na comunidade. In: BARBOSA, Ana Mae (org.) **Arte/Educação Contemporânea: Consonâncias Internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005.

BUORO, Anamelia Bueno. **Olhos que pintam: a leitura de imagem e o ensino da arte**. São Paulo, Educ/com Ped/ INEP/ FAPESP/ Cortez Editora, 2002.

BECKER, Udo. **Dicionário de símbolos**. São Paulo. Editora Paulus, 2007.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular. 2ª versão revista em abril de 2016**. Disponível em:<<http://www.basenacionalcomum.mec.gov.br/documentos/bncc-2versao.revista.pdf>>. Acesso em: 20 jul.2017.

_____. **Base Nacional Comum Curricular. 3ª versão revista em abril de 2017**. Disponível em:<<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCCpublicacao.pdf>> Acesso em: 10 ago. 2017.

_____. **Conselho Nacional de educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico- raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília, 2004. Disponível em:

<<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/DCN-s-Educacao-das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf>>. Acesso: 10. abr. 2018..

_____. **Lei nº. 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF, 2003. Não paginado. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 10 mai. 2017.

_____. **Lei nº. 9394, de 20 de dezembro de 1996.** Dispõe sobre as Diretrizes da Educação Nacional e atualizações do Ensino de Arte. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 09 jul. 2017.

_____. MEC. Planejando a Próxima Década Conhecendo as 20 Metas do Plano Nacional de Educação. Ministério da Educação / Secretaria de Articulação com os Sistemas de Ensino (MEC/SASE), 2014. Disponível em: <http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2018.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular** – Proposta da BNCC. Brasília, DF, 2018.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:Arte**/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF. 1997.

_____. **Lei nº 9.459, de 13 de maio de 1997.** Altera os arts. 1º e 20 da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor, e acrescenta parágrafo ao art. 140 do Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9459.htm . Acesso em: 10 mai. 2018.

CARLSSON, Benke. **Street art: técnicas e materiais para arte urbana:** grafite, pôsters, adbusting, estêncil, jardinagem de guerrilha, mosaicos, adesivos, instalações, serigrafia, perler beads. 1. Ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2015.

CARVALHO, Maria Michol Pinho de. **Divino Espírito (re)ligando Portugal/Brasil no imaginário religioso popular.** VI Congresso Português de Sociologia, Portugal. 2008. Disponível em: <<http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/188.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2018.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano:* 1. Artes do fazer/Michel de Certeau; Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CULTURA. **Pontos de cultura.** Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/pontos-de-cultura1>> Acesso e: 24 jul. 2018.

DEMO, Pedro. *Educar pela pesquisa*. 8. Ed. Campinas, SP. Autores associados. 2007.

DEWEY, John. *Arte como experiência*; {organização Jo Na Boydston; editora de texto Harriet Furt Simon; introdução Abraham Kaplan; tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010. – (coleção Todas as Artes).

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: M. Fontes, 2003.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e profano: a essência das religiões*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha. **Desceu na guma o caboclo do tambor de mina em um terreiro de São Luís a Casa Fanti Ashanti**. São Luís – EDUFMA. 2000.

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. **Repensando o Sincretismo**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo; São Luís: FAPEMA, 1995.

_____. **Sincretismo e religião na Festa do Divino**. Encontro Internacional sobre o \divino. São Luís-SESC/MA, 2007. Disponível em: <www.repositorio.ufma.br:8080/jspui/handle/1/191>. Acesso em: 18 abr.2018.

_____. **Festa do Divino no Maranhão**. Catálogo da Exposição Divino Toque do Maranhão. Rio de Janeiro: Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular /IPHAN / MEC, 2005, p 9-29. Disponível em: <<http://www.gpmina.ufma.br/pastas/doc/Festa%20do%20Divino%20no%20Maranhao.pdf>> Acesso em: 10 mai. 2018..

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 51ª ed – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREITAG, Vanessa; OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. Arte Contemporânea na Escola: algumas reflexões. In: CORRÊA, Ayrton Dutra (orga.), Editoraufsm. **Cartografias Contemporâneas da Arte-Educação**. Editoraufms, Santa Maria 2008, p. 15-33.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2008.

GOMBRICH, Ernst Hans. **A História da Arte**; tradução Cristina de Assis Serra. – Rio de Janeiro: LTC, 2013.

GHEERBRANT, Alain ; CHEVALIER, Jean. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

GOOGLE MAPS. **UEB Luís Viana**. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/place/U.E.B+Lu%C3%ADs+Viana+Fundamental/@-2.5362349,-44.2715023,17z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x7f68e4af7fffff:0x30ff13c00d39ba25!8m2!3d-2.5362349!4d-44.2693136>> Acesso em: 10 jul.2017.

GRAMSCI, Antonio. **Literatura e Vida Nacional**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

GUALBERTO, Márcio Alexandre M.: **Mapa da intolerância religiosa. 2011**: Violação ao direito de culto no Brasil. E-book (Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/11/Mapa-da-intoler%C3%A2ncia-religiosa.pdf>>. Rio de Janeiro 2001, 154 páginas.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Organização: Liv Sovik; tradução: Adelaine La Guardia Resende ... [et al] – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

IPHAN. **O registro do patrimônio imaterial**: dossiê final das atividades da Comissão do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial. 4.ed. Brasília: Instituto Patrimônio Histórico Nacional, 2006^a.

LIMA, Carlos de. **Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara**. 2^a Ed. Brasília: Fundação Nacional Pré- memória/ Grupo de trabalho de Alcântara, 1998.

MAGALHÃES, Roberto Carvalho de. **O Grande Livro da Arte** – Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

MARTIN, Kathleen. **O Livro dos símbolos**: Reflexões sobre imagens e arquetípicas. Ed Taschen. 2012

MATUCK, Beto. **Arte Maranhão**: Airton Marinho. São Luís: MAVAM. 2017a. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PCamznsfnNs>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

_____. **Arte Maranhão** - Péricles Rocha. São Luís: MAVAM. 2017b. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eYtSp9I7eZ8&t=93s>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naif, 1974.

MORIN, Edgar; CIURANA, Emílio - Roger; MOTTA, Raul Domingo. **Educar na era planetária**: o pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana. 2.ed. São Paulo, Brasília, DF: Cortez, UNESCO, 2003.

OLIVEIRA, Ana Claudia De. A estesia como condição do estético. In: OLIVEIRA, ANA CLAUDIA DE; LANDOWSKI, ERIC (Org.). **Do inteligível ao sensível**. São Paulo: EDC, 1995. .

PEREIRA, Keila Cristina Sant'Ana. **Império do Divino: uma análise etnocenológica sobre os personagens da Festa do Divino Espírito Santo em São Luís-MA.** São Luís – UFMA 2012. Disponível em: <<https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/19>>. Acesso em: 10 mai. 2017.

PINHEIRO, Amálio. *Notas sobre conhecimento e mestiçagem na América Latina.* **Revista Repertório Teatro & Dança - Ano 13 - Número 14 - 2010**, páginas de 9 a 12. Disponível em: <<file:///C:/Users/Usuario/Downloads/4658-11934-1-PB.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2018.

_____. **Por entre Mídias e Artes, a Cultura.** 2014. Disponível em: <<http://revista.cisc.org.br/ghrebh6/artigos/06amalio.htm>>. Acesso em: 27 set. 2017.

PRADO, Regina. **Todo ano tem - As Festas a Estrutura Social Camponesa.** Maranhão, EDUFMA, 2007.

RICHTER, Ivone M. *Multiculturalidade e interdisciplinaridade.* In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte.** São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes.** Campinas, SP: mercado das Letras, 2008.

SEMED/ SÃO LUÍS. Secretaria Municipal de Educação de São Luís/MA . **Proposta Curricular: Arte - Ensino Fundamental - 3º e 4º Ciclos.** São Luís: 2008.

SANTAELLA, Lucia. *Cultura e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura.* In: Valdir José de Castro (Coord.). São Paulo: Paulus, 2003.
UNESCO. **Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural.** Paris: UNESCO, 2002.

TAVARES, Elton. **Espectáculo 'Divino' será apresentado na X Aldeia de Artes Sesc Povos da Floresta.** 2015. Disponível em <<https://www.blogderocha.com.br/espetaculo-divino-sera-apresentado-na-x-aldeia-de-artes-sesc-povos-da-floresta/>>. Acesso em: 25 mai. 2018.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas sobre uma antropologia da sociedade contemporânea.** 8ª edição - Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2008.

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência.** 3ª ed. rev. – Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

Sites

<http://imirante.com/oestadoma/noticias/2016/10/16/exposicao-para-celebrar-70-anos.shtml>

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=414366771984813&set=pb.100002344809055.-2207520000.1524490085.&type=3&theater>

<https://www.atelier.guide/home/tomie-ohtake-apresenta-individual-de-yoko-ono>

https://brasil.elpais.com/brasil/2013/12/19/elviajero/1387458581_160163.html

APÊNDICES

**APÊNDICE A - PROJETO APRESENTADO NAS ESCOLAS UEB DR. NETO
GUTERRES E UEB LUÍS VIANA – DISCIPLINA POÉTICAS E PROCESSOS DA
CRIAÇÃO EM ARTES**

PROF DR. VIVIANE MOURA DA ROCHA

Divinificando – uma vivência artística sobre o sagrado

- PERÍODO DE REALIZAÇÃO: 25/05/2017
 - PÚBLICO ALVO: alunos do 9º ensino Fundamental
 - ESCOLA:
 - LINGUAGEM ARTÍSTICA USADA: ARTE URBANA)
 - TEMA: “*Divinificando – uma performance sobre o sagrado*”
 - OBJETIVO: compreender a *arte contemporânea* como linguagem de arte contemporânea.
-
- METODOLOGIA:

“***Divinificando – uma performance sobre o sagrado***” é um projeto que visa, a partir de pesquisa e sustentação teórica acadêmica, desenvolver formas de inserir alunos da educação básica no universo da cultura popular através da arte, valorizando o trabalho de fruição e ateliê.

Utilizar como laboratório de estudo as manifestações da religiosidade popular, mais precisamente a Festa do Divino Espírito Santo em São Luís/MA é uma iniciativa que resulta na valorização da cultura popular, acatando a demandas hoje também atendidas por ações de salvaguarda por parte de órgãos oficiais ligados à preservação do patrimônio cultural imaterial brasileiro. Essas manifestações expressam seus significados por meio de diversas formas de arte: a dança, o canto, a música e as expressões plásticas. Na esfera das expressões plásticas, encontram-se as indumentárias, ornamentações e os objetos que compõem as ambientações dos espaços rituais. Em relação à Festa do Divino Espírito Santo, bastante praticada pelas camadas populares aqui no Maranhão, os *andores, altares, centros de mesa, abajur*

e demais adereços das ambientações desses espaços ritualísticos compõem uma estética popular determinada por conceitos tradicionais próprios, que, em geral, reinterpretem elementos da arte erudita, como o barroco, o rococó e o neoclássico, mas que ressignificam esses elementos na contemporaneidade.

Em tal projeto adotaremos a pesquisa de caráter qualitativo, mais precisamente abordando a pesquisa “etnográfica” e a “história de vida”, pois os educandos com os quais trabalhamos, mais precisamente alunos da UEB Luís Viana, no bairro da Alemanha, são oriundos de bairros de São Luís e de outras localidades da Ilha, ricos no que diz respeito às manifestações populares. Esses jovens estão mergulhados numa diversidade cultural vasta e dentre eles temos alguns participantes da Festa do Divino Espírito Santo do bairro da Alemanha e de outras localidades nesse entorno como os bairros da Liberdade, Apeadouro e Angelim. Daí surge nossa motivação em seguir a linha esse método partindo do pressuposto de que esses educandos possuem uma proximidade com esse universo da cultura popular cercada por uma riqueza visual, que frequentemente é vista de forma preconceituosa até pelos próprios alunos, por desconhecerem o valor imaterial que elas têm. Dessa maneira, manteremos o foco na Festa do Divino Espírito Santo visando este campo de pesquisa, o qual buscaremos alcançar a aprendizagem no ensino da Arte partindo da prática social do aluno, no campo da cultura imaterial. No processo de criação, onde será possível lançar mão das novas tecnologias utilizando câmeras fotográficas e/ou dispositivos móveis para produzir imagens de aspectos da cultura popular maranhense propondo a utilização das expressões da religiosidade na Arte contemporânea direcionada ao Ensino da Arte.

Pretendemos utilizar “a pomba do Divino Espírito Santo”, Símbolo maior de tal manifestação como elemento iconográfico de nosso projeto fazendo inúmeras miniaturas de pombos feitos de papel, seguir ao som das “caixeiras” em direção às três árvores que se encontram na entrada da escola UEB Luís Viana. A referente proposta, além de buscar um direcionamento do olhar da comunidade escolar para a Festa do Divino, tem como objetivo ainda trabalhar com as questões sobre a intolerância religiosa bastante comum no ambiente escolar.

CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

Atividade	Data	Horário	Local	Responsável	
Divulgação do projeto e sensibilização dos alunos quanto ao tema.	10/05 à 24/05	tarde	Salas de aula	Adriana Tobias	ok
Definição de ações para realização do projeto.	08/06	tarde	Sala de aula	Adriana Tobias e alunos	ok
Pesquisa de Campo (não obrigatório)	09, 10, 11 e 12/06	Manhã	Festa do Divino Espírito Santo em São Luís. Obs.: o aluno é livre para pesquisar em qualquer festa de São Luís. Sugestão: Casa das Minas, Casa de Mina Santa Maria	Adriana Tobias e alunos	ok
Apresentação de cronograma do projeto e apresentação de resultados da pesquisa de Campo	12/06	tarde	Sala de aula ou auditório	Adriana	ok
Aula sobre desmaterialização da arte: Performance, Land arte e Body art	21/06	tarde	Sala de aula	Adriana	ok
Aula sobre Street art e escolha da técnica a ser trabalhada	22/06	tarde	Sala de aula	Adriana	ok
Exibição de filmes sobre a Festa do Divino no Maranhão	03/08	tarde	Sala de aula ou auditório	Adriana e alunos	
Visita a Museus	10/08	tarde	Casa da Fésta e Casa do Maranhão.	Adriana, coordenação e alunos	
Definição sobre socialização do projeto com a escola e a performance "Divinificando"	17/08	Tarde	Escola	Adriana Tobias	
Organização dos materiais a serem utilizados durante a performance; Organização dos materiais a serem expostos: Vestimentas, painéis fotográficos, instrumentos e material	24/08	tarde	Sala de Idiomas	Adriana Tobias	

iconográfico da Festa do Divino.					
Culminância do Projeto	31/08	tarde	Pátio, corredores, sala de aula, entrada da escola.	Adriana e alunos	

- **REFERÊNCIAS:**

BARBOSA, Ana Mae. Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais/Ana Mae Barbosa (org.) – São Paulo: Cortez, 2005.

BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino de Arte: anos oitenta e novos tempos. São Paulo: Perspectiva, 2010. (Edição revisada).

BUORO, Anamelia Bueno. Olhos que pintam: a leitura de imagem e o ensino da arte. São Paulo, Educ/com Ped/ INEP/ FAPESP/ Cortez Editora, 2002.

DEWEY, John. **Arte como experiência**; {organização Jo Na Boydston; editora de texto Harriet Furt Simon; introdução Abraham Kaplan; tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010. – (coleção Todas as Artes).

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. Repensando o Sincretismo. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo; São Luís: FAPEMA, 1995.

GOMES, Nilma L.; GONÇALVES E SILVA, Petronilha B. Experiências étnico-culturais para a formação de professores. Belo Horizonte: Autêntica: 2002.

LIMA, Carlos de. **Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara**. 2ª Ed. Brasília: Fundação Nacional Pré- memória/ Grupo de trabalho de Alcântara, 1998.

RICHTER, Ivone M. Multiculturalidade e interdisciplinaridade. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

UNESCO. Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural. Paris: UNESCO, 2002.

ANEXOS

ANEXO A - CONVITE PARA A FESTA DO DIVINO EM CASA DE MINA SANTA MARIA – BAIRRO MONTE CASTELO

Casa De Mina Santa Maria

CONVITE

A CASA DE MINA SANTA MARIA TEM A HONRA DE CONVIDAR VOSSA SENHORIA E FAMILIA PARA PARTICIPAR DO FESTEJO EM HOMENAGEM AO GLORIOSO DIVINO ESPIRITO SANTO E SANTA MARIA, QUE SERÁ REALIZADO NO PERÍODO DE 26 DE MAIO A 12 DE JUNHO DE 2017, NA RUA OLAVO BILAC, 101, NO BAIRRO MONTE CASTELO.

PROGRAMAÇÃO

26.05 (Sexta-feira)
12H. ABERTURA DA TRIBUNA, SEGUIDO DE ALMOÇO PARA A CORTERIA E CONVIDADOS.

16H. BUSCA DO MASTRO (NA RUA PRIMEIRO DE MAIO, MONTE CASTELO)

19H. LEVANTAMENTO DO MASTRO

27.05 (Sábado)

21H. TAMBOR DE CRIOLA EM HOMENAGEM A SANTA MARIA

03.06 (Sábado)

21H. SERESTA

08.06 (Quinta-feira)

19H. VISITA DO MORDOMO RÉGIO E DA MORIDOMA RÉGIA

VISITA DOS MORDOMOS BAINOS

19.H. VISITA DAS IMPERATRIZES DE PROMESSA

09.06 (Sexta-feira)

19H. VISITA DO IMPERADOR E DA IMPERATRIZ E DAS IMPERATRIZES DE PROMESSA

10.06 (Sábado)

19H. BUSCA DA SANTA CROA, DO ANDOR DE SANTA MARIA E DO ANDOR DO DIVINO ESPIRITO SANTO

11.06 (Domingo)

05H. ALVORADA

07H. MISSA SOLENE NO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

09H. CAFÉ DA MANHÃ PARA A CORTERIA E CONVIDADOS

- BATIZADO DA TRIBUNA DO ANDOR DE SANTA MARIA E DO ANDOR DO DIVINO ESPIRITO SANTO

12H. LADAINHA AO DIVINO ESPIRITO SANTO. EM SEGUIDA ALMOÇO PARA A CORTERIA E CONVIDADOS

16H. PROCESSÃO AO GLORIOSO DIVINO ESPIRITO SANTO E SANTA MARIA, EM SEGUIDA LADAINHA AO DIVINO ESPIRITO SANTO E SANTA MARIA E JANTAR PARA A CORTERIA E CONVIDADOS

20H. NOITE CULTURAL

12.06 (Segunda-feira)

16H. CORTEJO DOS IMPERIORES E BUSCA DO ROUBO

- DERRUBAMENTO DO MASTRO
- LADAINHA AO DIVINO ESPIRITO SANTO
- JANTAR PARA A CORTERIA E CONVIDADOS
- ENTREGA DOS CARGOS



EUDISON BELFORT (EDU)
Coordenador

ANEXO B - CONVITE PARA A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO E SANT'ANA NO BAIRRO DA ALEMANHA

Festejo do
Divino Espírito Santo e Sant'Ana
Ararquinho e Sarcin
 de 22.07 a 01.08 de 2017

Dia 22/07 - Sábado
 15:00hs Abertura da Tribuna
 18:00hs Levantamento do Mastro
 21:00hs Tambor de Crioula.

Dia 26/07 - Quarta-Feira
 Solenidade de Senhora Sant'Ana
 17:00hs Homenagem dos festeiros e devotos de Sant'Ana.

Dia 30/07 - Domingo
 07:00hs Missa.
 Local: Igreja Nossa Senhora da Glória - Alemanha.
 Cortejo até a casa da Festa e festividade ao longo do dia.

Dia 31/07 - Segunda - Feira
 16:00hs Procissão do Roubo, logo após derrubamento do Mastro e Fechamento da Tribuna.

Dia 01/08 - Terça - Feira
 10:30hs Carimbó.

Padrinho do Mastro
 Rua 03 - Alemanha - São Luís - MA

Desde já Agradece:
 Helena
 Iraci
 Marinelze
 Moreno

